



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

CLARISSA SANTOS FONTOURA

**FAMÍLIA, CUIDADO E EDUCAÇÃO DE FILHOS:
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE MÃES INSERIDAS E NÃO
INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO –
ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS**

**Salvador
2014**

CLARISSA SANTOS FONTOURA

**FAMÍLIA, CUIDADO E EDUCAÇÃO DE FILHOS:
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE MÃES INSERIDAS E NÃO
INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO –
ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

**Salvador
2014**

UCSAL. Sistema de Biblioteca.

F684 Fontoura, Clarissa Santos.
Família, cuidado e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho – estudo de casos múltiplos/ Clarissa Santos Fontoura.– Salvador, 2014.
108 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.
Orientação: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

1. Maternidade 2. Família 3. Educação 4. Cuidado – Filhos I. Título.

CDU316.356.2-055.26

TERMO DE APROVAÇÃO

Clarissa Santos Fontoura


**“Família, Cuidado e Educação de Filhos: Concepções e Práticas de Mães
Inseridas e Não Inseridas no Mercado de Trabalho – Estudo de Caso
Múltiplo.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 25 de fevereiro de 2014.

Banca Examinadora:


Dr (a) Lúcia Vaz de Campos Moreira - UCSal
Orientador (a)


Dr (a) Dr (a) Miriã Alves Ramos Alcântara- UCSal


Dr (a) Celma Borges Gomes - UFBA

À

Maria Clara, filha querida, por me ensinar o ofício da maternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida, permitindo-me realizar tão almejado sonho de concluir o curso de mestrado. Minha incursão no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, os encontros e amigos que fiz durante esse percurso reforçaram a minha fé na Sua existência.

Também agradeço aos meus pais: Benedito Heitz Fontoura (*in memoriam*) e Maria Aparecida Santos Fontoura pela dádiva da vida. Sem eles eu não seria a pessoa que sou. A vocês, dedico meu mais profundo afeto e gratidão. À minha mãe, agradeço, ainda, pela presença constante, por ser um alicerce para mim. Sou grata pelo cuidado que tem comigo e que se estende à minha filha, por todo apoio e incentivo e pelo seu exemplo de mãe.

Agradeço, especialmente, à minha filha querida Maria Clara. Você ainda não compreende a dimensão dessas palavras e desse momento, mas saiba que todas as minhas aspirações e objetivos se transformaram com a sua chegada. É para você, filha, o meu amor mais profundo. Sou grata por ter sido abençoada com a experiência da maternidade, motivadora, inclusive, desta dissertação. Você é fonte inesgotável de inspiração para mim.

Um especial agradecimento à minha orientadora, professora Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira. Um exemplo de humildade, simplicidade, acolhimento e sabedoria para mim. Sou grata pela paciência, tolerância, cuidado e generosidade. E acho que tudo isso ainda é pouco. Agradeço por ser espelho de coisas boas para todos que a rodeiam. Agradeço por transmitir paz para mim. Pela profissional competente, incansável, batalhadora. Pela mãe dedicada e cuidadosa que é. Enfim, eu realmente me considero uma pessoa de sorte por ter compartilhado esses momentos com você, fui presenteada por Deus por ter tido a sua orientação cuidadosa e perspicaz.

Agradeço às professoras Dra. Celma Borges Gomes (UFBA) e Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara (UCSal), pelas ricas considerações realizadas visando a melhoria da minha dissertação.

Meu carinho especial à professora Dra. Miriã Alcântara, pela confiança depositada em mim, incentivando-me rumo a novas possibilidades de pesquisa e, assim, colaborando com o meu processo de aprendizado.

Agradeço também a professora Elaine Pedreira Rabinovich, por sua presença encantadora, pela coragem, por ser única. Por sua competência e inteligência admiráveis.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, por todos os ensinamentos, conhecimentos e aprendizado que

adquiri através dos senhores, verdadeiros mestres na arte de ensinar. Concluo essa etapa com uma bagagem intelectual infinitamente maior do que a que possuía, e isso atribuo a vocês.

Agradeço à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo apoio essencial com o financiamento desse projeto.

À minha madrinha Narcisa, pelo apoio e incentivo de sempre.

Aos meus colegas dos Grupos de Pesquisa “Família em Mudança” e “Família e Desenvolvimento Humano”, a minha gratidão pela cumplicidade e companheirismo. Ao escrever estas linhas percebo o quanto sou abençoada, pois esse é um grupo especial para mim. As quartas-feiras têm sido melhores após a chegada de vocês. Compartilhar experiências e saberes e crescer junto com vocês é uma alegria para mim.

Agradeço aos meus irmãos Vítor e Rafael, juntos compartilhamos a vida e conhecemos o sentido da família. Esse é um amor que não tem fim.

Agradeço à família Fontoura, da qual faço parte. Às minhas tias e primas queridas, em especial. Quero prestigiar cada uma de vocês aqui, pois muito do que sei sobre família, muito do que sou em família, eu aprendi com vocês.

Agradeço a minha amiga Mabel, companheira de toda a vida. O seu apoio no início dessa jornada foi fundamental. Apesar de não morar aqui em Salvador, por obra do destino, quando da época da inscrição, você estava aqui comigo e forneceu apoio decisivo para a minha tomada de atitude. Sou grata por sua presença em minha vida. Você tem o meu amor, a minha amizade e companheirismo eternos.

Agradeço a minha colega de profissão Anna Lúcia Marchesinni que, com o advento da sua gravidez, convidou-me para substituí-la em sala de aula, despertando em mim o sonho de ensinar. Naquele momento, redescobri um sentido, como se eu tivesse sido tocada por uma força maior que me motivou a chegar até aqui. Por isso, a minha gratidão.

À Kátia Rodrigues, coordenadora da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME) à época da referida substituição, por seu incentivo simples, porém fundamental. Eu consegui!

Às pessoas que acompanhei no meu percurso profissional, a minha gratidão pela confiança depositada em mim e a certeza de que aprendi muito com vocês.

Agradeço muitíssimo às mães participantes desta pesquisa de mestrado pela generosidade em me concederem informações tão preciosas ao meu estudo.

Por fim, aos funcionários da UCSal e todas as pessoas que porventura não estão registradas aqui, mas que colaboraram para a realização desse trabalho, fica registrada a minha gratidão.

FONTOURA, Clarissa Santos. **Família, cuidado e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho – estudo de casos múltiplos**. 108 f. il. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014.

RESUMO

O trabalho remunerado feminino tem causado impacto nas famílias e no cuidado dos filhos. Diante disso, a presente dissertação de mestrado objetiva a conhecer as concepções e práticas de mães de crianças (com idades entre dois e cinco anos) sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as das que não estão inseridas no mercado de trabalho. Optou-se por estudo qualitativo. Foram entrevistadas 10 mães de classe média: cinco delas inseridas no mercado de trabalho e as outras cinco não. As mães foram acessadas em clínica pediátrica de Salvador-Ba. Para a coleta de dados foi construído um roteiro de entrevista com questões predominantemente abertas. Como procedimentos, a mestranda convidou mães de crianças atendidas na referida clínica a participarem da pesquisa considerando os critérios de inclusão. As mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram entrevistadas em local de conveniência para elas. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas. As respostas obtidas foram descritas e construíram-se categorias a partir delas. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira (COM/UFBA). Os principais resultados foram: a família foi concebida como base de tudo e sentido da vida das mães. A maternidade foi considerada tarefa positiva, mas complexa, envolvendo responsabilidade e amor incondicional. As concepções de educação envolveram principalmente a orientação/ensino, o estabelecimento de limites e a transmissão de valores. Verificou-se sobrecarga de atribuições conferidas às mães acerca dos trabalhos domésticos e os direcionados à educação e cuidados dos filhos. No entanto, constatou-se que mães que trabalham contam com rede maior de apoio no cuidado e educação dos filhos, incluindo familiares e não familiares predominantemente do sexo feminino. Conforme as entrevistadas, suas famílias educam as crianças estabelecendo limites e transmitindo valores e orientações. Parece haver um consenso entre as participantes dos dois grupos de que há um maior tempo de dedicação aos filhos por parte das mães que não trabalham. Também ficou evidente a necessidade de se considerar a qualidade do tempo disponível, não apenas a quantidade. Conclui-se que a maternidade é central na vida dessas mulheres. Mesmo mais sobrecarregadas, as que trabalham contam com rede de apoio nos cuidados dos filhos e apresentam satisfação pessoal e profissional proporcionada pelo trabalho. As que não trabalham reconhecem a importância da presença delas junto aos filhos, porém, por vezes, sentem-se com muitas demandas familiares e desejavam um tempo para suprir suas necessidades pessoais e profissionais, aspirando retornar ao mercado de trabalho. Aponta-se para a necessidade de estudos futuros aprofundando a complexidade da relação família e trabalho.

Palavras-chave: Maternidade; Família; Educação; Cuidado.

FONTOURA, Clarissa Santos. **Family, childcare, and child-rearing: concepts and practices of mothers both inside and outside the labor market- multiple case study.** 108 fl. il. 2014. Dissertation (Master's Degree) – Catholic University of Salvador, 2014.

ABSTRACT

The inclusion of women in the labor market has had an impact in families and in their childcare practices. This master's dissertation thus aims to research the concepts and practices of mothers with two- to five-year-old children regarding family, childcare, and child-rearing, comparing the perspectives of mothers who are in the labor market with those who are not. A qualitative method for this study was chosen. Ten middle-class mothers were interviewed; five of whom are in the labor market and five who are not. The mothers were met in a pediatric clinic in Salvador-BA. For data collection, an interview script was constructed with primarily open questions. The researcher invited mothers of children who were treated at the aforementioned clinic to participate in the project, considering the inclusion criteria. The mothers signed the Statement of Informed Consent and were interviewed in locations that were convenient for them. The interviews were recorded and transcribed, and the responses obtained were described and used to construct categories. This study was approved by the Climério de Oliveira Maternity Research Ethics Committee (COM/UFBA). The main results were as follows: mothers viewed family as the basis of everything and the purpose of their lives. Motherhood was considered a positive – albeit complex – duty. The concepts of child-rearing involved mainly guidance/teaching, the establishment of limits and the transmission of values. The study verified an overload of tasks conferred to the mothers, regarding domestic duties as well as those geared towards childcare and child-rearing. However, it can be stated that the mothers in the labor market have a larger support network in their childcare and child-rearing, which includes relatives and non-relatives people. These duties are shared primarily among women. Their families raise their children by establishing limits and transmitting values and guidance. There appears to be a consensus among the members of the two groups that mothers who are not in the labor market have more time to dedicate to their children. It was also evident that the quality of time available, not only the quantity, must be considered. It can be concluded that motherhood is central to the lives of the women interviewed. Although mothers in the labor market are more overloaded, they have a childcare support network and demonstrate personal and professional satisfaction afforded by their work. Mothers outside the labor market recognize the importance of their presence for their children; however, they sometimes feel suffocated by family demands and wish for time to meet their personal and professional needs. Future studies are needed to further research the complexity of the relationship between family and work.

Keywords: Motherhood; Family; Child-raising; Childcare.

LISTA DE TABELA E QUADROS

Tabela 1 – Dados de identificação das participantes	48
Quadro 1 – Atividades realizadas pelas mães, durante a semana, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Salvador, 2013	61
Quadro 2 – Pessoas que cuidam das crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013	67
Quadro 3 – Pessoas que convivem e realizam atividades de lazer com as crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013	69
Quadro 4 – Pessoas que realizam atividades externas que beneficiam as crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013	70
Quadro 5 – Participação das mães com relação ao cuidado físico das suas crianças. Salvador, 2013	74
Quadro 6 – Participação das mães com relação às atividades de lazer/convivência junto a suas crianças. Salvador, 2013	75
Quadro 7 – Participação das mães com relação à educação e disciplina dos filhos. Salvador, 2013	75
Quadro 8 – Participação das mães em atividades externas envolvendo as crianças focalizadas no estudo. Salvador, 2013	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1 MUDANÇAS NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA	17
2.2 A RELAÇÃO FAMÍLIA-TRABALHO	22
2.3 DESAFIOS DA MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA	27
2.4 EDUCAÇÃO DE FILHOS	34
2.5 O ESTUDO	42
2.5.1 Objetivo Geral	43
2.5.2 Objetivos Específicos	43
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 DELINEAMENTO	45
3.2 LOCAL E PARTICIPANTES	46
3.3 INSTRUMENTO	50
3.4 PROCEDIMENTOS	50
3.5 ANÁLISE DE DADOS	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
4.1 FAMÍLIA, MATERNIDADE E ROTINA DA MÃE	52
4.1.1 Família e trajetória da formação da família atual	52
4.1.2 Maternidade	55
4.1.3 Rotina da mãe	60
4.2 CUIDADO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA FOCALIZADA NO ESTUDO	65
4.2.1 Cuidado das crianças focalizadas no estudo.....	65
4.3 ENVOLVIMENTO COM O(A) FILHO(A).....	77
4.4 TRABALHO REMUNERADO	79
4.4.1 Considerações sobre o percurso profissional.....	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE	98
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	98
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	103
APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA EM CLÍNICA PEDIÁTRICA.....	104
ANEXO.....	105
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP).....	105

1 INTRODUÇÃO

Estudar a temática família envolvendo o cuidado e a educação de filhos no século XXI implica em abordar, entre outros elementos, as mudanças que vêm ocorrendo nessa instituição. Assim, é relevante conhecer as pessoas envolvidas, os papéis desempenhados por cada uma delas e os rumos que essa instituição está tomando.

Pesquisas sobre família, cuidado e educação de filhos, além de incrementarem a produção científica, podem ser úteis para o embasamento da atuação de profissionais de diversas áreas, tais como psicólogos, advogados, pedagogos, assistentes sociais, psicopedagogos, dentre outros. Além disso, podem colaborar para a implantação de políticas familiares.

A literatura enfatiza profundas mudanças ocorridas no ambiente familiar e conseqüentemente nas práticas de cuidado e educação de crianças e jovens decorrentes da incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho, o que requer um reajuste nas relações familiares. Em paralelo, apresenta o declínio de um modelo familiar essencialmente patriarcal, sem, contudo, reduzir a quantidade de atividades das mulheres. Tais reajustes familiares comportam, inclusive, novas configurações familiares, a exemplo das famílias monoparentais, chefiadas por mulheres na maioria dos casos (ARRIAGADA, 2000, 2009; BIASOLI-ALVES, 1997; GOLDANI, 2002).

A Revolução Industrial foi um marco importante de transformação em todas as esferas sociais, incluindo o trabalho e a família. A dinâmica trabalhista que ocorria de maneira artesanal deu lugar a outro tipo de dinâmica mais exigente e comercial, demandando um maior número de pessoas no mercado de trabalho e nas indústrias e, conseqüentemente, desenvolvendo novas relações trabalhistas. Tais mudanças no âmbito da vida pública afetaram diretamente a vida privada, ocasionando uma reorganização da família (BURGUIÉRE; LEBRUN, 1998; PETRINI, 2003).

Foi também a partir da Revolução Industrial que algumas transformações ocorreram no mundo e que culminaram nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Os domínios públicos e privados foram novamente atingidos em consequência desses eventos. O mundo não mais seria o mesmo e a instituição familiar, um dos pilares da sociedade, também foi afetada.

Essa realidade foi vivenciada principalmente nos países mais envolvidos com as duas grandes guerras. As mulheres foram convocadas a atuar mais diretamente na vida pública,

trabalhando em fábricas, muitas vezes em substituição aos maridos que haviam sido enviados para a guerra e que por vezes não retornaram, ou regressaram apresentando sequelas, ficando impossibilitados, dessa maneira, de retomar a vida profissional.

Outro acontecimento relevante, fonte de transformações mundiais, foi a Revolução Sexual. Tal fenômeno, ocorrido no mundo ocidental nas décadas de 60 e 70, ocasionou mudanças significativas na vida das mulheres, a exemplo de um maior controle da natalidade. Assim, temas do universo feminino deixaram de permear a esfera privada e passaram a ser discutidos e questionados na esfera pública.

Em contrapartida ao aspecto positivo existente, Petrini (2003) considera a Revolução Sexual como o grande acontecimento responsável por mudanças categóricas na vida das mulheres e, conseqüentemente, na vida familiar das mesmas. O autor afirma que, com tal Revolução, o individualismo foi sendo cada vez mais valorizado em detrimento de qualquer outra manifestação de coletividade. Também por isso, a família foi ficando à margem da valoração social. Ele afirma:

É significativo o fato de que a última das revoluções tenha sido a sexual, quase a sinalizar o redimensionamento das metas propostas, que anteriormente se orientavam para grandes objetivos políticos e sociais e agora se limitam à esfera individual. O messianismo da primeira modernidade, que pensava em reconstruir toda a realidade humana e social, concentra-se agora, na transgressão e na irreverência diante de valores de comportamento, com vistas à liberação sexual. No plano político e social, verifica-se o declínio do socialismo real e o crescimento do neoliberalismo e da globalização ou mundialização do capital (PETRINI, 2003, p. 40-41).

Considerando todos esses elementos, o presente estudo de mestrado, que foi realizado na cidade de Salvador-Ba, pretende conhecer as concepções e práticas de mães de crianças (com idades entre dois e cinco anos) sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as das que não estão inseridas no mercado de trabalho. Tal proposta se mostra relevante em decorrência das transformações ocorridas na família, nos últimos anos, e que estão associadas, em partes significativas, às mudanças sucedidas no universo feminino e suas conseqüências na vida familiar.

Diante disso, o estudo investiga uma questão atual que é a relação entre mães que trabalham e a educação e cuidados dispensados aos seus filhos pequenos. Também se propõe a pesquisar as mães que não exercem trabalho remunerado, e analisar se existem diferenças entre esses dois grupos de mulheres.

As motivações para a realização do presente estudo de mestrado decorrem de diversos fatores. A minha escolha pelo estudo da Psicologia foi fator determinante na seleção dessa temática. Durante o meu período de formação acadêmica na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, iniciado no ano de 2000, já me chamava atenção o número maior de mulheres naquele ambiente. Passado esse período de formação, o meu olhar esteve voltado para as relações familiares e como elas se estabeleciam. Interessava-me conhecer como as mães que trabalham fora de casa e as que não atuam profissionalmente educam as suas crianças; quais as implicações decorrentes da ausência de ambos os pais no cotidiano das mesmas em consequência das demandas profissionais e de consumo; como se dá a participação dos avós na educação das crianças na atualidade, considerando que existe uma rede de apoio para que a educação aconteça enquanto as mães trabalham fora de casa; como as pessoas envolvidas se organizam em questões relacionadas ao cuidado e à educação, dentre outros pontos.

Outra motivação para a realização do estudo foi o fato de considerar a família como base importante para o desenvolvimento de uma pessoa, local de formação das primeiras impressões acerca do mundo, do desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem de valores. A família proporciona ao indivíduo o primeiro contato com o mundo ao seu redor e isso é um valor determinante para as suas escolhas futuras. Por outro lado, na atualidade, essa instituição passa por diversas modificações, e a possibilidade de conhecer mais sobre essas transformações também motivaram a realização desse estudo.

Esta pesquisa resulta não somente das minhas atividades acadêmicas, como também da experiência profissional que tive inicialmente realizada durante os anos de 2008 a 2011, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que corresponde a uma unidade pública estatal descentralizada responsável pela oferta de serviços de Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social.

Nesse período, atuei junto a famílias beneficiadas pelo Programa Social Bolsa Família. Essa prática me permitiu o contato direto com famílias de diferentes configurações. Numa análise mais aprofundada, percebi que a maioria delas era composta por mães e seus filhos, as chamadas famílias monoparentais. Essa experiência me permitiu a realização de aconselhamentos a diversas mulheres, bem como atendimentos familiares, grupos terapêuticos de mães e de crianças, estabelecendo uma boa vinculação com tais famílias e despertando em mim o interesse por estudar esta instituição.

A partir de 2011, ao final dessa experiência e atuando de maneira mais efetiva como psicóloga clínica, realizando atendimentos voltados para a população de classe média, percebi dificuldades semelhantes em algumas mulheres em decorrência da quantidade de papéis assumidos por elas, suas diversas responsabilidades e as angústias derivadas dessas demandas, acompanhadas de uma sensação constante de “não estar dando conta” de suas tarefas ou responsabilidades.

Conhecendo essas duas realidades, compreendi que independentemente da classe social em que estão inseridas, as mulheres apresentam um discurso de culpa, como se não atendessem plenamente às diversas demandas a elas impostas.

Rocha-Coutinho (2003), em estudo realizado com 12 mulheres cariocas e executivas, com idades entre 25 e 45 anos, formadas em administração de empresas, economia e diferentes cursos de engenharia, aponta para essa realidade das mães que trabalham fora, quando confirma a necessidade que tais mulheres possuem em conciliar a vida profissional e suas intensas demandas com as não menos importantes demandas da vida familiar, incluindo atenção ao marido, cuidados com a casa, sua manutenção e organização bem como o cuidado com os filhos e educação dos mesmos, apontando para a necessidade de mais estudos que abordem essa temática.

Para a autora, algumas mães possuem sentimentos ambivalentes relacionados a essa díade família-trabalho. Ao mesmo tempo em que consideram essencial a vida profissional, valorizam a vida familiar e acreditam ter a capacidade de conciliação dessas duas esferas. Entretanto, o discurso dessas mulheres é marcado por palavras como “responsabilidade” e “culpa”, além de possuírem, apesar do *status* profissional, uma visão de que a sua renda serve apenas como uma “complementação”, ou seja, uma visão bastante arcaica e antiquada.

Arriagada (2000, 2009) contempla essa realidade ao destacar que, apesar dos avanços femininos, ainda não existem grandes mudanças no quesito compartilhamento de cuidados dos filhos e vida doméstica. Para Rocha-Coutinho (2000, p. 81), “parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades”.

Sendo assim, independente do contexto da família e/ou da classe social a que pertença, há diferentes concepções de mães acerca dos seus papéis que precisam ser avaliadas, resgatadas e estudadas, favorecendo a elucidação de vivências e concepções sobre família, cuidado e educação de filhos.

Ainda abordando minhas motivações para tal estudo, a atuação profissional se entrelaça com a minha vida pessoal. Nesse âmbito, um dos acontecimentos mais marcantes foi o nascimento da minha filha Maria Clara, hoje com seis anos de idade. Apesar de ter sido uma gestação não planejada, foi bem vinda, e só aguçou o meu interesse pelo estudo da maternidade e das práticas de cuidado e educação de filhos. A gravidez inesperada no período de conclusão da faculdade ocasionou conflitos com o surgimento de novas responsabilidades. Em contrapartida, vivenciei um grande amor por minha filha, sendo tomada por um sentimento forte de determinação.

Em consonância com essa realidade de novidades e conflitos oriundos da experiência da maternidade recente, a cada dia ficava mais nítida a minha vocação profissional e o meu interesse pela Psicologia. Tal despertar teve a sua concretização na ocasião em que retornei às atividades profissionais, época em que minha filha tinha completado nove meses de idade.

A partir daí, os questionamentos relacionados ao meu papel de mãe, às minhas práticas de educação para com a minha filha, às pessoas que faziam e fazem parte da minha rede de apoio e em especial, à qualidade do meu tempo com ela surgiam a todo o momento.

Assim, partindo de demandas pessoais, de ponderações profissionais e da revisão de literatura, identifiquei a importância da reflexão sobre família, cuidado e educação de filhos na perspectiva de mães de classe média da sociedade atual. A necessidade de estudos como este é levantada por Rocha-Coutinho (2003); Wagner (2005); Arriagada (2009), Moreira e Nardi (2009); Moreira e Biasoli-Alves (2012) e Rabinovich, Moreira e Franco (2012), dentre outros estudiosos. As autoras citadas consideram relevante a investigação de temas que envolvem a maternidade e como se dá a conciliação das diversas esferas constituintes da mesma, a exemplo: a família, o trabalho, os cuidados e a educação dos filhos.

Portanto, a minha proposta é a busca pela elucidação de tais questionamentos. Sendo assim, ainda que eu não consiga esclarecer todos os objetivos elencados, para mim já será uma grande conquista auxiliar no entendimento das questões práticas da vida cotidiana das mulheres.

Como partes da presente dissertação têm-se:

O capítulo introdutório que apresenta as justificativas e motivações para a realização do estudo.

O segundo capítulo – Revisão da Literatura – que aborda: as mudanças na família contemporânea; a relação família-trabalho; os desafios da maternidade contemporânea; o cuidado e a educação de filhos e os objetivos geral e específicos do estudo.

O terceiro capítulo descreve o método percorrido na investigação, que utiliza abordagem qualitativa.

O quarto capítulo apresenta os resultados encontrados no estudo a partir de entrevistas realizadas com as 10 mulheres participantes da pesquisa e discute tais resultados à luz da literatura abordada.

Por fim, nas considerações finais são retomados os objetivos do estudo e é apresentada uma síntese dos principais resultados respondendo a cada um desses objetivos. Além disso, apresenta a necessidade de outros estudos que aprofundem temas tratados nesta dissertação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Um estudo que se propõe comparar as concepções de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho sobre família e práticas de cuidado e educação de filhos, requer o aprofundamento de temas envolvendo a família, a educação, a parentalidade e a maternidade, os cuidados com filhos e a relação família-trabalho. Tais temas serão abordados no presente capítulo.

2.1 MUDANÇAS NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A família é reconhecida nas Ciências Humanas e no senso comum como base das relações sociais, estrutura representativa do acolhimento, onde se originam tais relações; de onde o indivíduo sai e para onde ele retorna.

Seu valor é reconhecido “desde o início da história humana até hoje” (DONATI, 2008, p.55) diante do caráter *suprafuncional* que ela assume por ser considerada um fenômeno social total, que abriga dimensões biológicas, psicológicas, econômicas, sociais, jurídicas, políticas e religiosas (DONATI, 2008). O autor também sinaliza o quão fundamental é essa composição para a formação das pessoas, fornecendo-lhes estabilidade, consistência e capacidade de maturação da identidade pessoal.

De acordo com a Norma Operacional Básica da Assistência Social – NOB (2005), família é o núcleo social básico de acolhida, convívio, autonomia, sustentabilidade e protagonismo social. Considerada a unidade matricial da sociedade, a família é uma instituição que oferece instrumentos para a construção da identidade dos seus membros. A NOB (2005) se constitui como um instrumento de normas de regulação dos conteúdos e definições da Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004), vinculada ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e também ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012) utiliza o seguinte critério como instrumental para identificar a família:

Conjunto de pessoas que vive em um domicílio particular, cuja constituição se baseia em arranjos feitos pela pessoa, individualmente ou em grupos, para garantir alimentação e outros bens essenciais para sua existência. Sua

formação se dá a partir da relação de parentesco ou convivência com o responsável pela unidade doméstica, assim indicada e reconhecida pelos demais membros da referida unidade como tal.

Biasoli-Alves (1997) e Passos (2005) apontam para a existência de um entrelaçamento entre o novo e o velho, o individual e o coletivo, o visível e o invisível. As autoras confirmam a influência que cada componente exerce sobre o grupo familiar a que pertencem, identificando ação correspondente do grupo familiar na vida pessoal de cada membro. Essa realidade é uma constante na vida familiar de modo geral e favorece o constante processo de aprendizagem entre diferentes gerações.

Scabini (2012) em sua reflexão acerca da transmissão intergeracional reitera tal afirmação, pois compreende a transmissão intergeracional na família como a possibilidade de transferência de patrimônio afetivo e de valores das gerações mais velhas para as mais novas, reconhecendo a capacidade que as novas gerações possuem de decidir aquilo que merece ser acolhido e/ou descartado, observando, assim, o compromisso que essa comunicação entre gerações possui em dar sentido e continuidade às relações familiares de modo geral (WAGNER, 2005).

Tal ideia vista em Passos (2005) e Scabini (2012) é acolhida por Donati (2008). Em seu estudo sobre a teoria relacional da sociedade, o autor afirma que toda a realidade social é formada por relações sociais distintas e variam entre diferentes culturas. Para ele, a família apresenta diversas formações e modos de vinculação, sendo essa uma característica própria da sociedade contemporânea. Os indicadores de diferentes tipos de relações familiares apenas reforçam a importância da instituição familiar e a busca das pessoas de modo geral pela formação das mesmas, ainda que de maneira pluralizada.

Donati (2008) também concorda com a ideia de que a família obedece a ciclos. Na contemporaneidade emerge o conceito de “cursos de vida”, e a família se apresenta como sendo um entrelaçamento de cursos de vida individuais, de pessoas que se agregam e se desagregam com maior contingência sem abandonar a ideia original de ciclos, visto que essa é uma instituição que também os possui, o que colabora para que a transmissão intergeracional aconteça.

Fica clara a concordância de diversos autores acerca da família (DONATI, 2008; PASSOS, 2005; PETRINI, 2010; SCABINI, 2012), eixo das relações sociais, local de transmissão de valores, de perpetuação e reconhecimento dos membros pertencentes a ela;

lugar que envolve acolhimento e obedece a ciclos, sendo ainda considerada por muitos como a forma predominante de estruturação da vida em grupo na maior parte das sociedades.

Contudo, é válido ressaltar que a família é um dos eixos importantes das relações sociais, mas não o único. Ao longo da vida, as pessoas estabelecem diversos tipos de relacionamentos e vínculos externos à família, sendo influenciados por tais relações e também as influenciando.

Na sociedade brasileira contemporânea, a instituição familiar vem passando por profundas transformações em seus modos de estruturação das relações revelando um intenso dinamismo intersubjetivo, percebido nas relações conjugais e parentais (DONATI, 2003, ARRIAGADA, 2009; PETRINI, 2003; RABINOVICH; MOREIRA, 2011; SCABINI, 2012).

Dessen (2010) cita importantes mudanças ocorridas na instituição familiar quando da passagem do modelo familiar hierárquico (década de 1950) até o modelo igualitário (década de 1980). São elas: maior aproximação dos papéis exercidos entre os homens e as mulheres, relações parentais menos calcadas no autoritarismo e mais igualitárias, a passagem da família mais extensa para um modelo familiar mais nuclear fragmentado e privatizado, reafirmando os passos dinâmicos ocorridos nessa instituição após tais acontecimentos.

Arriagada (2009), ao realizar estudo sobre as “Diversidades e Desigualdades das Famílias Latino-Americanas”, também aponta para a transformação da família nos últimos anos. Tais mudanças contemplam o aumento da quantidade de famílias monoparentais sendo chefiadas em sua maioria por mulheres; o crescente número de famílias recompostas, vindas de recasamentos; verifica a mudança de um modelo social que tinha o homem como principal provedor para um modelo social mais diversificado, que inclui maior participação feminina. Aponta para o aumento de lares individuais, evidenciando uma maior individuação dos sujeitos envolvidos em sociedade. Mesmo diante das diversas mudanças citadas, a autora afirma haver uma maior aceitação social desses diversos tipos de lares.

Arriagada (2009) contempla também a realidade das mulheres na atualidade, ressaltando um movimento de maior responsabilidade profissional, ao mesmo tempo em que assumem o comando de suas casas e apresentam um maior distanciamento entre o nascimento do primeiro filho e o segundo, fenômeno que também está intimamente ligado aos recasamentos e à participação mais ativa das mulheres no mercado de trabalho.

Outro ponto significativo desse estudo é a constatação de que as famílias latino-americanas observadas são as que possuem maior desigualdade em todo o mundo. As

desigualdades são provenientes das seguintes diferenças: entre classes sociais, étnicas e raciais e de gênero. Esse fenômeno é importante para um estudo como este que apresenta a relação família, trabalho, cuidado e educação de filhos como cerne da questão. Saber que estatisticamente fazemos parte de um ambiente tão desigual é de fundamental importância. Os acontecimentos ocorridos na América Latina e mais especificamente no Brasil, diante de tais estudos tornam-se mais claros e essa nitidez auxilia na compreensão de como tais fenômenos afetam a vida dos brasileiros.

A autora aponta também para grandes desafios na esfera política, em especial às Políticas Públicas, reconhecendo como ponto de partida, o fato de que estamos vivendo hoje diferentes configurações familiares. Sendo assim, para a pesquisadora, aceitar essas novas configurações é um passo importante para que sejam repensadas as políticas destinadas às mesmas, em paralelo à promoção de políticas familiares que favoreçam os vínculos e a atuação de um Estado que garanta políticas de serviços para aqueles que não podem promover a sua autonomia por algum motivo, seja ele qual for, tais como crianças, idosos, pessoas com algum adoecimento ou deficiência (GOLDANI, 2002).

Tal perspectiva é apontada também por Goldani (2002):

A ênfase atual na família, como *locus* privilegiado para promover programas e políticas sociais, visando a mudanças de comportamento (em termos de autocuidado, planificação familiar, relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis), e como fonte substituta ou complementar de muitas necessidades não oferecidas pelo Estado (cuidado com crianças e idosos), pode ser entendida pelo menos em dois sentidos: (a) reconhecimento de que as famílias se mantêm como importante instituição formadora de valores, atitudes e padrões de conduta dos indivíduos, e como tal, com uma imensa flexibilidade e capacidade de gerar estratégias adaptativas; (b) nas mudanças fundamentais no envolvimento do Estado em termos econômicos e de bem-estar da população (GOLDANI, 2002, p. 30).

De um modo geral, apesar das constantes transformações a que é submetida, a família ainda é considerada um pilar da sociedade e a sua formação é almejada por muitos, tendo sua força relacionada à segurança, acolhimento e bem-estar social. Sendo assim, percorrer caminhos esclarecedores sobre essa instituição é relevante, como também o é a possibilidade de vislumbrar a perspectiva apontada por Arriagada (2009) quando cita as Políticas Públicas como fatores fundamentais para a melhoria na qualidade das relações estabelecidas no âmbito familiar.

Desse modo, a instituição familiar, apesar de todas as transformações citadas anteriormente, continua sendo considerada e reconhecida socialmente como constitutiva da identidade primária das pessoas, lugar determinante para a educação e formação do caráter das mesmas (BIASOLI-ALVES, 2002; GOLDANI, 2002; PETRINI, 2003; JABLONSKI, 2007; PETRINI, 2008; ARRIAGADA, 2009).

Petrini (2008) reconhece a complexidade dos estudos envolvendo a temática da família diante da pluralidade de aspectos e indivíduos envolvidos nessa instituição, todavia, é categórico em afirmar que ela ainda é o espaço para a ocorrência de relações de reciprocidade e troca entre gêneros e gerações, reiterando a riqueza da mesma enquanto formadora de pessoas para a vida em sociedade.

Na atualidade, instituições sociais importantes como a família permanecem, porém com outra roupagem. O caráter individualista que a sociedade vem atingindo, o aumento dos divórcios e recasamentos, a queda da taxa de natalidade e a cada vez maior presença da mulher no mercado de trabalho são fatores que colaboram para a ocorrência dessa realidade diferenciada (PETRINI, 2003; ARRIAGADA, 2009; IBGE, 2012).

Em contrapartida, Carvalho e Szymanski (2002) e Petrini (2008) afirmam que a expectativa existente no imaginário coletivo é de que a família produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos e da educação primária, inclusão social na comunidade e sociedade, vínculos relacionais de pertencimento, dentre outros aspectos que equilibram elementos negativos que emergem em estudos relacionados à mesma.

É válido destacar que os referidos autores citados afirmam que essas expectativas são apontadas como possibilidades e não garantias. No âmbito da vida cotidiana ocorrem processos constantes de transformação, perdas, conflitos e tensões que nem sempre são vividos da maneira adequada ou da maneira idealizada por muitos, no sentido da condução e resolução de conflitos existentes.

Em conformidade com pontos aqui apresentados sobre família, Jablonski (2007) avalia algumas particularidades dessa instituição. Destaca que a própria definição de família está em questão, visto que o modelo herdado dos anos 50, no qual o pai sai para trabalhar e a mulher fica como cuidadora dos filhos, está em extinção, dando lugar, principalmente nos grandes centros urbanos, a famílias nas quais o casal trabalha fora, em alguns casos não mais no primeiro casamento (os chamados recasamentos), ou ainda aponta para a existência de famílias monoparentais, em sua grande maioria, chefiadas por mulheres.

Petrini (2003) afirma que o *Welfare State*, fenômeno ocorrido mais ativamente em países do primeiro mundo (principalmente países do continente europeu) e que aqui no Brasil ficou conhecido como o Estado de Bem-estar Social, foi um movimento que defendeu a garantia de direitos sociais indissociáveis à existência de qualquer cidadão, ao contemplar movimentos sociais de amparo aos idosos, às crianças e às mulheres, focados em suas instâncias individuais na contramão de objetivos coletivos, tomando como exemplo qualquer movimento social em prol da comunidade, tal como a família.

O autor discorre sobre as transformações ocorridas na família nos últimos anos em consequência dos movimentos sociais, considerando também outras origens de mudanças decorrentes do próprio dinamismo da sociedade. Aponta a importância histórica da instituição família, como base matricial do próprio processo civilizatório, sem deixar escapar os momentos de crise que tal instituição enfrentou.

No decorrer da evolução histórica, a família permanece como matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas. É por isso que, apesar da variedade de formas que assume e das transformações pelas quais passa ao longo do tempo, a família é identificada como o fundamento da sociedade. Nesse sentido, podem ser reconhecidos na família os caracteres de universalidade e de constância no tempo, como relação social primordial e universal (PETRINI, 2003, p. 65).

Petrini (2003) apresenta dados relevantes envolvendo a realidade e a contextualização da família na Pós-modernidade revelando que, apesar de todas as transformações e o forte apelo ao individualismo, ela permanece como base da sociedade, fazendo parte do imaginário coletivo e dos objetivos a serem alcançados pela maioria das pessoas.

Feita essa primeira análise sobre a família contemporânea, reafirma-se a importância da reflexão acerca de temáticas que a envolvam, especificamente o estudo ao qual aqui se dedica a respeito das concepções e práticas maternas sobre família, cuidado e educação de filhos.

2.2 A RELAÇÃO FAMÍLIA-TRABALHO

A Revolução Industrial foi um importante acontecimento histórico iniciado na Inglaterra em meados do século XVIII. A produção de bens de consumo que era realizada de

modo artesanal foi substituída pelo uso de máquinas, transformando o cotidiano das pessoas e a relação das mesmas com o trabalho (BURGUIÉRE; LEBRUN, 1998).

A realidade do trabalho vem sofrendo mudanças importantes desde a Revolução Industrial quando se iniciou um novo modo de produção capitalista, promovendo transformações sociais relevantes, como relata Petrini (2003). Na atualidade há uma constante implantação de novas tecnologias, principalmente as de informática associadas às novas configurações de trabalho e à existência de nichos de desenvolvimento profissional diferenciados, antes impensados.

As modificações sucedidas no mundo do trabalho, com o advento da globalização (também chamada de terceira revolução industrial), o desenvolvimento acelerado de novas tecnologias e a própria reestruturação organizacional e produtiva que essas mudanças acarretaram, apontam para alterações nas empresas de um modo geral, envolvendo, nessa perspectiva, mudanças desde a gestão de pessoas até as relações trabalhistas, afetando, conseqüentemente, as esferas sociais e pessoais dos envolvidos, de acordo com Abraão e Pinho (2002).

Diante de uma realidade social plural e em constante transformação, a vida familiar tem sido afetada. A investigação sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho, em decorrência de mudanças sociais, é um dado que adita outras mudanças, mais especificamente no âmbito familiar dessas mulheres. Sendo assim, estudos voltados para a relação entre família e trabalho têm um caráter bastante elucidativo e de grande relevância para a sociedade brasileira atual.

Freyre (2003), em seu livro intitulado “Casa-grande & senzala”, traça um panorama da formação da família brasileira sob o regime patriarcal vigente no Brasil colônia, informando sobre hábitos alimentares, valores materiais, hábitos de vestimenta, animais existentes à época, cantigas, relações primárias para a atual constituição social, dentre outros. Destaca a casa-grande e a senzala e suas contribuições para a formação sociocultural brasileira. Descreve a casa-grande patriarcal como fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, hárem, convento de moças, hospedaria e banco, tecendo, assim, a importância atribuída à casa-grande nas relações sociais do Brasil colônia e a apresentando como um reflexo da sociedade brasileira à época, associando a sua estrutura arquitetônica ao patriarcalismo, apresentando a capacidade que esse ambiente tinha de comportar não só a família do patriarca da localidade, como também os agregados e as famílias dos seus servos/escravos. Escreve

também sobre a miscigenação entre índios, brancos e negros e o resultado dessa mistura que é a sociedade brasileira.

Retomando a relação família-trabalho aqui apresentada, pode-se perceber que desde os tempos do Brasil colônia, a mulher já desempenhava trabalho escravo, seja nas casas-grandes e/ou nas lavouras de café e açúcar.

É natural que essa promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidades físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe (FREYRE, 2003, p. 226).

A presença feminina em atividades laborais foi se aprimorando com a passagem do tempo. Se antes as mulheres estavam fortemente segregadas às ocupações identificadas como trabalho doméstico, tal realidade modificou-se com o processo de industrialização e a necessidade de força trabalhista devido ao crescimento industrial.

Almeida (2012) afirma que as mulheres brasileiras realizam diversos tipos de trabalho desde a época do colonialismo, com ênfase para as mulheres de classes mais baixas. No entanto, segundo a autora, a realidade trabalhista se converteu num objetivo para as mulheres brasileiras de classe média, especialmente após a década de 60 (do século XX), com o advento da Revolução Sexual e todas as implicações sociais acarretadas por ela. Assim, as mulheres de classe média se depararam com uma nova rotina: a dos cuidados domésticos somados às experiências e atribuições da vida profissional. Nesse sentido, é comum serem encontradas dificuldades na conciliação trabalho-família por parte das mulheres de diferentes classes sociais.

Dessen (2010) também identifica tal realidade e, segundo ela, a nova rotina da mulher brasileira reafirma as transformações que o gênero feminino vivencia nas últimas décadas. Tais mudanças perpassam por uma modificação na alimentação, nos cuidados com seus filhos, abrangendo uma nova maneira de comunicação mais aberta ao diálogo, mudanças na vida profissional, na relação com empregados, na socialização com as pessoas, dentre outras.

Dados do IBGE (2012), partindo do Censo realizado em 2010, apontam para uma crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho entre os anos 2000 e 2010, passando de 35,4%, em 2000, para 43,9%, em 2010, revelando-se um crescimento mais acentuado que

o dos homens (61,1%, em 2000, para 63,3% em 2010). Também publicam maior inclusão feminina nos cursos universitários, revelando o percentual de pessoas com pelo menos o nível superior de graduação completo de 9,9% para o contingente masculino e 12,5% para o público feminino.

Rocha-Coutinho (2003), em seu estudo com mulheres executivas e mães, afirma que as brasileiras, pelo menos as de classe média e alta, são educadas para competir e crescer profissionalmente, ao mesmo tempo em que são treinadas para ser o sustentáculo de suas famílias, atuando como esposas e mães, alistando, assim, diferentes responsabilidades.

Almeida (2012) e Rocha-Coutinho (2003) estudam a nova realidade da mulher de classe média brasileira. Uma realidade que reúne trabalho, afazeres domésticos e cuidados com filhos, dessa maneira, somando funções e preocupações. Entretanto, para elas, o trabalho é visto como um importante projeto individual, responsável pela geração de gratificação pessoal. É também visto como um elemento relevante no processo de construção da identidade dessas mulheres.

Desde muito cedo as mulheres aprendem com brincadeiras e exemplos familiares a absorção de papéis essencialmente femininos e voltados para a formação do lar e da família. Em contrapartida, a mulher que busca o mercado de trabalho na atualidade, deixa de ser uma exceção, passando a ser uma regra. O choque dessas duas realidades e a falta de conhecimento de como atuar de maneira mais harmônica com essa díade família-trabalho, conciliando as diversas demandas, podem gerar conflitos e até mesmo exaustão na mulher.

Outro ponto é a transmissão de valores educacionais diferentes em se tratando de distintas gerações. Aquilo que é passado de uma mãe para uma filha, não necessariamente vai ser copiado numa futura geração (WAGNER, 2005; SCABINI, 2012). Esse fator já é suficientemente forte para imprimir mudanças nas relações familiares. Existem valores comuns transmitidos às diversas gerações, a exemplo dos valores pessoais e de conduta, porém na educação obtida pelas mulheres contemporâneas, de uma maneira geral, a importância do trabalho e da vida profissional se configura como um valor significativo a ser transmitido, diferentemente de décadas passadas, sendo uma das razões que justificam e reafirmam a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Segundo Almeida e Moreira (2011), há uma combinação de fatores que corroboraram para a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, como, por exemplo, o avanço da industrialização e das reivindicações femininas, coincidentemente ocorrendo num

período que perpassou os anos 70-80, e que foi palco também de um processo de transformação na esfera da educação, numa tendência à universalização da educação em contexto institucional, o que permitiu um melhor trânsito para as mulheres em diferentes esferas além da vida doméstica e familiar, mediante a maior facilidade de acesso a essa nova configuração social.

Entretanto, essa realidade feminina é composta por expectativas contraditórias. Uma vez já inseridas no mercado de trabalho, Rocha-Coutinho (2000, 2007) afirma que muitas dessas mulheres sentem-se descontentes e aborrecidas com a discriminação sexual no ambiente profissional ainda presente nos dias de hoje. Apontam, ainda, para uma responsabilidade desigual com a casa, marido e filhos, ao mesmo tempo em que se sentem culpadas por não estarem conseguindo atender às suas responsabilidades com o nível de excelência por elas almejado nessas diferentes esferas de atuação.

Da mulher atual é cobrado o exercício de diversos papéis, tais como o de mãe, esposa, dona de casa, profissional, filha, irmã, dentre tantos outros. Espera-se que, diante da “naturalidade” destes papéis, eles sejam desempenhados com certa fluidez e excelência, exatamente pela maneira como socialmente são reconhecidos, considerados como pertencentes da natureza feminina.

Biasoli-Alves (2000), em estudo realizado na região Sudeste, com homens e mulheres de diversas faixas etárias, nascidos a partir do final do século XIX até meados dos anos 70, com o objetivo de analisar as mudanças e continuidades no papel da mulher, apresenta como resultados novas formas de visibilidade da mulher, adquirindo novos contornos diante da sociedade, não mais sendo vista apenas em aspectos de fragilidade e cuidados com a prole, mas estabelecendo novos caminhos sociais e profissionais. Ela assinala a contradição vivenciada pelas mulheres de classe média inseridas no mercado de trabalho, considerando que, apesar da satisfação pessoal com a realização educacional e profissional, espera-se que tais mulheres desempenhem outros papéis voltados para atividades domésticas e de submissão aos homens, havendo, assim, um conflito.

Conforme apontam Petrini, Alcântara e Moreira (2009, p. 4), “muitos fatores externos à família entram em jogo para redefinir os valores e critérios, os modelos de comportamento de cada membro”: a inserção da mulher no mercado de trabalho; pais que trabalham em horário integral; a influência da televisão e redes sociais em contraponto com a presença dos pais na convivência e transmissão de valores e a participação ativa da instituição

de educação infantil no processo educacional das crianças são alguns dos exemplos das realidades social e familiar atuais.

De fato, as mulheres vivem, na atualidade, sentimentos contraditórios relacionados à vida profissional e a dedicação aos filhos. Os dois campos de atuação exigem bastante tempo e investimento emocional. Portanto, sentimentos de culpa, desânimo e sensação de incapacidade são alternados com sentimentos de realização pessoal e gratificação.

Quando lançadas as palavras trabalho e família, na biblioteca virtual: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) foram encontrados aproximadamente 4.300 resultados em formatos de artigo. Lançadas as palavras trabalho feminino e família, no *Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS), foram encontrados 454 artigos relacionando tais temáticas. Na página virtual da *American Psychological Association* (APA), as palavras mulher, trabalho e família resultaram em um total de 667 artigos relacionando-as. Esses indicadores demonstram haver um interesse por parte de pesquisadores na realização de investigações mais aprofundadas sobre a difícil relação envolvendo o trabalho feminino e a família.

Conciliar família e trabalho é uma tarefa delicada, porém, cada vez mais comum no cotidiano das pessoas. A vida familiar segue em consequência das escolhas feitas por essas mulheres, em paralelo à vida profissional. Equilibrar o grau de envolvimento em projetos pessoais e profissionais é uma questão passível de investigação em estudos futuros, considerando a relevância dessa temática para a sociedade contemporânea.

2.3 DESAFIOS DA MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA

São muitos os desafios existentes no exercício da maternidade na contemporaneidade. Um grande contingente de mulheres está inserido no mercado de trabalho sem com isso abdicar de outros projetos pessoais, como a formação de famílias, planejamento e concepção de filhos e cuidados com afazeres domésticos, sendo evidente a quantidade de papéis e responsabilidades atribuídas às mesmas.

Recente estudo realizado por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) com 170 universitários baianos focalizando relações, papéis e comportamentos dos membros das famílias baianas apresentou como um dos resultados a centralidade do papel da mãe nas famílias dos participantes. Para eles, a mãe é a responsável pela manutenção da união familiar

e do ambiente agradável, é aquela que dá suporte emocional, realiza afazeres domésticos, resolve conflitos. É considerada também como a pessoa responsável pela transmissão das tradições familiares, além de ser figura essencial nos cuidados e na transmissão de afeto.

Tal pesquisa replicou estudo realizado por Georgas, Berry, Vijver, Kagitçibasi e Poortinga (2006, *apud* RABINOVICH, MOREIRA, FRANCO, 2012), psicólogos norte-americanos que investigaram famílias em 30 países, incluindo o Brasil, abordando a temática da família, a partir de duas questões básicas: a existência (ou não) de semelhanças e diferenças entre as famílias localizadas em várias partes do mundo e se estaria havendo um padrão de vida familiar que pudesse ser incorporado como padrão único universal. Esse estudo apontou a mãe como figura mais lembrada e de maior importância em todos os países pesquisados, reafirmando a sua centralidade nas famílias da sociedade de um modo geral. Sugere mudanças nos valores relativos às relações hierárquicas nas famílias e apresenta relações mais igualitárias como ideais, considerando tais mudanças de valores como os mais importantes indicativos de transformações nas famílias, conforme estudo apresentado por Rabinovich, Moreira e Franco (2012), a exemplo da rejeição do modelo autoritário historicamente atribuído ao pai, mantendo os demais familiares submissos às decisões do mesmo.

As informações apresentadas acerca da centralidade da figura materna nas famílias indicam a importância da maternidade na sociedade contemporânea. Ao pai, cabe, ainda, a responsabilidade de provedor que, no entanto, é cada vez mais ofuscada, diante da participação ativa da mulher na divisão de tarefas e despesas com o marido em proporções de igualdade, refletindo uma perda gradativa do poder do pai, porém sem a ocorrência da diminuição das funções atribuídas à mulher.

Recente estudo realizado por Moreira e Nardi (2009) com a participação de 14 mulheres de diferentes classes sociais da cidade do Rio Grande do Sul (PA), apresenta algumas normatizações estabelecidas socialmente e assimiladas pelas mães estudadas como sendo fatores determinantes de conduta das mesmas. São elas: a regulação do número de filhos (que diz respeito à quantidade “socialmente esperada” de filhos que uma mulher “pode” ter), normas relativas ao tempo certo para o acontecimento da gestação (considerando a adolescência como cedo demais e após os 40 anos como tardia, ideia pertinente às mulheres aqui estudadas) e normas que dizem respeito às condições adequadas, tais como questões financeiras e ambientais. Nesse estudo, mães que por ventura não tivessem condições

financeiras adequadas antes do nascimento dos seus filhos, as buscaram, após a chegada dos mesmos, considerando a autonomia financeira como outra forma de normatização.

Pesquisa qualitativa realizada por Almeida (2012) buscou por meio de entrevistas e grupos focais a compreensão do significado de maternidade, dos cuidados infantis e do trabalho para 28 mães de diferentes classes sociais, com idades entre 21 e 40 anos, sendo quatro dessas mulheres de classe média e inseridas no mercado de trabalho e outras vinte e quatro restantes de classe social mais baixa, residentes na cidade do Rio de Janeiro. A autora identificou que as concepções das mães das diferentes classes acerca da maternidade e dos cuidados com as crianças são compartilhadas independente da classe social a que estão inseridas. As mães estudadas associam a maternidade a cuidados com seus filhos e se consideram as pessoas mais responsáveis por eles, apresentando uma conotação de emotividade em suas respostas.

Apesar das concepções sobre maternidade se assemelharem em diferentes classes sociais, em se tratando da vida profissional, as mães de classe média entrevistadas vincularam tal atividade à realização pessoal, garantindo, assim, boas creches e/ou funcionárias para lidar com os cuidados dos seus filhos. Já no discurso das mães de classe social mais baixa, o trabalho está fortemente vinculado à complementação de renda, ou até mesmo como garantia da principal renda familiar, sendo aqui percebida uma diferença entre as concepções nesse quesito. Ainda que muitas mulheres de classe média, com os seus proventos garantam também o sustento das suas famílias assim como as mulheres de classe social inferior, a sua relação com a esfera profissional, conferindo a ela o aspecto da satisfação pessoal, pode indicar uma diferença relacionada ao grau de instrução das mesmas.

Sobre a possibilidade de recorrer a creches/escolas e/ou funcionárias para a divisão dos cuidados com seus filhos, Almeida e Moreira (2011) apontam para a importância da presença dos colaboradores, formando uma rede de apoio tanto nos cuidados quanto na educação de filhos. Conferem a essa colaboração como fator determinante para a inserção da mulher no mercado de trabalho, no sentido da tranquilidade gerada ao saber que seus filhos estarão bem cuidados, por pessoas de confiança. Tais cuidadores são as avós, professoras e babás, apontadas como as principais colaboradoras no referido estudo, realizado com responsáveis por crianças matriculadas em uma instituição de educação infantil que atende população de classe média alta de Salvador (BA).

A inserção do quesito “colaboradores” no item que aborda os desafios da maternidade contemporânea tem relevância, pois um fator determinante para a maior

segurança e desenvolvimento profissional das mães, é a certeza de que seus filhos estarão protegidos e bem cuidados, enquanto as mesmas podem desempenhar suas atividades profissionais. Diante da possibilidade de os filhos serem matriculados cada vez mais cedo em instituições de educação infantil, as mães podem compartilhar com tais instituições o cuidado e a educação de suas crianças e ficarem com tempo disponível para a atuação profissional.

Em estudo desenvolvido por Fleck e Wagner (2003), em Porto Alegre (RS), foram selecionadas, intencionalmente, três famílias considerando o critério de superioridade da renda feminina se comparada à renda masculina, com nível socioeconômico e cultural mediano. Tal estudo revelou que, apesar de todas as conquistas obtidas ao longo do tempo, ainda são atribuídas às mulheres funções de responsabilidade com a esfera doméstica muito mais do que os homens envolvidos, ainda que tais mulheres sejam as principais provedoras financeiras desses lares.

Sobre a temática da maternidade contemporânea, Moreira e Nardi (2009) questionam o modelo socialmente imposto e sugerem a realização de novos estudos que aprofundem a realidade da mãe, avaliando o contexto no qual tais mulheres estão inseridas (observando se há diferenças na atuação das mesmas em cidades da capital e do interior bem como em diferentes estados brasileiros). Rabinovich, Moreira e Franco (2012) também sugerem que seja feita a observação da rede de apoio e cuidados e da cultura do local. Revela-se importante que se considere a experiência da maternidade como algo que perpassa inclusive o aspecto subjetivo de cada mulher e que, portanto, pode assumir distintas características para diferentes pessoas.

Diante do exposto, fica explícito um dos principais desafios da maternidade contemporânea: como conciliar a questão do tempo com as diversas funções imputadas às mulheres. Percebe-se que, apesar das mudanças ocorridas ao longo dos anos, as atribuições conferidas às mulheres ainda permanecem presentes e pouco compartilhadas com os homens, respondendo a um modelo patriarcal e conferindo uma sobrecarga às mesmas. No entanto, há que ser considerado o crescente envolvimento do pai com seus filhos principalmente no que se refere a atividades como brincar, passear e manifestar afeto (PALKOVITZ, 1997). Por outro lado, tal estudo revela que alguns pais permanecem distantes fisicamente em decorrência de fatores como separação conjugal, dificuldades financeiras, conflitos judiciais, dentre outros.

Oliveira (2005), em participação na XXXVIII Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e Caribe, discorre sobre o que chama de reengenharia do tempo. Apresenta

algumas possíveis soluções para a questão das atribuições femininas em seu estudo. Para ela, a reengenharia é um desafio à reinvenção, incorporando medidas úteis para empresas, políticas públicas e, assim, aproximando-se da vida das pessoas de uma maneira geral. Ela escreve:

Porque os sintomas da crise se acumulam, na volatilidade dos núcleos familiares, no descaminho de crianças e jovens, no desencontro dos que se acreditavam unidos por laços amorosos, na assustadora solidão dos indivíduos, entregues a si mesmos e tão livres quanto pássaros sem ninho. E mais que tudo, no sentimento de falta de sentido que, em seu estágio último, equivale a não mais perguntar sobre o que fazemos, por que fazemos ou sobre o modo como vivemos. Na medida em que a vida produtiva ganha terreno sobre o tempo da vida afetiva é o cotidiano das pessoas que vai moldando uma sociedade em que encolhem os vínculos fundamentais (OLIVEIRA, 2005, p. 1).

São necessários mais estudos objetivando a compreensão das mudanças ocorridas nas famílias da atualidade. Principalmente a realidade feminina, que é ainda mais complexa: a mulher requer elasticidade para cumprir todas as suas atribuições enquanto mãe, profissional, dona-de-casa e esposa. Ela foi inserida no espaço público social em termos profissionais e vem garantindo avanços nesse sentido, porém, essa mesma mulher continua sendo a pessoa que circula no espaço privado com as mesmas atribuições domésticas do passado (ROCHA-COUTINHO, 2003; OLIVEIRA, 2005).

A maternidade é um dos acontecimentos de maior proeminência na vida de uma mulher. Na atualidade, as mulheres permanecem com o desejo de se casarem, ter filhos, constituir família, mas, associados a estes desejos, também estão os anseios de inserção e atuação na vida profissional. Estudo apresentado por Arriagada (2009) aponta para o crescente aumento do contingente de mulheres no mercado de trabalho, mulheres que já há algum tempo representam estatisticamente a grande maioria de pessoas a estudar em cursos universitários e que chefiam lares, de acordo com dados apresentados pela autora. Tais dados correspondem também à realidade da mulher brasileira. De acordo com dados do IBGE (2012), houve um significativo avanço da participação feminina no mercado de trabalho, bem como em cursos de nível superior, no período de 2000 até 2010.

Esse é um caminho sem volta, porém conciliar essas duas esferas é ainda considerado por muitas mulheres um fator estressor e causador de sentimentos ambivalentes, ora de alegria e satisfação pessoal, ora de preocupação, associados a sentimentos de culpa e ansiedade, como já visto em Rocha-Coutinho (2003).

Perlin e Diniz (2005), em pesquisa quantitativa realizada com 222 homens e 222 mulheres casados(as), com faixa etária entre 31 e 40 anos, funcionários(as) em diversas instituições públicas de Brasília (DF), teve como principal objetivo avaliar a satisfação no casamento de homens e mulheres que optaram por relacionamentos de “duplo trabalho” (casamento onde ambos os cônjuges trabalham fora em tempo integral). Os participantes responderam a um questionário contendo dados demográficos, além de perguntas abertas e fechadas sobre a situação de duplo trabalho.

Os resultados do referido estudo revelam uma necessidade da manutenção da família, da parentalidade, sem descartar a necessidade de adequação a um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, a valorização do crescimento individual e da independência financeira. Tal realidade é reconhecida pelas autoras como um desafio tanto para os casais quanto para a sociedade. Seguem algumas características da amostra: a média de horas trabalhadas pelos homens (44,48 horas semanais) foi maior do que a das mulheres (com 38,56 horas semanais). As mulheres responderam que em média seus salários equivalem a 57% da renda familiar, enquanto os homens responderam que os salários deles equivalem a 64% da renda familiar. Esses dados têm sua relevância, visto que há pouco tempo atrás não era essa a realidade existente, e sim uma faixa salarial bem menos proporcional entre homens e mulheres.

Com relação à participação nas atividades domésticas, 49,8% das mulheres indicaram a participação na maioria das tarefas, enquanto que os homens apresentaram 31,9% de participação em tais atividades. Sendo assim, além da jornada dupla de trabalho, as mulheres ainda realizam a maior parte das atividades domésticas, estando sobrecarregadas em suas funções e, com isso, reconhecendo sentimentos de insatisfação das mesmas com o trabalho.

Retomando o objetivo inicial da pesquisa citada, os resultados mostraram que tanto homens quanto mulheres estavam satisfeitos com seus casamentos e mostraram-se comprometidos com a manutenção dos mesmos no futuro, ratificando um maior engajamento com seus parceiros e com a relação. No entanto, há a insatisfação pela desigual distribuição das atividades domésticas.

Goldani (1994), em estudo realizado objetivando traçar um panorama das mudanças na estrutura dos arranjos domiciliares brasileiros na década de 90, aponta a combinação da maior longevidade da população com redução da taxa de fecundidade da mesma; evidencia o aumento da participação feminina na força de trabalho, qualquer que seja o estágio do ciclo vital a qual ela pertença; sinaliza o crescimento dos arranjos familiares monoparentais,

apontando que tal realidade, naquele período, era maior em populações de baixa renda nas metrópoles de Salvador, Recife e Fortaleza.

A autora sinaliza a necessidade da criação de políticas públicas que atendam às demandas de alguns grupos de atores sociais por ela citados, como os idosos cuja tendência é que vivam mais do que seus antepassados e que, portanto, necessitam de atenção especial da esfera pública, e as mulheres nordestinas aqui citadas, em se tratando de políticas sociais específicas para a realidade das mesmas, vislumbrando o desenvolvimento de potencialidades e de novas oportunidades para tais grupos.

Tal estudo foi elencado pela mestrandia, apesar de corresponder à literatura da década de 90, por sua relevância no contexto social atual, a despeito da distância de duas décadas de um para o outro. Todas as perspectivas apontadas por Goldani (1994) são hoje uma realidade: a maior participação feminina em atividades profissionais, a longevidade da população e o crescimento de famílias monoparentais. Cabe clarificar que o aumento da participação da mulher no trabalho formal, sem abandonar a esfera doméstica e familiar gera uma sobrecarga feminina. Biasoli-Alves (2000), em estudo publicado nos anos 2000, afirmou que tais mulheres estão mais apressadas, irritadas e impacientes com seus filhos. De fato, o alto nível de exigência pessoal, sentimentos de culpa e responsabilidade diante de tantas funções acumuladas se contrapõem a sentimentos de plenitude e satisfação pessoal, refletindo a ambivalência que norteia a vida da maioria das mulheres na sociedade contemporânea, no quesito conciliação da vida familiar e profissional.

A díade família-trabalho corresponde, hoje, a aspiração feminina de modo geral. Desse modo, essa tendência requer alguns ajustes para que possa acontecer harmonicamente. Faz-se necessária uma rede de colaboradores para que essa mulher possa trilhar a vida profissional e garanta o bem-estar dos seus filhos, assim como se fazem necessários estudos acadêmicos que abordem tais assuntos, no intuito de auxiliar essas mulheres. Percebe-se também, a necessidade de focar a atenção naquilo que se está fazendo no momento presente, para que a qualidade dessa atuação feminina passe a ser mais agradável e menos estressante.

Oliveira (2005) cita que “a presença maciça das mulheres no mercado de trabalho foi para elas uma transgressão; para os homens, uma concessão”. Nesse sentido, há que ser revista a agenda pública e privada, redefinindo espaços, carga horária e atribuições. Biasoli-Alves (2000) ao informar a falta de paciência, irritação e pressa que acometem as mães participantes de estudo que investigou as continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira do século XX, mostra concordância com Oliveira (2005), informando que há algo

errado na dinâmica da sociedade atual. Antigos modelos de atuação precisam ser revistos assim como questões relativas ao tempo, visto que a sobrecarga de atribuições, ao longo dos anos, gera um custo para a saúde mental e física daquele que a detém. Oliveira (2005) elenca alguns exemplos de ações de reengenharia, como na Suécia, que, a partir de 1995, promulgou uma lei que obriga todos os municípios a oferecer um lugar de acolhida para cada criança, a partir de um ano de idade, cujos pais trabalhem ou estejam em formação, e na Holanda, onde toda empresa com mais de dez empregados está obrigada a permitir o aumento ou a redução do tempo da jornada diária de trabalho dos empregados e o direito do empregado de modular seu horário de serviço sem precisar apresentar justificativa.

Tais iniciativas, se somadas, fariam uma diferença gradual na vida das pessoas em sociedade.

2.4 EDUCAÇÃO DE FILHOS

As práticas educativas são relevantes para a formação dos sujeitos sociais. Biasoli-Alves (2002) e Petrini (2003) reconhecem a família como sendo o lugar de acolhimento, da transmissão de valores, da formação e estabelecimento de vínculos de pertencimento importantes: espaço determinante para práticas de educação e formação do caráter das pessoas.

Para Dessen e Braz (2005), as mudanças ocorridas no Brasil nos últimos anos vêm afetando diretamente a dinâmica da sociedade e as relações humanas de modo geral. À medida que a hierarquia familiar foi se tornando mais flexível, com uma maior igualdade de papéis assumidos por homens e mulheres, as relações parentais também foram se modificando, incluindo aspectos relacionados à conjugalidade e valores relativos à educação e a socialização dos filhos.

As transformações sociais refletiram em mudanças na maneira de interagir com as crianças. Práticas educativas estão sendo questionadas e reformuladas na atualidade com o objetivo de melhoria na qualidade da educação dos filhos (SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004; MOREIRA, BIASOLI-ALVES, 2007).

Biasoli-Alves (1997), em estudo denominado: “Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança”, percorreu quatro pesquisas anteriores realizadas por ela e outros estudiosos (DIAS da SILVA, 1986; BIASOLI-ALVES, 1995; BIASOLI-

ALVES; CALDANA; VENDRAMIN; CANDIANI, 1996; BIASOLI-ALVES; VENDRAMIN, 1997), objetivando criar um amplo panorama das mudanças ocorridas nas famílias brasileiras entre as décadas de 30 até o final da década de 80.

Para tanto, as pesquisas referidas acima apontaram mudanças ocorridas na infância e adolescência de membros das famílias brasileiras estudadas, com ênfase nas práticas educativas utilizadas por seus componentes, incorporando também transformações ocorridas na velhice, apresentando um panorama capaz de abarcar diversos estágios da mesma.

Retomando o estudo que incorpora as décadas de 30 à 80, a autora verificou, nessa passagem de tempo, mudanças relevantes capazes de influenciar o comportamento das famílias e a educação dos seus filhos. São eles: o espaço físico, inicialmente caracterizado como amplo, com uma maior utilização das ruas, praças e parques, foi se restringindo às casas e ambientes afins, desaparecendo a rua como ponto de encontro e brincadeiras; a coletividade presente nas famílias, que costumava sair em ‘blocos’ para atividades religiosas, sociais e de lazer deu lugar a divisão de programas destinados aos adultos e às crianças, compartimentalizando a socialização dessas pessoas; o surgimento da TV nas casas das famílias brasileiras de classe média, a partir da década de 50 e a progressiva influência que tal recurso tecnológico adquiriu sobre as crianças, são alguns dos pontos apresentados pela autora. Sobre práticas de cuidado e educação, ela afirma:

Sumarizando, pode-se dizer que as práticas de cuidado e educação de filhos nas décadas de 1930/40 têm uma direção moral e todos os elementos estão colocados para que a criança venha a se tornar um adulto bem educado, estando à ênfase, portanto no controle do comportamento; já nas décadas intermediárias, o modelo educacional fala da necessidade de ternura e estimulação para um bom desenvolvimento e da necessidade do lúdico e do lazer para uma vida saudável em família. Nos anos 1970/80 o discurso das mães enfatiza o diálogo com a criança, a exigência de compreensão, de afeição, chegando-se ao extremo da preocupação com o seu bem-estar subjetivo (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 43).

O trecho descrito acima aponta um caminho percorrido pela sociedade brasileira por diferentes décadas do século XX, onde práticas rigorosas de educação foram substituídas, em virtude das transformações sociais, à práticas educativas menos coercitivas, contemplando uma maior participação das crianças, enfatizando a relação dialógica com as mesmas, buscando atender a demandas da ordem do subjetivo.

Biasoli-Alves (1997) destaca, ainda, a existência de um distanciamento entre pais e filhos, respeito e obediência aos mais velhos nas primeiras décadas do século XX. Observa-se o cultivo dos valores morais, a exigência do cumprimento das normas e uma educação voltada para o trabalho, sempre seguindo o exemplo dos mais velhos; os padrões de vestimenta também eram mais restritos, visto que o aumento da demanda de consumo foi um advento oriundo das duas primeiras guerras, da Revolução Industrial e do surgimento, mais tarde, das mídias eletrônicas. Aproximando-se da atualidade, a autora observou modificações nos comportamentos vinculados à educação de filhos com a sujeição cada vez mais cedo aos meios de comunicação de massa.

Fischer (2002) reconhece que a televisão, como meio de comunicação social, possui imagens e uma linguagem que é cotidianamente consumida pela maioria da população brasileira e por isso tem uma participação decisiva na formação das pessoas e nos processos educacionais das mesmas. Tal autora apresenta o pensamento de Michel Foucault quando elege a mídia (particularmente a televisão), como produtora de imagens e significações capazes de participar da constituição de sujeitos e subjetividades que de alguma forma ensinam os modos de ser e de estar na cultura em que vivem.

Donati (2008) aponta a família como uma instituição do futuro, não somente por formar novas gerações, mas, sobretudo, pela possibilidade de colaborar para que a sociedade de modo geral absorva características historicamente associadas a ela, em benefício da comunidade, enfatizando a caráter relacional existente nessa instituição, capaz de comportar trocas significativas entre gerações. Por esses motivos, para ele, a família é um ambiente social relevante no quesito educação de filhos. Todo atributo pertencente à família é importante para a ocorrência da transmissão geracional, sendo norteadora no processo de educação. O aprendizado sobre o aspecto relacional da família ocorre no próprio funcionamento da mesma, no cotidiano e na experiência vivida. É dessa maneira que os ensinamentos formativos e educacionais relevantes são transmitidos de uma geração a outra, havendo ensino e também aprendizagem nesse contato relacional.

A aprendizagem mediante o aspecto relacional, também é defendida por Bronfenbrenner (1996) que, em sua teoria, relaciona pessoa, contexto e tempo e afirma existir interdependência e influência nos processos intra e extrafamiliares. Sendo assim, a escola, o trabalho, a comunidade, a família e as redes sociais interagem e se influenciam mutuamente. O autor cita que a escola e/ou a creche são contextos sociais importantes para o desenvolvimento das crianças, mas compreende a família como o coração do sistema social e

afirma que o amor e o cuidado que uma criança necessita para crescer e se desenvolver são encontrados inicialmente na família.

Estudo realizado por Wagner (2005) com 200 pais de crianças em idade escolar (entre sete e doze anos de idade), residentes na cidade de Porto Alegre (RS), com o objetivo de comparar condutas educativas utilizadas em duas gerações: a dos pais como filhos e a dos mesmos pais, atualmente exercendo a função parental. Os referidos pais possuíam em média dois filhos, sendo por volta de 70% deles católicos, considerados inseridos na classe socioeconômica média. Pais e mães entrevistados, em sua maioria, consideram os métodos utilizados por eles para com seus filhos menos coercitivos e autoritários se comparados aos métodos utilizados por seus pais para com eles, o que denota a influência de padrões educativos absorvidos, ainda que seja para contrariá-los. A autora aponta em seu estudo que as estratégias de educação utilizadas pelos pais examinados têm sido modificadas ao longo do tempo, de uma geração para outra.

Esse panorama apresentado por Wagner (2005) também considera o contexto em que a pessoa está inserida como de grande importância e influência na educação das crianças pequenas.

A temática da educação de filhos perpassa diversos aspectos. Os pais, na tarefa da educação de filhos, são influenciados pela maneira como foram educados por seus próprios pais, seja repetindo modelos ou fazendo uma nova trajetória na educação das suas crianças (BRONFENBRENNER, 1996; WAGNER, 2005; DONATI, 2008; DESSEN, 2010; MOREIRA; BIASOLI-ALVES, 2012).

Em se tratando de educação de filhos, um estudo realizado por Soares, Souza e Marinho (2004) aponta as principais atitudes promotoras de comportamentos facilitadores da aprendizagem das crianças. São eles: tornar explícitos os deveres e direitos das crianças; estabelecer uma rotina organizada; estabelecer limites; supervisionar atividades (aqui ressaltando que quanto mais novas as crianças maior a necessidade dessa supervisão); saber dosar adequadamente proteção e incentivo à independência; estabelecer interações positivas; demonstrar afeto; incentivar o brincar; interessar-se pela vida do filho, dentre outros. As autoras citadas reiteram que para cada uma dessas atitudes, o mais importante é a persistência e a frequência na ação. É essa constância que vai transmitir a segurança necessária para a criança envolvida nas ações educativas contempladas.

O modelo tradicional de paternidade e maternidade vem se modificando diante das transformações ocorridas nos últimos anos, tomando como exemplo expoente a maior participação das mulheres no mercado de trabalho (ARRIAGADA, 2009), levando o casal a repensar práticas de cuidado e educação, formulando, assim, um planejamento familiar que envolva uma rede de pessoas auxiliando os pais nessa tarefa.

Estudo realizado por Almeida e Moreira (2011) numa instituição de ensino em um bairro de classe média da cidade de Salvador, combinou técnicas quantitativas e qualitativas para a execução do questionário aplicado e teve por objetivo fazer um levantamento de dados sobre a rede de apoio às famílias dessas crianças, em se tratando de cuidado e educação de filhos. Dos 136 alunos matriculados na referida instituição, foram convidados a participar do estudo os responsáveis por 125 deles, pois, havia 11 crianças com irmãos também matriculados nela. Dentre esses, fizeram parte do estudo 62 responsáveis pelas crianças citadas, sendo 55 mães (88,7%), cinco pais (8,1%) e dois casais (aqui ambos os pais responderam juntos ao questionário).

Foi construído um instrumento semiestruturado, contendo 23 perguntas abertas e fechadas abordando aspectos relacionados aos cuidados/educação dos filhos, assim como acerca dos colaboradores da família nessas funções citadas.

Nessa pesquisa, as autoras perceberam que, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as famílias cada vez mais contam com o apoio de colaboradores que são fundamentais no processo de educação e cuidados dessas crianças. Tais pessoas formam uma rede de apoio na educação dos seus filhos, sendo figuras importantes para essas mulheres, como as avós, babás e as próprias instituições de educação de um modo geral. Mais especificamente, os participantes indicaram pais e mães como principais responsáveis pela educação dos filhos, seguidos dos avós, professores, babás, tios, padrinho/madrinha, irmãos, outros familiares, vizinhas, médico, nessa ordem.

Outro dado relevante dessa pesquisa foram as respostas fornecidas quando questionados sobre como esses colaboradores atuam efetivamente nesse processo. Apresentam-se aqui as quatro respostas mais encontradas: acompanhando ou substituindo na ausência dos pais (20,4%); transmitindo conhecimentos/experiência (20,4%); agradando (12,8%) e brincando (11,4%). Todas as atividades indicadas sinalizam um contato direto dessas pessoas com as crianças e apontam para a importância da participação de terceiros no processo educacional delas.

Os participantes do referido estudo apresentaram vantagens e desvantagens quando questionados sobre a participação e colaboração de terceiros na educação dos seus filhos. As vantagens apresentadas estão em ordem decrescente de percentagens: o fato de serem pessoas confiáveis (22,2%); realizarem um acompanhamento da criança na ausência dos pais (18,3%); a transmissão de experiência para essas crianças (17,4%); a transmissão de afeto (14,4%) e valores (11,5%); o compartilhamento de valores dos pais (3,8%); o estabelecimento do vínculo afetivo (3,8%); a possibilidade de realizarem brincadeiras com essas crianças (2,8%); a disponibilidade para ajudar (1,9%), dentre outras vantagens enumeradas.

As desvantagens apresentadas pelos pais entrevistados relacionadas aos avós dizem respeito à flexibilidade nos limites impostos por eles, pois consideram que entram em conflito com seus pais acerca da educação das crianças, reconhecendo que são mais tolerantes e flexíveis em se tratando de normas impostas e limites para com os seus netos.

As babás aparecem como pessoas importantes nos cuidados com os filhos dos pais participantes da pesquisa, que mencionam a existência de uma relação de afeto entre crianças e elas e apontam como desvantagens o nível de escolaridade delas, em seguida, sinalizam a importância da instituição de educação infantil no processo educacional das crianças.

Estudo realizado por Moreira e Biasoli-Alves (2007), com 50 homens e 50 mulheres de nível universitário, com união marital estável e filho(s) com idade(s) entre dois e sete anos, sendo 50 moradores de uma cidade do interior paulista (25 pais e 25 mães) e 50 de uma capital do Nordeste (mesma divisão), identificados a partir de cursos de pós-graduação *lato sensu* de Universidades privadas, sendo submetidos às entrevistas gravadas, revela em seus resultados que a maioria das mães e a totalidade dos pais exercem atividade profissional remunerada.

Tal estudo aponta a escola/instituição de educação infantil como uma colaboradora relevante no processo educacional das crianças. Revela ainda a participação das babás nesse processo de educação, principalmente na realidade de vida dos participantes nordestinos. Apresenta tios, tias e amigos fazendo parte da educação das crianças e, por fim, os avós aparecem como pessoas fundamentais para a educação dos seus netos, principalmente para os participantes nordestinos. As mães do interior paulista citam 76% de participação dos avós na educação enquanto 96% das mães nordestinas citam as avós como presença colaboradora na educação dos seus filhos.

Recente pesquisa realizada por Moreira, Carvalho, Almeida e Oiwa (2012) com 150 pais e mães residentes em Salvador, Bahia, abordando o cuidado dos filhos quando bebês, identificou que, apesar das mudanças decorrentes dos modos de produção e da massiva inserção feminina no mercado de trabalho, tarefas atribuídas às mulheres parecem não ter sofrido alterações significativas, com a prevalência das mesmas nos cuidados com filhos. As redes descritas nos resultados apontam os pais como os principais cuidadores, com a prevalência da figura materna. Dentre os demais cuidadores apresentados, há a prevalência de babás e avós maternas. Tias aparecem como variantes substitutas ou complementares, ocupando a quarta posição relativa ao cuidado. Em seguida são mencionadas vizinhas e, por fim, apenas uma bisavó é citada. Diante de tais resultados, é levantada a necessidade da reformulação dos papéis nos cuidados com as crianças objetivando uma vida familiar satisfatória, com a diminuição da sobrecarga de um dos pares envolvidos.

Em estudo realizado por Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), foram entrevistadas 100 famílias de classe média com pelo menos um filho em idade escolar da cidade de Porto Alegre. O questionário utilizado para tal estudo foi constituído por 23 questões fechadas, de escolha simples, objetivando avaliar a participação do pai e da mãe no desempenho de tarefas e responsabilidades diárias junto aos filhos. Foi observado que atualmente a família está passando por um período de transição e que as atividades direcionadas aos filhos estão sendo mais compartilhadas por ambos os pais, porém, com algumas ressalvas. Alguns dos sujeitos entrevistados denominaram o trabalho doméstico como sendo “trabalho de mulher”, o que demonstra uma mentalidade ainda bastante conservadora, conferindo maior responsabilidade e sobrecarga às mulheres.

Estudo realizado por Lamb (2010) focaliza a questão da paternidade na sociedade contemporânea. O autor afirma que os pais foram durante muitos anos, os principais agentes responsáveis pela transmissão de valores para os seus filhos. Com o advento da industrialização o foco passou a ser o sustento econômico da família. Ao longo do século XX, no entanto, as questões relacionadas aos movimentos feministas e a inserção da mulher no mercado de trabalho, suscitou questionamentos relativos à paternidade e a questão do envolvimento. Na atualidade, Lamb (2010) informa que cada hora do pai gasta com seus filhos corresponde a outras três a cinco horas a encargo da mãe. Complementa tal ideia com a afirmação de que além da quantidade do tempo gasto pela mãe, os tipos de tarefas realizadas por ela também estão mais relacionados aos cuidados, tais como: dar banho, alimentação, vestimenta e higiene, enquanto que os pais ocupam-se em atividades mais destinadas ao

brincar. Afirma que as características do pai enquanto figura parental são mais importantes do que as características como indivíduo do sexo masculino. A influência que o pai exerce sobre o seu filho dependerá muito dos aspectos relacionais dessa díade pai-filho.

Apesar dos avanços da sociedade em se tratando do envolvimento dos pais com seus filhos, sua participação ainda está aquém da participação e envolvimento da mãe no quesito dos cuidados e educação dos mesmos. Entretanto, Lamb (2010) clarifica a importância da figura do pai, elencando tipos de envolvimento paterno: interação, responsabilidade e acessibilidade. Para ele, o envolvimento parental ocorre também quando o pai está trabalhando e se recorda que precisa acelerar o trabalho, para buscar os filhos na escola ou quando se desloca todos os dias para o trabalho, tendo como objetivo arcar com as despesas da família. Isso também pode ser aplicado às mães, principalmente na atualidade, em que elas têm compartilhado o cuidado dos filhos com terceiros para buscar sua inserção e ascensão profissional.

Carvalho, Franco, Costa e Oiwa (2012), investigaram quem são os atores sociais envolvidos nos cuidados de crianças no contexto de Salvador-BA. Segundo os autores, apesar das mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos, as atribuições femininas ainda permanecem associadas ao cuidado e que apesar da maior participação e envolvimento paterno, o pai ainda se encarrega de atividades mais lúdicas e de integração social. Outro ponto importante destacado em tal pesquisa foi a existência de cuidadores de acordo com a natureza das tarefas compartilhadas. Foi descrito que, em se tratando de cuidados físicos, as mulheres têm maior proeminência, tarefas externas (das casas dos participantes) e de lazer contam com a participação mais ativa dos homens e, por fim, em tarefas educativas, ambos os pais aparecem de maneira mais equilibrada.

Ainda sobre a temática do cuidado, as avós são figuras importantes de apoio na educação e cuidados dos seus netos. Estudo realizado por Reis e Rabinovich (2012) com sete jovens entre 18 e 30 anos que foram acompanhadas por aproximadamente dois anos no Centro de Orientação da Família (COF), com funcionamento no bairro de Novos Alagados, região suburbana da cidade de Salvador, aponta para a importância das avós no aspecto relativo ao cuidado e as apresenta como referência de conduta e valores a serem seguidos.

Apesar de tal pesquisa ter sido realizada com adolescentes e jovens adultos, as avós participantes foram também citadas como referência de profissional, consideradas pessoas de confiança e credibilidade para suas netas. Foram citadas também como responsáveis pela transmissão de valores educacionais importantes para elas desde a infância. As entrevistadas

valorizaram as suas avós em detrimento da participação das suas mães em processos de educação e cuidado, visto que em muitos casos precisavam se ausentar para exercer atividades profissionais, deixando seus/suas filhos(as) aos cuidados dessas avós (ALMEIDA; MOREIRA, 2011; RABINOVICH; MOREIRA, 2011; DIAS, no prelo).

Dias (no prelo) ao refletir sobre a realidade de ser avô/avó no Brasil hoje, apresenta um panorama da participação ativa dos avós na educação dos seus netos. Para a autora, alguns fatores colaboram para a presença massiva dos mesmos nesse processo: a longevidade humana propiciando contato mais intenso entre as gerações, a saída da mulher para o mercado de trabalho, o advento das novas configurações familiares, com diversas formações e novos arranjos, possibilitando um fluxo maior de pessoas no processo educacional e a existência de fenômenos sociais que levam os avós a educarem seus netos, tais como negligência, doenças e separações.

Um dos dados importantes desse estudo é a conclusão de que a participação dos avós é benéfica para ambas as gerações (avós e netos). Tal participação possibilita um resgate de erros cometidos com seus filhos, renova as expectativas de vida desses avós e também representa uma maneira de socialização importante para os netos, contribuindo nos aspectos cognitivo, emocional, social e moral dessas crianças que usufruem dessa relação.

De modo geral, a educação de filhos perpassa por diversos aspectos como o cuidado, a participação de colaboradores, o estabelecimento de limites, a criação de vínculos, o grau de confiança dos pais para com os colaboradores, dentre outros, agregando também todos os itens citados. Para que o processo de educação seja satisfatório, são consideradas importantes as pessoas envolvidas no processo de educação e cuidados, os ambientes aos quais essas crianças estão inseridas, a qualidade da atenção dispensada às mesmas, a confiança que esses pais necessitam ter nessas pessoas até para que possam desenvolver as suas atividades laborais de maneira mais efetiva, o nível de vinculação e envolvimento afetivo que essas crianças têm com tais atores, enfim, um rol de circunstâncias e valores, tornando essa uma atividade de acuidade, responsabilidade e complexidade.

2.5 O ESTUDO

A seguir serão explicitados os objetivos da presente dissertação de mestrado.

2.5.1 Objetivo Geral

O presente estudo tem por objetivo geral conhecer as concepções e práticas de mães de crianças (com idades entre dois e cinco anos) sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as que não estão inseridas no mercado de trabalho.

2.5.2 Objetivos Específicos

1. Investigar as concepções sobre família apresentadas pelas participantes;
2. Identificar o significado de maternidade para as mães estudadas;
3. Conhecer as concepções e práticas das participantes sobre cuidado e educação de filhos pequenos;
4. Investigar, na perspectiva das mães, quais são as práticas educativas utilizadas pela família;
5. Comparar as concepções sobre família e as práticas de cuidado e educação de filhos apresentadas pelas mães dos dois grupos (as inseridas no mercado de trabalho e as que não trabalham fora de casa).
6. Verificar se há diferenças na atenção dispensada aos filhos entre as mães que atuam no mercado de trabalho e as demais mães.

3 METODOLOGIA

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2002) escrevem que o método não pode ser estudado separadamente das pesquisas nas quais é utilizado. Também descrevem como objetivo essencial do método as aplicações regulares dos procedimentos científicos. Para eles, existe uma grande diferença entre as trilhas mecanicamente traçadas sobre a pesquisa, da progressão lenta proposta por um verdadeiro discurso de método sociológico.

Nesse sentido, o método corresponde a uma forma estruturada de fazer perguntas à natureza a fim de obter determinadas respostas, criando regras para que o objetivo pretendido seja atingido. Eles escrevem:

Para ultrapassar esses debates acadêmicos e as maneiras acadêmicas de superá-los, é necessário submeter a prática científica a uma reflexão que, diferentemente da filosofia clássica do conhecimento, aplica-se não à ciência já constituída, [...] mas à ciência em vias de se fazer. Semelhante tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2002, p. 17).

Para tanto, tais autores afirmam que uma vez “embarcados” no fazer científico, se faz necessário utilizar todas as ferramentas técnicas objetivando a verificação experimental, ressaltando a impossibilidade da existência de um pesquisador impecável, por este se tratar de um ser humano.

Diferentes áreas do conhecimento se ocupam do estudo das relações humanas e sociais. A Antropologia, a Psicologia e a Sociologia são algumas dessas áreas, cuja investigação perpassa por fenômenos sociais, psicológicos, econômicos, educacionais e culturais, dentre outros.

Pesquisas realizadas no campo das ciências sociais se utilizam de métodos quantitativos e qualitativos. Ambos os métodos pressupõem um esforço cuidadoso para a realização da investigação proposta, com objetivo de descoberta de novos conteúdos e/ou a comprovação de informações já existentes.

3.1 DELINEAMENTO

O estudo caracteriza-se por ser qualitativo.

Portelli (1997) em texto intitulado: “Tentando aprender um pouquinho”, escreve sobre a prática da pesquisa qualitativa utilizando a História Oral e resalta algumas características essenciais ao entrevistador. São elas: a ética, a transparência, o respeito ao próximo, o compromisso com a verdade, o uso de boas maneiras. Considera tais valores essenciais para o bom desenvolvimento da pesquisa, conduzindo uma ação respeitosa para com o entrevistado, tratando da história contada por ele como uma arte, algo singular, reconhecendo-o em suas particularidades. Afirma ainda que a História Oral está vinculada à subjetividade, à memória, ao discurso e ao diálogo. Sobre o fato de “aprender um pouquinho”, revela uma característica essencial ao entrevistador: a humildade.

Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992) apontam tal abordagem como um caminho alternativo à rigidez positivista e consideram a ética e seriedade do entrevistador fatores preponderantes para o sucesso de tal abordagem. As autoras elaboram, partindo das próprias experiências com pesquisas qualitativas, alguns pressupostos para o sucesso da utilização dessa metodologia. São eles: a necessidade de obter dados dentro de um contexto, a sistematização dos dados e a composição dos resultados para a redação. Sobre a obtenção dos dados, as autoras afirmam:

Esse formato pede também uma formulação flexível das questões, cuja sequência e minuciosidade ficarão por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a “evocar ou suscitar” uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos (BIASOLI-ALVES; DIAS DA SILVA, 1992, p. 64).

Sobre a sistematização dos dados, as autoras destacam a importância da revisão da literatura específica; a importância das anotações dos dados obtidos para que nenhuma informação se perca e, também, a partilha de tais informações com outro pesquisador objetivando uma construção mais rica, com um gradativo afinamento de dados. Sobre a composição dos dados para a redação, apontam para o cuidado com a linguagem utilizada na

escrita, para a seriedade do pesquisador na transcrição dos dados e, por fim, da relevância do tempo, da disponibilidade e do conhecimento do pesquisador na área pesquisada, garantindo, assim, a transferência do conhecimento.

Para Godoy (1995), o método quantitativo foi imperativo e mais utilizado até meados do século XX, por possuir um plano de estudo preciso, com hipóteses especificadas e variáveis bem definidas, assegurando o pesquisador de eventuais erros ou surpresas, firmado por pressupostos positivistas.

Entretanto, o caráter subjetivo existente quando se trata de seres humanos é mais contemplado na perspectiva da pesquisa qualitativa. Apesar de também possuir pressupostos definidos, ela se dá através de entrevistas, da observação de campo, da descrição de diálogos e do contato com as pessoas entrevistadas, conferindo a esse método um aspecto mais humanizado de investigação.

Ao escolher o formato de pesquisa qualitativa, visou-se essencialmente a qualidade dos dados coletados.

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado com mães cujos filhos eram atendidos em uma clínica de pediatria localizada em um bairro de classe média de Salvador (Bahia). Tal Clínica foi escolhida por atender população de classe média, por ter um intenso fluxo de atendimentos e pelo critério de acessibilidade da mestrandia. A opção do local de estudos em clínica pediátrica se deu pela possibilidade de, neste contexto, encontrar mães que utilizam diferentes arranjos de cuidado/educação de seu(s) filho(s), o que não ocorreria, por exemplo, se o local escolhido para a realização da coleta fosse uma instituição de educação infantil, pois todos os envolvidos na pesquisa já estariam inseridos, conseqüentemente, em instituição educacional.

Participaram do estudo 10 mães que tinham filhos com idades entre dois e cinco anos, sendo cinco delas inseridas no mercado de trabalho e outras cinco não inseridas¹. Além disso, todas as participantes residiam em Salvador (BA).

¹Foram estabelecidos os códigos “M” que significa mãe, seguido do número correspondente a cada uma delas, e a letra “T” indicando que as participantes estavam inseridas no mercado de trabalho ou “NT” para as que não estavam inseridas.

A Tabela 1, a seguir, apresenta o código de cada mãe, sua idade, nível de escolaridade, se estuda ou não atualmente, seu estado civil, a quantidade de filhos, sexo e idade do filho focalizado no estudo, a configuração familiar (de residência) e se está ou não trabalhando atualmente:

Tabela 1 – Dados de identificação das participantes

Código da Participante	Idade	Nível de Escolaridade	Estuda Atualmente	Estado Civil	Quantidade de Filhos	Filho Focalizado no Estudo		Configuração da Família	Trabalha Atualmente
						Sexo	Idade		
M1T	36	Superior Incompleto	Não	Casada	2	F	2	Extensa	Sim
M2T	32	Superior Completo	Não	Casada	1	M	3	Nuclear	Sim
M3T	33	Especialização	Não	Casada	2*	F	4	Nuclear	Sim
M4T	34	Superior Completo	Não	União Estável	1	F	5	Nuclear	Sim
M5T	35	Mestrado	Não	União Estável	1	F	2	Nuclear	Sim
M6NT	38	Ensino Médio completo	Não	Viúva	2	M	3	Monoparental	Não
M7NT	32	Ensino Médio completo	Não	União Estável	1	F	3	Nuclear	Não
M8NT	39	Ensino Médio completo	Não	União Estável	2	F	4	Nuclear	Não
M9NT	33	Especialização	Sim**	Casada	1	M	2	Nuclear	Não
M10NT	38	Ensino Médio Completo	Não	Casada	2	F	5	Nuclear	Não

* A mãe tinha um filho nascido e estava grávida de nove meses do segundo.

** Estuda para concurso em sua própria residência.

Observa-se que a idade das mães variou de 32 a 39 anos, confirmando o que foi contemplado em estudo realizado por Arriagada (2009) de que a maternidade tem sido deixada para mais tarde, após a realização de objetivos profissionais.

O nível de escolaridade variou de Ensino Médio completo a Mestrado, sendo que todas as mulheres inseridas no mercado de trabalho tinham pelo menos o nível superior incompleto de escolaridade, enquanto as que não estavam inseridas no mercado de trabalho tinham Ensino Médio completo, com exceção de uma delas que tinha curso de Especialização, sendo a única que estava estudando no período da coleta de dados. Assim, de modo geral, as mães que atuavam no mercado de trabalho apresentaram maior nível de escolaridade, seguindo estudo apresentado por Cirino e Lima (2012), sobre a participação feminina no mercado de trabalho. Tais autores afirmam que mulheres mais instruídas tendem a apresentar maior probabilidade de conseguir emprego.

Com relação ao estado civil, cinco eram casadas, quatro tinham união estável e uma delas era viúva. As participantes tinham um ou dois filhos seguindo a tendência apresentada em dados do IBGE (2012), de que as famílias têm tido menos filhos nos últimos anos no país.

De fato, as mulheres na atualidade têm apresentado maior dedicação à vida profissional, fato que justifica a maternidade tardia e a diminuição do número de filhos (ARRIAGADA, 2009; FLECK; WAGNER, 2003).

No que diz respeito ao filho(a) focalizado no estudo², sete eram do sexo feminino e três do sexo masculino. Com relação às idades, três tinham dois anos, três tinham três anos, dois tinham quatro anos e outros dois, cinco anos.

A configuração familiar (de residência) encontrada foi a nuclear (oito casos) composta por ambos os pais e seu(s) filho(s), apenas uma era monoparental (com mãe viúva e seus dois filhos) e uma era extensa, residindo ambos os pais, dois filhos e os sogros. Tal realidade presente no estudo realizado pela mestranda confirma a observação de Arriagada (2009) ao afirmar que apesar das modificações nas configurações familiares na atualidade, a família nuclear ainda permanece predominando o cenário latino-americano.

Com relação ao trabalho remunerado, cinco delas estavam inseridas no mercado de trabalho e outras cinco não estavam inseridas, sendo esta uma opção feita pela mestranda,

² Nas entrevistas foi focalizado(a) o(a) filho(a) que tinha idade entre dois e cinco anos. Caso dois ou mais filhos(as) estivessem com a referida faixa etária, escolhia-se apenas um(a) deles(as).

com o objetivo de comparar as realidades dos dois grupos de mães, investigando, entre outras questões, como estão sendo os cuidados e educação dos filhos cujas mães vivenciavam essas duas situações.

3.3 INSTRUMENTO

Sendo essa uma pesquisa qualitativa, foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista (Apêndice A) com questões predominantemente abertas abordando: dados de identificação; família, maternidade e rotina da mãe; cuidado e educação da criança focalizada no estudo; envolvimento com o(a) filho(a) e trabalho remunerado. Tal roteiro foi construído com base: na revisão de literatura e na experiência profissional da mestranda. Além disso, utilizou o quadro de atividades de cuidado físico; lazer/convivência; educação/disciplina e atividades externas elaborado pelos docentes/pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) no projeto interdisciplinar “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos” (CASTRO; CARVALHO; MOREIRA, 2012). Também foram utilizadas questões sobre envolvimento parental conforme especificadas por Lamb (2010).

3.4 PROCEDIMENTOS

Foi realizada revisão de literatura sobre o tema estudado e, em seguida, foi construído o roteiro de entrevista.

A mestranda solicitou autorização de uma clínica pediátrica para a realização do estudo junto a mães de seus pacientes, sendo concedido tal pedido. Em seguida, o projeto foi submetido a comitê de ética em pesquisa, sendo aprovado (Anexo A). Para a coleta de dados, a mestranda permaneceu em alguns horários na sala de espera da referida clínica e convidou para participar do estudo mães de pacientes que tinham o perfil desejado até atingir o total de 10 mulheres. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e as entrevistas foram realizadas em local de conveniência para as mães e gravadas para que nenhuma informação fosse perdida. As entrevistas foram realizadas com cada mulher em separado.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Após a realização das entrevistas, a mestranda transcreveu as gravações e os dados obtidos foram analisados qualitativamente. Foram também estabelecidas categorias a partir das respostas das participantes e os dados encontrados com as mulheres que exerciam trabalho remunerado foram comparados com os das mulheres que não estavam inseridas no mercado laboral.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos no estudo, subdivididos nos seguintes tópicos: Família, maternidade e rotina da mãe; Cuidado e educação da criança focalizada no estudo; Envolvimento com seu filho; Trabalho remunerado.

4.1 FAMÍLIA, MATERNIDADE E ROTINA DA MÃE

Neste tópico serão abordadas as concepções sobre família, significado de maternidade e as diferenças das rotinas das mães estudadas.

4.1.1 Família e trajetória da formação da família atual

A concepção predominante sobre família foi a de “base de tudo”, na qual a família é tida como o local em que a pessoa recebe cuidados, acolhimento e segurança. Das 10 mulheres, nove emitiram tal resposta, tendo como exceção a participante M5T. Uma fala que ilustra tal concepção é a seguinte: “Família pra mim hoje é a base de tudo” (M6NT). A literatura compreende essa realidade, considerando a família como local de cuidados, troca de afetos e estabelecimento de segurança, como base para o desenvolvimento da sociedade de modo geral (CARVALHO; SZYMANSKI, 2002; DONATI, 2008; PETRINI, 2003, 2008).

A segunda concepção mais encontrada foi de família enquanto “sentido da vida” que expressa a relevância, a centralidade e a motivação de tal instituição para a vida das participantes. Foram emitidas respostas de cinco mães nessa categoria: M1T, M2T, M7NT, M8NT e M10NT. É bem ilustrativa a fala seguinte: “Eu acho que é o que move a gente assim, principalmente os filhos que quando a gente vê passando por alguma dificuldade, por mais fragilizada que você esteja naquele momento, quando você vê um filho sofrendo ou passando por alguma dificuldade, você consegue superar, consegue achar uma força dentro de você que você não sabe aonde é que ela estava guardada, mas ela, naquele momento ela consegue emergir, aparecer, sei lá, e assim, eu acho que se você tem uma boa família você consegue passar por vários obstáculos na sua vida, então pra mim, é o que move minha vida, são meus filhos e minha família” (M1T). Tal capacidade de superar dificuldades, motivada por um sentido maior, é expressa pela clássica frase de Nietzsche (apud Frankl, 2013): “Quem tem

por que viver pode suportar qualquer como”. A existência de um sentido na vida é abordada por Frankl (2013) em seu livro intitulado: “Em Busca de Sentido”, em que relata sua experiência em campo de concentração nazista. Para ele, a família tem um destaque importante dentre os sentidos de vida das pessoas.

Walsh (2005) compartilha tal pensamento. Reconhece as mudanças que a instituição familiar está passando nos últimos tempos, porém enfatiza o caráter fundamental da família e dos seus membros como suporte e sentido em momentos de crise e enfrentamento das mesmas. Em seu estudo sobre resiliência, confere à família um importante papel de compartilhamento.

A Logoterapia, de Victor Frankl (2013) enfatiza a busca de sentido como sendo central na vida da pessoa. Assim, tendo um sentido para a sua existência, ela é capaz de superar, inclusive, grandes adversidades. Para ilustrar tal teoria o autor cita a própria experiência em campo de concentração nazista, onde vivenciou experiências difíceis para a manutenção da dignidade humana e, ainda assim, buscou encontrar um sentido para superar todas as adversidades.

Outras concepções apresentadas sobre família foram: “pessoas com as quais se compartilha a vida” (M4T, M5T) e “ensina”, ou seja, local onde se transmite conhecimento e valores (M6NT, M9NT).

Foi perguntado às participantes: “Quem faz parte da sua família?”. Nesse caso, foi predominante a concepção de família extensa que inclui a nuclear (o casal e seus filhos) mais outros parentes como os próprios pais das participantes, seus irmãos, sobrinhos, tios e primos. Tal concepção foi encontrada na fala de nove mães (M1T, M2T, M3T, M4T, M5T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT). Cabe destacar que: (a) a mãe M9NT, além da família extensa, incluiu também os amigos na concepção de família; (b) a M1T considera a família extensa, porém, destaca que os filhos são mais importantes que as demais pessoas: “[...] meus filhos em primeiro lugar” (M1T); (c) embora apresente a definição de família extensa, a M3T atribui à família nuclear um maior valor: “[...] Em primeiro lugar agora é meu marido e meus filhos”.

Apenas uma mãe (M7NT) apresentou concepção de família nuclear. Assim, é relevante destacar que, embora oito das 10 mulheres entrevistadas residam em família nuclear (vide Tabela 1), a quase totalidade delas (nove) apresenta a concepção de família extensa. Tais dados foram encontrados nos estudos de Rabinovich, Moreira e Franco (2012) realizado com 170 jovens universitários baianos, revelando que, mesmo quando não se reside na mesma

casa, há uma convivência com a família extensa, ou até mesmo, como afirma Palkovitz (1997), um envolvimento com ela expresso através de preocupação, planejamento de atividades conjuntas, comunicação, afeto etc.

Com relação à trajetória da formação da família atual das participantes, onde foi investigado o desejo de constituir uma família, o período de namoro e a formalização (ou não) da união conjugal, foram observadas diferenças nas falas das mulheres que eram casadas com relação àquelas que apresentaram união estável.

Como consta no capítulo de método, dentre as entrevistadas, cinco eram casadas, quatro encontravam-se em situação de união estável e uma delas era viúva. Esta última será analisada juntamente com as casadas, pois tinha sido formalmente casada.

As participantes casadas apresentaram, em suas falas, maior detalhamento do período de formação da família atual e revelaram ter havido planejamento da união e a vivência de etapas bem demarcadas: namoro, noivado e casamento. A seguir, será apresentada a síntese da trajetória das mulheres casadas.

A participante M1T alega que desejou constituir uma família, teve um período de cerca de quatro anos de namoro, mas considera que casou cedo (aos 21 anos), justificando que isso ocorreu em decorrência de o marido ser quase 12 anos mais velho que ela.

Já a M2T tinha um relacionamento de amizade com o atual marido, faziam parte do mesmo grupo amigos: “[...] e aí um dia me despertou o interesse nele e depois disso a gente ficou e já começou a namorar [...]” (M2T). Namoraram durante dois anos e meio e depois ficaram noivos e se casaram.

A M3T namorou o atual marido durante dois anos, ficaram noivos por três anos e depois se casaram.

A M6NT namorou durante quatro anos, ficou noiva por mais dois anos e, depois disso, se casou. Informou que conheceu o marido em um grupo de jovens da Igreja Católica e que tiveram o desejo de “[...] fazer tudo certinho, a gente sempre teve pessoas mostrando o que era certo, que era bom e bonito fazer esse passo a passo [...]” (M6NT). Cabe informar que esta mãe ficou viúva depois de sete anos de casada, por motivo de assalto seguido de morte (latrocínio).

A participante M9NT relatou que no relacionamento com o cônjuge houve as etapas de namoro, noivado e casamento: “Eu conheci meu marido há muitos anos atrás [...] fomos

galgando as coisas para realizar o sonho de formar uma família, então foi assim, muito planejado, foi uma evolução muito tranquila, porque a gente foi construindo, estudando, sonhando as coisas e construindo juntos, estudando e se preparando pra formar uma família [...]” (M9NT).

A mãe M10NT também relatou namoro de seis anos e seis meses, tal tempo se justifica pelo desejo, especialmente do cônjuge, de ter uma boa estrutura, uma casa, um bom emprego e ter três filhos: “[...] ele não queria ter uma família sem estabilidade, então demorou mais (para casar) por conta do meu marido [...]”. (M10NT).

Por outro lado, as mulheres que estavam em situação de união estável, descreveram com menos detalhes do que as participantes casadas tal trajetória de formação familiar, nem sempre havendo um planejamento para a formalização da união, que por vezes foi motivada pela gravidez, como descrito a seguir.

A M4T informou que tinha o desejo de constituir uma família, mas de modo bastante sintético afirmou que houve o período de namoro e que depois “[...] fomos construir uma família juntos” (M4T).

A participante M5T relatou que após seis meses de namoro, ela ficou grávida de um estrangeiro que tinha planos de voltar para o país dele (após conclusão do seu curso de doutorado) e ela ficaria aqui no Brasil. Com a gravidez houve uma mudança de planos: “[...] a nossa família nasceu quando S. (filha) nasceu. Pulamos a etapa de namoro para o casamento e até hoje é um casamento de seis meses juntos e seis meses separados” (M5T).

A M7NT disse, resumidamente, que houve período de namoro e que “[...] tem quatro anos que a gente tá morando firme no mesmo teto” (M7NT), totalizando 13 anos de convivência com o parceiro.

A M8NT conheceu seu companheiro no carnaval, e, depois de um ano de namoro, engravidou. No período da gestação, ela morava com a irmã dela e passava períodos com o companheiro. No final da gravidez foi “morar com ele” (M8NT). Informa, ainda, que embora vivam em união estável, já estão se organizando para o casamento civil.

4.1.2 Maternidade

Quando se perguntou às mães: “Em sua opinião, o que significa ser mãe?”, a partir das respostas encontradas foram estabelecidas sete categorias: (a) sentido da vida: nessa

categoria foram agrupadas respostas das mães que argumentaram que o filho é a razão principal da vida delas ou que atestaram a disposição das mesmas em priorizar as necessidades da criança em detrimento das suas próprias demandas. Ex.: “[...] a gente começa a sonhar não só os nossos sonhos, mas a gente quer tudo para os nossos filhos, então ser mãe é assim, me transformou, porque antes era uma atitude mais egoísta mesmo, tudo para mim, e hoje, não. Tudo em primeiro lugar é para o meu filho. O que eu penso primeiro é para ele” (M9NT); (b) responsabilidade: tal categoria significa responder pela formação geral da criança. Ex.: “[...] ser mãe é muita responsabilidade [...]” (M8NT); (c) tarefa complexa: ser mãe implica em ter que realizar diversas atividades, sendo difícil explicar o seu significado. Ex.: “Olha, é impressionante, acho que descrever em palavras é um pouco difícil, mas é um sentimento impressionante, [...]” (M6NT); (d) amor incondicional: a maternidade implica um grande amor. Ex.: “[...] é um amor, assim, que não tem muito como explicar esse amor, é como dar a sua própria vida por ele, se precisar, você dá” (M6NT); (e) dádiva de Deus: ser mãe é um dom de Deus, um presente Dele. Ex.: “Ser mãe é uma glória [...] eu queria muito ter um filho, ter um menino, e, assim, por vontade de Deus, ele veio realmente”. (M2T); (f) continuidade da família: o fato de gerar uma nova vida (os filhos) possibilita que haja prosseguimento da família. Ex.: “[...] exercício de [...] contribuição também para a família que eu tenho, de um novo ser para a minha família e para a sociedade”. (M5T); (g) resposta valorativa positiva: expressam elementos positivos da maternidade, como: alegria, é bom ser mãe, gosta de ser mãe, experiência importante para as mulheres. Ex.: “[...] a melhor coisa do mundo é você ser mãe.” (M1T); “ser mãe, eu acho que toda mulher deveria passar por isso na vida, eu acho que é essencial na vida da mulher, é fundamental”. (M7NT).

As categorias que mais se destacaram foram: “sentido da vida” com seis respostas (M1T, M3T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT) e “resposta valorativa positiva” (M1T, M2T, M5T, M7NT, M9NT, M10NT). Na sequência, a categoria “responsabilidade” contemplou cinco respostas (M2T, M5T, M6NT, M8NT, M10NT). Apresentaram quatro respostas as seguintes categorias: “dádiva de Deus” (M1T, M2T, M3T, M4T); “tarefa complexa” (M2T, M3T, M6NT, M10NT); “amor incondicional” (M1T, M2T, M5T, M6NT). Já a categoria “continuidade da família” obteve apenas uma resposta (M5T).

Assim, fica evidente a centralidade do(a) filho(a) na vida dessas mulheres. Constatou-se que a maternidade tem um caráter complexo, não sendo fácil explicar o que é ser mãe. Representa ao mesmo tempo a realização de um desejo, o significado da vida, alegria, responsabilidade, mas também é considerada como uma tarefa difícil, o que é

expresso nas falas seguintes: “[...] era meu sonho de vida [...], junto com a alegria de ser mãe, nasceu uma responsabilidade muito grande, porque educar no mundo de hoje é muito difícil, saber o limite do permitir e do negar também é uma barreira muito grande, mas eu amo meu filho, amo ser mãe.” (M2T). “Ser mãe [...] dá um 360° na vida da gente danado [...]” (M8NT).

A maternidade se constitui numa temática complexa, de difícil conceituação. Faz parte da realidade feminina, das brincadeiras de criança e da própria construção de uma identidade do gênero feminino. Além disso, ela também é construída durante o processo gestacional do bebê, momento em que a mulher assimila elementos simbólicos vinculados ao papel de mãe e que são socialmente aprendidos. Diversas autoras compartilham dessa ideia de complexidade, reconhecendo o sentimento de ambiguidade presente na concepção que a maioria das mulheres possui em relação à maternidade. A ambiguidade relatada por tais estudiosos corresponde a um profundo amor pelo filho, mas também, a um sentimento de responsabilidade e transformações físicas e psicológicas importantes, que justificariam a fala da participante M8NT acima citada (MOREIRA; NARDI, 2009; SCAVONE, 2001; KIMURA, 1997).

Quando as participantes foram indagadas sobre o desejo (ou falta de desejo) delas quanto a serem mães, obteve-se que oito delas (M1T, M2T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M10NT) manifestaram tal desejo, o que é expresso, por exemplo, na fala seguinte: “Eu sempre tive vontade de ser mãe, sempre tive essa vontade” (M4T).

As justificativas relacionadas ao desejo de maternidade foram: (a) planejamento expresso da gestação (M2T, M3T, M7NT). Exemplo: “Eu quis muito e desejei muito, inclusive eu me preparei pra isso, fui a médico antes, fiz exames para engravidar, comecei a fazer um tipo de exercício na academia para engravidar, então foi tudo muito planejado, eu sempre quis muito ser mãe” (M2T); (b) a maternidade como fazendo parte da natureza da mulher (M1T): “[...] eu acho que uma mulher que opta por não ser mãe, eu não sei o que passa na cabeça dela, porque eu acho que é uma coisa que já vem da..., já vem mesmo do mundo, da natureza.” (M1T); (c) o fato de apreciar o processo de gestação (M6NT): “[...] eu sempre tive o desejo de ser mãe. Eu sempre achei isso muito lindo, o processo de engravidar, de alguém crescer dentro de você e realmente sempre desejei acho que é um sentimento único na vida de cada mulher” (M6NT); (d) o desejo de ter uma família (M10NT): “[...] eu queria ter uma família sim, engravidei e tive minhas duas filhas e sou realizada com elas” (M10NT); (e) ansiedade de engravidar por conta da idade (M8NT): “[...] houve o desejo de ser mãe, sim. Tanto que eu falava pra ele (marido) sobre a questão da idade, eu já tava com uns trinta e

poucos anos e eu acho normal da mulher de trinta, né? Querer ser mãe. Acho que o relógio biológico fica falando ali pra você “tem que ser mãe, tem que ser mãe” e houve o desejo sim, de ser mãe” (M8NT).

A participante M9NT estava com problemas de saúde (precisou fazer cirurgia para retirada de um adenoma), assim, não tinha expectativa de engravidar. Porém, depois da cirurgia “[...] fui presenteada com a maternidade, foi totalmente de surpresa. Tanto que depois eu encarei realmente como um presente, depois de tudo o que eu passei, Deus disse: ‘Tome aqui seu presente, você vai ser mãe’, e aí pronto tudo correu perfeito, maravilhoso” (M9NT).

Apenas uma mulher (M5T) afirmou que inicialmente não tinha o desejo de ser mãe biológica, no entanto, planejava a possibilidade de adotar uma criança quando ficasse mais velha, depois de se dedicar à carreira profissional e cursar doutorado. Apesar disso, “[...] eu engravidei, e quis ser mãe, né? A falta de desejo virou desejo depois da gravidez e agora é realização bem legal” (M5T).

Explicar o significado da maternidade não é tarefa fácil, conforme expressam as mães M3T, M6NT. As respostas obtidas sobre tal significado foram subdivididas nas seguintes categorias: (a) sentido da vida (M1T, M2T, M4T): “Tudo, tudo. É o que me dá força pra viver, é o que me dá força pra lutar, é o que me dá força de vencer na vida, de ver meus filhos bem” (M1T); (b) doação (M3T, M6NT, M7NT, M8NT): “[...] a gente deixa de fazer nossas coisas pelos filhos da gente” (M3T). “[...] a minha vida parou depois das minhas filhas porque eu sou uma pessoa assim que dedico minha vida às minhas filhas. Eu gostava de me arrumar, gosto ainda, mas elas são a minha prioridade, eu deixo as minhas coisas pra fazer as coisas das minhas filhas, eu vivo muito dedicada a elas, a minha vida é muito dedicada a elas, então, eu parei com tudo, eu ia pra salão, eu gostava de ir pra shoppings e eu parei tudo, sabe? Pra dedicar minha vida para as minhas filhas” (M8NT); (c) cuidar (M3T, M5T, M7NT, M10NT): “Agora eu tenho outro ser para cuidar” (M5T); (d) amar (M3T, M4T): “Apartir do momento em que eu senti o sentimento, consegui ver o que era uma mãe e senti realmente o que é o amor materno, eu não me vejo hoje mais sem esse amor” (M4T); (e) redefinição dos projetos de vida (reorganização de projetos pessoais e profissionais) (M5T): “A maternidade redefiniu prioridades, formas de viver, projetos de vida, projetos que hoje eu tenho com a minha filha, foi uma redefinição de projetos de vida muito boa, eu acho que eu fiquei mais ativa do ponto de vista de conquistar bens materiais e profissionais por conta da maternidade” (M5T); (f) crescimento pessoal [responsabilidade e amadurecimento (M5T, M9NT, M10NT)]: “A maternidade me deixou uma mulher mais forte, mais confiante, me fez crescer

muito. Acho que maternidade é isso, é crescimento, é força e crescimento em todos os aspectos” (M9NT); “A maternidade me fez crescer muito, amadurecer como pessoa, porque eu sempre fui muito protegida pela minha mãe. Aí depois que eu casei, tive logo uma filha, então eu tive que me tornar mais responsável, tanto por mim, pela minha vida, quanto pela responsabilidade de ter uma filha” (M10NT); (g) resposta valorativa positiva (M8NT, M10NT): “Ah, eu gosto muito de ser mãe” (M10NT).

Com relação à questão sobre a experiência de ser mãe da criança focalizada neste estudo, as respostas foram diversas, no entanto, foi possível subdividi-las nas seguintes categorias: (a) resposta valorativa positiva (M1T, M2T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT): “[...] é bom” (M1T), “[...] é um privilégio” (M4T); “É algo magnífico, brilhante, é um amor incondicional, que não tem nome, acho que é um sentimento que não tem nome ainda, é algo muito maior que amor, felicidade, é muito bom” (M7NT); (b) aspectos que influenciaram a experiência da maternidade: (b.1) personalidade da criança (M1T, M2T, M10NT): “[...] ele é divertido, é tudo o que eu imaginava. Ele é muito danado e eu sempre quis um filho assim, danado e ativo” (M2T); “S. (primeira filha) já tá sendo diferente de S. (segunda filha) porque ninguém é igual a ninguém [...] S. (segunda filha) é mais desinibida e ela é mais calma. Com ela eu estou focando mais nos estudos do que com S. (primeira filha)” (M10NT); (b.2) fase do desenvolvimento, que apresenta encantos e aborrecimentos (M6NT) “[...] Ele tem um lado que encanta você e também tem outro lado que te aborrece muito e é uma fase difícil, essa fase de D. (filho focalizado no estudo), de três anos, mas assim, é muito boa. Às vezes eu dou risada, às vezes eu choro, às vezes eu fico estressada, mas é uma experiência gostosa, quando eu lembro das coisas que ele fala, das coisas que ele diz, do carinho que ele tem, ele em especial é muito carinhoso” (M6NT); (b.3) sexo da criança (M1T): “É uma experiência diferente, porque as pessoas falam, mas a gente às vezes acha que não é diferente não, mas é muito diferente, é tudo diferente. Tudo o que eu passei com o mais velho, com E. (filho) e agora com J. (filha), eu achava que ia ser as mesmas coisas, mas não, é tudo diferente” (M1T); (b.4) disponibilidade e satisfação de acompanhar o desenvolvimento da criança (M9NT): “[...] eu tenho a oportunidade de participar de todos os momentos da vida dele, do crescimento dele de modo completo. Eu que estimulo, eu não tenho babá, então eu que estimulo, eu que educo, eu que acompanho cada evolução dele, o que ele faz de novo, então isso é maravilhoso, eu vejo ele se desenvolvendo muito de perto, não perco nada” (M9NT) e (c) dificuldades: (c.1) conciliar demandas da família e do trabalho (M3T): “Termina sendo um pouco difícil conciliar as coisas porque a gente é esposa, mãe, filha,

porque pai e mãe também demandam um certo cuidado e, além disso, [...] o meu trabalho me suga muito. Às vezes é difícil pra ela (filha) porque eu fico o dia todo praticamente mais tempo no trabalho do que em casa, mas mulher é assim mesmo, a gente tem que dar conta de tudo” (M3T); (c.2) estabelecimento de limites (M4T): “[...] tem a questão da educação, temos que dar limites e dizer não para um filho, temos de saber a hora de dizer o sim e o não, dar limites, o que às vezes é difícil, mas eu consigo dar limites à minha filha” (M4T) e (c.3) sofrimento psíquico da mãe (M8NT): “[...] eu queria mesmo era assim, não estar com esse problema da Síndrome do Pânico porque me fechou, eu queria pegar minha menina e sair com ela, levar pra passear, ir pra shopping, ir pra praia e essa síndrome do pânico me paralisou. Eu queria ter mais liberdade comigo mesma pra andar com ela, pegar um ônibus, sair, ir à casa da minha irmã e isso me trancou dentro de casa” (M8NT).

4.1.3 Rotina da mãe

A rotina das mães durante a semana mostrou-se intensa, com diversas atividades. Elas foram subdivididas em: (a) trabalho profissional; (b) trabalho doméstico; (c) trabalho de manutenção/reparação, (d) trabalho relativo ao cuidado dos filhos e (e) estudo, tomando por base as categorias do FAMWORK (SOUZA, 2012). A categoria “estudo” foi acrescentada pela pesquisadora da presente dissertação de mestrado para contemplar os dados obtidos na pesquisa. Tais dados encontram-se no Quadro 1, a seguir.

O trabalho profissional incorpora a atividade laboral remunerada das mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho. Trabalho doméstico abrange atividades como limpar a casa, cozinhar, lavar louça, lavar roupas, passar ferro e realizar compras diárias. O trabalho de manutenção/reparação comporta a execução de pequenos consertos, cuidar das plantas, cuidar dos animais domésticos, ocupar-se do carro/moto/bicicleta, tratar de assuntos burocráticos/financeiros, fazer pagamentos de contas. Já o trabalho relativo ao cuidado dos filhos implica em trocar fraldas, dar banho, alimentar, brincar/passear, dar apoio nas atividades escolares, levar e pegar na Instituição de Educação Infantil.

Por fim, a categoria estudo foi acrescentada para contemplar uma mãe pesquisada (a mãe M9NT realiza tal atividade em dois horários do seu dia).

Quadro 1 – Atividades realizadas pelas mães, durante a semana, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Salvador, 2013

Período	Atividades Realizadas
MATUTINO	Trabalho profissional - M1T, M2T, M3T, M4T, M5T
	Trabalho doméstico- M1T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT
	Trabalho de manutenção/reparação- M6NT
	Trabalho relativo ao cuidado dos filhos- M1T, M2T, M3T, M6NT, M7NT, M8NT, M10NT
	Estudo- M9NT
VESPERTINO	Trabalho profissional- M2T, M3T
	Trabalho doméstico- M4T, M6NT, M7NT, M8NT
	Trabalho de manutenção/reparação- M1T
	Trabalho relativo ao cuidado dos filhos- M2T, M5T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT
	Estudo- M9NT
NOTURNO	Trabalho profissional- M1T, M3T, M5T
	Trabalho doméstico- M1T, M3T, M6NT, M8NT, M10NT
	Trabalho de manutenção/reparação-
	Trabalho relativo ao cuidado dos filhos- M1T, M2T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT

Dentre as cinco mães que trabalham, quatro delas se empenham para estar pelo menos um período disponível para a criança (M1T, M2T, M3T, M5T), o que pode ser ilustrado na fala seguinte: “Eu organizo a minha vida de forma que eu fique sempre um turno em casa. Se eu estou de manhã no trabalho, eu fico de tarde com ela. Se eu estou de noite no trabalho, porque eu dou aula à noite, eu fico de tarde com ela. Então a minha rotina se organiza geralmente assim: se eu estou com ela, eu costumo fazer tudo o que uma criança de dois anos precisa, eu dou banho, eu dou comida, eu brinco, eu assisto televisão com ela, eu levo pra passear, tem que ir ao médico, eu levo ao médico” (M5T). Por outro lado, a mãe M4T trabalha no período matutino e a criança frequenta instituição de educação infantil à tarde, parecendo “desencontrado” esse horário.

Dentre as mães que não realizam atividade profissional remunerada, duas se ocupam do trabalho doméstico nos três períodos do dia (M6NT, M8NT), outras duas em dois períodos (M7NT, M10NT) e uma delas em apenas um período (M9NT). Cabe destacar que todas as mulheres desse grupo que não atuam no mercado de trabalho, realizam atividade doméstica no período matutino.

Por outro lado, dentre as mães que realizam atividade remunerada, duas delas (M1T, M3T) realizam trabalho doméstico no período noturno, uma (M4T) desempenha tal atividade no período vespertino e outra (M1T) no período matutino.

Todas as mães não inseridas no mercado de trabalho remunerado realizam trabalho relativo ao cuidado dos filhos nos três períodos.

Dentre as que trabalham, quatro cuidam dos filhos no período noturno (M1T, M2T, M3T, M4T), três delas (M1T, M2T, M3T) realizam tal atividade no período matutino e duas no período vespertino (M2T, M5T).

Ainda que algumas crianças das mães dos dois grupos frequentem Instituição de Educação Infantil em um período do dia, são elas que aprontam a criança, organizam seu material escolar e a transportam até a instituição. Tais dados serão mais aprofundados mais adiante.

Finalmente, uma mãe que não trabalha (M9NT) ocupa parte do tempo da manhã e da tarde para estudar para concurso público.

As atividades realizadas nos finais de semana estão voltadas ao trabalho relativo ao cuidado dos filhos.

As mães que trabalham fora priorizam atividades de lazer com suas crianças, como: (a) ir ao shopping (M1T, M2T, M3T, M4T); (b) ir à praia/clube (M1T, M2T, M4T, M5T); (c) ir ao cinema (M4T, M5T); (d) ir ao parque (M2T, M4T); (e) ir ao Jardim Zoológico (M5T); (f) assistir a uma peça teatral (M5T). Além disso, também brincam ou leem historinhas para os filhos (M1T, M4T, M5T).

As mães que não estão inseridas no mercado de trabalho, nos finais de semana, costumam descansar/ficar em casa (M6NT, M7NT, M8NT, M10NT) e assistir programas de televisão (M6NT, M10NT).

Outras atividades realizadas por ambos os grupos são relativas à convivência familiar, como: ir à casa dos avós e primos (M2T, M7NT, M9NT), ir à missa (M2T, M10NT). Em apenas um caso foi encontrada a atividade de almoçar fora (M3T), ir ao supermercado (M8NT) que é um trabalho de manutenção/reparação; e trabalho profissional (M2T).

Com essa questão foi possível perceber que as mães inseridas no mercado de trabalho participantes desta pesquisa conseguem organizar o seu tempo, de modo que realizam atividades de lazer de maneira mais sistematizada nos finais de semana. O que pode

influenciar é o fato de disponibilizarem recursos financeiros próprios que propiciam gastos com atividades de lazer que precisam ser pagas, como cinema, teatro etc.

As mães que realizam atividade remunerada permanecem de quatro a seis horas por dia com seus filhos, sendo que nos finais de semana ficam mais tempo dedicadas às suas crianças, como mencionado anteriormente. Três delas (M2T, M4T, M5T) encontram-se satisfeitas com tal distribuição de tempo, no entanto, duas delas (M1T, M3T) gostariam de ter mais tempo com seus filhos justificando assim: “[...] eu queria poder passar mais tempo com eles, queria poder ter mais tempo pra dar atenção, pra poder brincar, sair, porque, assim, graças a Deus, apesar de não ter tido minha mãe, mas eu tive uma infância boa porque foi no interior, então a gente podia brincar muito, aqui eu já fico com medo de deixar eles na rua brincando com um coleguinha, eu tenho medo, não vou mentir. Mas eu queria ter mais tempo pra ficar com eles” (M1T). “[...] gostaria sim de modificar esse tempo, é o que eu mais desejaria, mas meu ramo de trabalho é complicado. O que eu mais desejo na verdade é modificar essa carga horária, mas agora eu estou no meu melhor momento profissional, agora eu não tenho como modificar, embora eu queira, meu planejamento é ter um tempo, um turno ao menos com ela” (M3T).

Por outro lado, as mães que não exercem atividade remunerada permanecem o dia todo com seus filhos, com exceção do tempo em que frequentam a Instituição de Educação Infantil. Cabe destacar que duas mulheres (M7NT, M9NT) não gostariam de mudar tal realidade, como revela a fala de M9NT: “Minha atenção pra ele é integral, no momento que eu estou com ele, que ele está em casa, eu não tenho babá, somos só nós dois na maioria do tempo, então, assim, melhor é impossível. Então não, não gostaria de modificar esse tempo, eu acho que é bem administrado” (M9NT). Porém, três mães (M6NT, M8NT, M10NT) gostariam de permanecer menos tempo com suas crianças, justificando: “[...] se eu gostaria? Gostaria. Porque é assim, é um pouco cansativo, é bom e ao mesmo tempo é cansativo porque eu preciso fazer alguma outra coisa também, eu dedico praticamente meu tempo para eles” (M6NT); “[...] gostaria, gostaria sim de ter um pouco de tempo pra me cuidar” (M8NT) e por fim: “Bem, quando elas chegam da escola, eu fico com elas de 13 às 21 horas e eu gostaria sim de ter uma bela mudança com elas, gostaria de ter mais... eu fico com elas mesmo... depois que elas chegam, esse tempo é com elas mesmo. À tarde a gente fica brincando, ficam no computador, elas gostam de fazer faxina, de mexer com água, então eu dou, deixo elas brincarem, mas sempre com elas. Eu não vou dizer que é 24 horas por dia porque tem o tempo da escola, mas o restante desse tempo é todo com elas. Ah, eu gostaria de ter uma rotina mais

diferente, ter um tempo específico pra cuidar de mim e ter um tempo pra elas. Eu acho que eu sufoco elas. Minha rotina eu estou falando de agora, antes era diferente, agora eu estou sufocada. Quando dá 20 horas eu já queria que tivesse todo mundo dormindo. Tanto eu tô cansada mentalmente por elas, porque criança grita, criança briga, assim como eu também brigo com elas, porque quando eu brigo, é muita cobrança e elas se cansam também, então eu queria que tivesse bem diferente, sim” (M10NT).

A realidade apontada por Biasoli-Alves (2000) em estudo sobre continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX é contemplada na fala da participante acima. As conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo do tempo em relação às possibilidades de escolhas profissionais e de relacionamento são avanços positivos para elas. No entanto, tais ganhos culminaram em uma sobrecarga de funções que denotam um desequilíbrio na vida das mesmas.

Palkovitz (1997) aponta alguns equívocos comuns sobre o envolvimento. São eles: (a) quanto mais envolvimento melhor, (b) envolvimento requer proximidade, (c) o envolvimento deve ser sempre observável ou factível de medição, dentre outros. Nesse sentido, o autor afirma que o envolvimento perpassa funções cognitivas, afetivas e de preocupação com o outro, por exemplo. Para ele, não necessariamente a quantidade do envolvimento significa a qualidade do mesmo. Algumas mães não inseridas no mercado de trabalho acima citadas, gostariam de modificar o tempo delas com seus filhos para menos, ganhando assim mais tempo para cuidarem de si mesmas. Por outro lado, as mães que possuem uma carga horária de trabalho de seis horas diárias estão satisfeitas com a administração do seu tempo. Tal realidade condiz com os equívocos apresentados por Palkovitz (1997).

Fica clara a necessidade de uma melhor administração do tempo de algumas mães observadas. Oliveira (2005) propõe em seu estudo a reengenharia do tempo como uma solução para essa realidade em desequilíbrio. A autora afirma que as mulheres de modo geral conquistaram, com bastante esforço, seu lugar no mercado de trabalho, antes essencialmente masculino. Entretanto, a vida doméstica permaneceu a cargo das mesmas. Sendo assim, somadas tantas atribuições, há uma falta de tempo ou uma má utilização do mesmo, sobrecarregando-as. Propõe, por fim, mudanças nessa realidade a fim de melhorar a qualidade de vida das mulheres e da sociedade de modo geral.

4.2 CUIDADO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA FOCALIZADA NO ESTUDO

Neste tópico serão abordadas questões relacionadas às concepções sobre cuidado e educação das crianças participantes deste estudo.

4.2.1 Cuidado das crianças focalizadas no estudo

Cuidar de uma criança constitui tarefa complexa: “dá trabalho, mas é gostoso” (M10NT); “é difícil, não é fácil, né? Eles demandam 100% da gente” (M3T).

A concepção de cuidar implica em uma variedade de atividades a serem realizadas para/com a criança, como consta a seguir: (a) afeto (dar amor e carinho) (M1T, M2T, M5T, M9NT): “[...] Carinho é fundamental pra uma criança porque ela vai ser aquilo que você transmite para ela, então o cuidado também envolve a questão afetiva” (M9NT); (b) proteção (M10NT): “Cuidar dela pra mim é proteger. Cuidar da alimentação, da educação, proteger, educar [...] O cuidado que tenho é ensinar, mostrar o mundo lá fora e mostrar também uma direção” (M10NT); (c) processo de pensamento: (c.1) planejar o futuro da criança (M5T): “[...] Eu costumo [...] pensar no futuro, focar em como vai ser essa educação, como vou organizar o tempo dela, acho que o cuidado é no nível físico, material, mas também da afetividade, de atenção, de carinho, brincar e estar disponível para a criança” (M5T); (c.2) ter preocupação com a criança (M2T): “Eu acho que cuidar de uma criança é, além de amar muito, se preocupar e gostar da criança, é saber qual sentido ela tem que ter na vida e guiar, orientar na verdade. Então, além de todos aqueles cuidados que são essenciais, eu acho que a gente tem que saber orientar, dar um rumo, né? Uma guiada” (M2T); (d) cuidados físicos: (d.1) alimentar (M4T, M6NT, M8NT, M10NT), (d.2) cuidar da higiene (M4T, M6NT), (d.3) cuidar da saúde (M4T, M6NT), (d.4) propiciar atividades esportivas (M6NT); (e) educação/disciplina: (e.1) estabelecer limites (M1T, M6NT): “Cuidar de uma criança é dar atenção, dar amor, dar carinho, quando precisar chamar a atenção, mostrar o que tá fazendo certo, o que tá fazendo errado, eu sei que a criança às vezes não entende quando a gente dá uma punição” (M6NT), (e.2) orientar/educar a criança (M2T, M5T, M6NT, M7NT, M9NT, M10NT): “Cuidar de uma criança é a gente dar pra eles os princípios básicos de ser solidário, compartilhar com o outro, com o coleguinha, os primos, tentar fazer ser um ser humano de bem, acho que é isso aí” (M7NT); (f) lazer/convivência: (f.1) dar atenção/estar disponível (M1T, M5T, M6NT, M8NT): “Cuidar de uma criança pra mim é ter total atenção com a

criança, eu falo em tudo, na questão psicológica, na alimentação, na questão de ter hora de brincar, de você ter uma hora pra disponibilizar pra elas ali, às vezes eu não estou com cabeça pra ir, mas elas ficam fazendo barulho: ‘vem mamãe, vem mamãe’, pra poder chamar, pra ter uma horinha ali e eu digo: “vá assistir um desenho, vá para o computador”, mas o que ela quer na verdade é que eu esteja ali brincando com ela e na verdade eu não estou disponível” (M8NT); (f.2) brincar com a criança (M1T, M5T, M6NT, M8NT).

Cuidar também implica, segundo as participantes, em uma postura de quem cuida, como: (a) gostar/amar a criança (M1T, M2T, M4T); (b) ser atento às necessidades da criança (M4T, M5T, M8NT): “Então você tem de cuidar e ver o hábito dela, se ela está alegre, se ela está triste, geralmente você sabe o que ela tá sentindo só no aspecto dela, no comportamento, acho que tem que ter esses cuidados” (M4T).

Para Carvalho, Franco, Costa e Oiwa (2012), o cuidado é assim definido:

Cuidar implica sentir-se afetado. Assim o cuidado envolve afetos e sentimentos, como responsabilidade, compaixão, proteção, expectativa, amor, prevenção, dentre outros. Se pensarmos que o ato de cuidar é uma necessidade básica universal capaz de gerar proteção para a condição física dos mais frágeis - como ato dirigido à sobrevivência, ou dedicação - como cultivo de sentimentos, a forma de cuidar é eminentemente cultural. Nesse sentido, trata-se de uma atividade que envolve uma apreensão e compreensão dirigidas a um ator, cuja inscrição social e estatuto definem não apenas o cuidar, mas quem deve cuidar, sob quais condições e com quais obrigações. A literatura que trata do tema cuidado é bastante ampla e perpassa inúmeras disciplinas das áreas biomédicas, *psi* e humanas e sociais aplicadas. Nessas produções, o cuidado é, ora ciência, ora arte, ora ideal (CARVALHO; FRANCO; COSTA; OIWA, 2012, p. 70).

Dito isso, as falas das mães participantes desse estudo corroboram com a idéia de cuidado inscrita pelos referidos autores. Aqui, o cuidado aparece, assim como defendido em Carvalho, Franco, Costa e Oiwa (2012), envolvido em diversas dimensões, como relatado a seguir: relacionado a cuidados físicos mais específicos como limpeza, higiene e alimentação; relativo a cuidados envolvendo atenção, aqui presentes não só a atenção com as crianças propriamente ditas, mas também envolvendo educação e imposição de limites; o cuidado presente na esfera do brincar; o cuidado relacionado à afetividade e até o cuidado presente de uma maneira bastante delicada por assim dizer: aquele relacionado à característica pessoal do cuidador, a exemplo, o fato de gostar de cuidar de crianças.

Com a chegada dos filhos, a família se organizou de modo tal que o cuidado deles ficou a cargo de: (a) avós maternos, pai, mãe e instituição de educação infantil (M2T, M4T);

(b) avós maternos, babá, e instituição de educação infantil (M3T); (c) tia materna, avó materna, babá, pai e mãe (M5T); (d) mãe e instituição de educação infantil (M1T, M6NT, M7NT, M8NT, M10NT); (e) bisavó materna, mãe, pai e instituição de educação infantil (M9NT).

Constata-se que as mães que trabalham contam com uma rede maior de apoio no cuidado dos filhos incluindo familiares (especialmente tia e avós maternos), e não familiares (instituição de educação infantil e babá), dado comprovado em pesquisa realizada por Almeida e Moreira (2011) em estudo realizado com famílias com filhos matriculados em instituição de educação infantil de um bairro de classe média da cidade de Salvador (BA). Esse estudo apresentou os pais como os principais responsáveis pela educação e cuidados com os filhos, vindo em seguida as avós, a professora, a babá, tios, padrinho/madrinha, irmãos, outros familiares, vizinha e médico, por fim. Numa escala de importância aparecem as avós, professoras e babá como principais responsáveis após os pais, indicando a participação essencial que essas pessoas assumem na educação dessas crianças.

Pesquisa realizada por Reis e Rabinovich (2012) teve como metodologia a abordagem de sete adolescentes e jovens (entre 18 e 30 anos) durante dois anos em bairro da região suburbana de Salvador (BA). Apesar de ter sido realizado com adolescentes, o que teoricamente não contemplaria o presente estudo de mestrado, tal pesquisa mostra-se relevante por considerar a centralidade e o valor que as avós possuem na vida dessas moças, contribuindo nos seus processos de educação e formação dos seus valores.

Já as mães que não estão inseridas no mercado de trabalho assumem grande parte das tarefas relacionadas aos cuidados com os seus filhos durante quase a totalidade do dia e contam com o apoio da Instituição de Educação Infantil.

Quando as mães foram perguntadas sobre quem são as pessoas que cuidam fisicamente dos seus filhos, as respostas fornecidas constam no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Pessoas que cuidam das crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013

Cuidado físico	Lista das pessoas envolvidas em cada uma das atividades
Trocar fralda	Mãe (M6NT, M7NT, M8NT, M9NT) Mãe e avó materna (M1T, M3T, M4T); Mãe, pai, tia e babá (M5T); Não se aplica (M2T, M10NT).

Dar banho	Mãe (M6NT, M7NT, M8NT, M10NT); Mãe, pai e irmão (M1T); Mãe, pai e avó materna (M2T); Avó materna, avô materno e babá (M3T); Mãe e avó materna (M4T); Mãe e babá (M5T); Mãe e pai (M9NT).
Dar comida	Mãe (M1T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); Mãe, tia e babá (M5T); Não se aplica (M2T, M3T).
Preparar comida	Mãe (M1T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); Mãe e avó materna (M2T); Avó materna (M3T); Mãe e babá (M5T).
Colocar para dormir de dia	Mãe (M1T, M4T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT); Babá (M5T); Mãe e pai nos finais de semana (M7NT); Não se aplica (M2T, M3T).
Colocar para dormir de noite	Mãe (M1T, M2T, M4T, M5T, M6NT, M8NT, M10NT); Dorme sozinha (M3T, M7NT); Mãe e pai (M9NT).
Atender à noite	Mãe (M1T, M2T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); Mãe e pai (M3T, M5T).
Atender quando doente	Mãe (M1T, M2T, M3T, M4T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT); Mãe e pai (M5T, M7NT).

No Quadro 2 acima, constam as pessoas que cuidam das crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Fica clara a prevalência da participação materna em todos os cuidados que envolvem tais crianças, em todas as ocasiões descritas. A centralidade das mães é apontada em estudo realizado por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) com 170 universitários baianos. Um dos resultados é a importância do papel da mãe nas famílias dos participantes. Para tais estudantes, é ela a responsável pela manutenção da união familiar e do ambiente agradável, é aquela que dá suporte emocional, realiza afazeres domésticos, resolve conflitos. É considerada também como a pessoa responsável pela transmissão das tradições familiares, além de ser figura essencial na transferência do cuidado e do afeto. A prevalência da figura da mãe nos cuidados dos filhos pequenos na atual pesquisa e, também, na visão dos adolescentes apontados em pesquisa realizada por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) são dados que reforçam a ideia de que, independente do contexto (inseridas ou não inseridas no mercado de trabalho, por exemplo) ao qual a mãe se encontra, ela prevalece como figura de

referência para seus familiares. Também em pesquisa qualitativa realizada por Almeida (2012), as concepções das mães participantes acerca da maternidade e dos cuidados com as crianças são compartilhadas independente da classe social a que estão inseridas. As mães estudadas associam a maternidade a cuidados com seus filhos e se consideram as pessoas mais responsáveis por eles.

Em relação às pessoas que realizam atividades de lazer/convivência com as crianças focalizadas no estudo, as respostas constam no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Pessoas que convivem e realizam atividades de lazer com as crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013

Lazer/convivência	Lista das pessoas envolvidas em cada uma das atividades
Brincar	Mãe (M1T, M7NT, M10NT); Mãe, pai, avó materna e avô materno (M2T); Avó materna e babá (M3T); Mãe, pai, primos, tia e avó materna (M4T); Mãe, pai, babá e primos (M5T); Mãe e irmão (M6NT); Mãe e pai (M8NT, M9NT).
Cantar/ler historinhas	Mãe (M1T, M3T, M7NT, M10NT); Avó materna (M2T); Mãe e professora da Instituição de Educação Infantil (M4T, M6NT); Mãe, pai, tia, padrinho e prima (M5T); Pai (M8NT); Mãe e pai (M9NT)
Passear	Mãe e pai (M1T, M2T, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); Babá (M3T); Mãe, pai, tia (M4T); Mãe, pai, tia e padrinho (M5T); Mãe, tios, padrinhos, avó materna, tias (M6NT).
Comprar brinquedo	Mãe, irmão e tia (M1T); Pai (M2T); Toda a família (M3T, M4T, M5T, M6NT, M9NT); Mãe (M7NT); Mãe e pai (M8NT, M10NT).

Nas atividades de lazer e convivência apresentadas no Quadro 3, percebe-se a continuidade da prevalência materna em diversas atividades, porém, fica também evidente um aumento da participação da figura paterna, como sinaliza Palkovitz (1997). Para ele, revela-se o envolvimento dos pais com seus filhos principalmente em atividades relacionadas ao brincar, a passear e à manifestação de afeto (Palkovitz, 1997). Por outro lado, o autor

manifesta que alguns pais ainda permanecem distantes fisicamente dos seus filhos por consequência de separação conjugal, dificuldades financeiras e conflitos judiciais.

Quanto às pessoas que realizam atividades externas que beneficiam os filhos das participantes, as respostas seguem no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Pessoas que realizam atividades externas que beneficiam as crianças focalizadas no estudo, conforme as mães entrevistadas. Salvador, 2013

Atividades externas	Lista das pessoas envolvidas em cada uma das atividades
Levar ao médico	Mãe (M1T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M10NT); Mãe e avó materna (M2T); Mãe e pai (M5T); Mãe, pai e avós maternos (M9NT).
Comprar alimento	Mãe (M1T, M6NT); Mãe e pai (M2T, M4T, M7NT, M9NT, M10NT); Pai (M3T, M8NT); Mãe e babá (M5T).
Comprar roupa	Mãe, prima, avó materna (M1T); Mãe (M2T, M3T, M6NT, M9NT, M10NT); Mãe, tia e avó materna (M4T); Toda a família (M5T); Mãe e pai (M7NT, M8NT).

No Quadro 4, a avó materna é citada nas três atividades apresentadas e que também estão relacionadas aos cuidados com as crianças, reafirmando diversas pesquisas já mencionadas nesse estudo (ALMEIDA; MOREIRA, 2011; RABINOVICH; MOREIRA, 2011; CARVALHO; FRANCO; COSTA; OIWA, 2012). Principalmente em se tratando das mães inseridas no mercado de trabalho, essa participação confere uma segurança maior para que essas mulheres possam desempenhar suas atividades laborais com a tranquilidade de que seus filhos estão sendo cuidados por pessoas da sua extrema confiança: as suas próprias mães.

4.2.2 Educação dos filhos

Com relação à concepção de educar uma criança, a partir das respostas obtidas foram estabelecidas seis categorias: (a) orientar/ensinar (M2T, M3T, M5T, M6NT, M7NT, M9NT,

M10NT): “Educar é você desde pequeno ensinar pra ela as regras de convivência, de respeitar o outro, de não falar tudo que escuta, né? Por exemplo falar palavras feias, é você mostrar pra ela que ela vive com outras pessoas e precisa ter esse respeito e esse cuidado com o outro. É você ensinar a ela todo o passo a passo, de que você não pode quebrar um brinquedo, pra mais tarde não quebrar uma coisa maior, não rasgar o livrinho de histórias, todo um processo, né? Educar é um processo muito grande” (M6NT); (b) estabelecer limites (M1T, M2T, M3T, M4T, M5T): “Ah, é dar limites, é mostrar, como eu falei antes, mostrar o que está certo e o que está errado, mostrar que nem tudo ela pode fazer, mostrar que tem horas que está tudo bem, agora você pode, mas tem hora que você não pode, esse não é o momento, essa não é hora pra você brincar, agora é hora de estudar, é hora de você tomar banho, agora não é hora de comer doce” (M1T); (c) transmitir valores (M5T, M6NT, M7NT, M9NT): “[...] pra mim educar é a transmissão de valores” (M5T); (d) dar exemplo (M1T, M8NT): “[...] você também tem que ser exemplo pra seu filho. Então, certas coisas que você não deve falar na frente de uma criança eu acho que isso também é muito importante, principalmente palavrões eu não dou e assim, quando alguém dá, na frente de meus filhos, eu não gosto, porque eu acho que assim, ah, tá achando engraçado uma criança falar assim, geralmente eu não gosto, então, eu acho que é isso” (M1T); “Acho que educar uma criança é... educa muito é pelo exemplo. Pra mim é o exemplo que educa. Não adianta você falar algo pra criança não fazer e você está fazendo, tipo assim, eu falo muito com meu marido, que a gente educa pelo exemplo, que eu fui educada pelo exemplo. Ele fala pra minha filha não beber, só que ela vê constantemente ele bebendo, quer dizer, vai dar um parafuso na cabeça dela, meu pai diz pra eu não beber e está bebendo? E o filho segue o exemplo do pai e da mãe, ele dá um conselho: ‘ah, filha, não bebe que faz mal’ e está fazendo, eu acho que é um conflito na mente da criança” (M8NT); (e) atribuir responsabilidades à criança conforme seu desenvolvimento (M2T) e (f) Preparar para ter sucesso na vida (M9NT).

Quando perguntadas sobre quais pessoas educam seus filhos, foram obtidas as seguintes respostas: (a) mãe, pai, avó materna, avó paterna e irmão (M1T); (b) mãe, pai, avó materna, avô materno, tia materna (M2T); (c) mãe, pai, avó materna, avô materno e professora (M3T); (d) mãe, pai e professora (M4T, M10NT); (e) mãe, pai, empregada doméstica (que também é babá), avó materna, avô materno e tia materna (M5T); (f) mãe, pai (quando era vivo), professora e tias maternas (M6NT) e, por fim: (g) mãe e pai (M7NT, M8NT, M9NT). Diante desse panorama, foram destacados três itens: (a) o primeiro deles é que mães que trabalham fora compartilham com mais pessoas a educação dos seus filhos; (b)

o segundo deles diz respeito aos colaboradores: avós e tias que colaboram com a educação das crianças são em sua maioria por parte da família de origem da mãe; (c) uma terceira observação é que o compartilhamento de cuidados e atividades voltadas para as crianças se dá mais em pessoas do sexo feminino (avós, tias, professoras, além da própria mãe). Do sexo masculino, predomina o pai, sendo que o avô foi citado por quatro participantes e o irmão de uma das crianças apenas uma vez.

A realidade apresentada pelas entrevistadas é contemplada em pesquisas citadas na presente dissertação de mestrado. Almeida e Moreira (2011) e Almeida, Carvalho, Moreira e Oiwa (2012) apresentam em seus escritos exatamente tais afirmações sobre colaboradores: o compartilhamento dos cuidados com os avós, a necessidade de compartilhar a educação com um número maior de pessoas, em se tratando das mães inseridas no mercado de trabalho e o fato de que o compartilhamento do cuidado é maior entre pessoas do sexo feminino.

Conforme as entrevistadas, a família delas tem educado as crianças focalizadas no estudo conforme descrito a seguir.

Com relação aos limites, constatou-se que é unânime a relevância do seu estabelecimento. No entanto, na prática, foram percebidas grandes variações de flexibilidade e rigidez na conduta dos familiares em tal ação: (a) pai e mãe estabelecem limites e os avós agradam (M1T, M3T); (b) todos os familiares estabelecem limites (M6NT, M7NT); (c) mãe é rígida e pai é flexível (M10NT); (d) mãe é rígida e pai, avós e tios são flexíveis (M8NT); (e) mãe e avó são flexíveis, porém o pai e o avô são rígidos (M2T); (f) avós e tios são mais rígidos do que pai e mãe (M5T). As participantes M4T e M9NT reforçaram a importância do estabelecimento de limites, mas não detalharam a atuação dos membros familiares sobre tal ação.

Valores e orientações recebidas na família de origem são transmitidos aos filhos (M2T, M3T, M4T) e algumas participantes ressaltaram a importância da transmissão de valores (M4T, M5T). Alguns valores e orientações destacados no estudo serão compartilhados a seguir: (a) respeitar o próximo (M2T, M10NT); (b) compartilhar as coisas (M2T, M10NT); (c) estabelecer limites com relação ao consumo (M1T, M10NT); (d) repreensão de comportamentos inadequados (M1T); (e) evitar desperdícios (M1T): “A gente procura mostrar que não se deve desperdiçar muito [...] Desperdício de água, por exemplo, eu não gosto. Não gosto de ver ninguém desperdiçando água então eu mostro tanto a ela quanto ao mais velho a importância que tem, quanta gente está morrendo de sede porque não tem um copo de água, então assim às vezes a pessoa pensa que é besteira, mas não é besteira, no meu

ponto de vista eu não acho que é besteira, tô tentando mostrar a eles que tem uma pessoa que tá morrendo de sede naquele momento porque não tem água” (M1T); (f) saber perder (M2T); (g) estimular o saber ouvir (M2T); (h) estimular aprendizado (M2T): “Tanto eu quanto meu marido fomos criados numa família muito bem embasada, com valores bem determinados do respeito ao próximo, dos limites, do saber dividir, do saber perder, o que tem sido uma questão difícil, porque ele é muito decidido, tem a personalidade muito forte, meu filho, então assim, o saber perder, o saber ouvir, e o saber aprender, eu tenho trabalhado muito isso com ele nesse momento” (M2T); (i) não se apropriar de coisas alheias (M3T); (j) transmissão de valores religiosos (M3T); (k) ensinar regras de boa convivência (M7NT): “Acho que tem que ter educação, sempre pedir licença, obrigada, agradecer sempre, cumprimentar as pessoas quando chega em determinado lugar, é isso aí, porque pra lembrar assim detalhado, não estou lembrando não” (M7NT); (l) estimular linguagem e raciocínio (M9NT).

As atividades realizadas pelas mães focalizadas no estudo e também por suas famílias na execução das tarefas acima citadas ocorrem da seguinte forma: (a) ensinam brincando (M1T, M9NT): “[...] eu costumo muito transmitir valores de uma forma lúdica, com brincadeiras, simulações de situações com brincadeiras mesmo e ensinar pra ele certas coisas com relação a valores dessa maneira” (M9NT); (b) ensinam através do exemplo (M3T, M5T); (c) ensinam através do diálogo (M6NT, M9NT); (d) trabalham com a criança a moral das histórias lidas e dos desenhos animados assistidos (M3T): “[...] as atividades realizadas visando a educação da criança são as histórias que a gente lê para ela, a própria moral da história, o próprio cotidiano mesmo se encarrega de mostrar nossos valores a ela, ou até os desenhos tem sempre uma moral da história, hoje eu até sei por que é 24 horas nesse *Discovery Kids*, enfim, eu acho que desde neném a gente já transmite valores” (M3T); (e) colocam de castigo (M9NT).

Com relação à participação das mães, em termos de frequência, no cotidiano das crianças, as respostas fornecidas estão tabuladas a seguir:

Quadro 5 – Participação das mães com relação ao cuidado físico das suas crianças. Salvador, 2013

Atividades relacionadas ao cuidado físico	Maioria	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Não se aplica
a. trocar fralda	M1T,M5T,M6NT,M8NT, M9NT		M3T		M2T,M4T, M7NT,M10NT
b. dar banho	M10NT, M9NT, M8NT, M6NT, M7NT, M1T, M2T, M4T	M5T, M3T			
c. dar comida	M10NT, M9NT, M8NT, M6NT, M1T, M4T, M7NT	M5T			M3T, M2T
d. preparar comida	M1T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT	M2T	M5T		M3T
e. colocar para dormir de dia	M1T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT	M7NT	M4T, M5T		M3T, M2T
f. colocar para dormir de noite	M1T, M5T, M6NT, M2T, M4T, M6NT, M10NT	M7NT, M9NT			M3T
g. atender à noite	M2T, M4T, M3T, M1T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT		M5T		
h. atender quando doente	M1T, M2T, M4T, M5T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT	M3T			

O quadro acima revela que, na maioria das vezes, as mães são as responsáveis pelas atividades relacionadas ao cuidado com seus filhos (tanto as mães inseridas no mercado de trabalho, quanto as não inseridas). Entretanto, na resposta: “não se aplica”, fornecida em atividades como trocar fraldas, dar comida, preparar comida, colocar para dormir de dia e colocar para dormir de noite, houve uma prevalência de respostas dadas por mães que trabalham fora, dado que revela uma indisponibilidade das mesmas para a execução dessas tarefas, em função das suas atividades laborais. Essas mães contam com a presença de colaboradores para a execução de algumas atividades de cuidado e educação dos seus filhos, como afirmam Almeida, Carvalho, Moreira e Oiwa (2012), justificando a não participação e/ou a pouca participação (resposta “às vezes”) das mesmas em tais ações de cuidado.

Quadro 6 – Participação das mães com relação às atividades de lazer/convivência junto a suas crianças. Salvador, 2013

Atividades relacionadas ao lazer/convivência	Maioria	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Não se aplica
i. brincar	M1T, M9NT, M10NT	M5T, M6NT, M7NT	M2T, M4T, M3T, M8NT		
j. cantar/ler historinhas	M1T, M7NT, M9NT, M10NT	M6NT	M4T, M2T, M3T, M8NT, M5T		
k. passear	M1T, M5T, M6NT, M10NT	M2T, M4T, M7NT, M9NT	M3T, M8NT		
l. comprar brinquedo	M1T, M7NT	M2T	M3T, M4T, M5T, M6NT, M8NT, M9NT, M10NT		

Atividades voltadas para o lazer e a convivência com as crianças são realizadas de maneira equilibrada pelos dois grupos de mães, de acordo com o Quadro 6. Durante o desenvolvimento do presente estudo, foi percebido que as mães inseridas no mercado de trabalho buscam realizar atividades de lazer e convivência com seus filhos durante os finais de semana, planejando-se para tanto. Diante disso, percebe-se tal equilíbrio, visto que tais mães buscam compensar a sua ausência com uma participação mais enfática nos finais de semana.

Quadro 7 – Participação das mães com relação à educação e disciplina dos filhos. Salvador, 2013

Atividades relacionadas à educação/disciplina	Maioria	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Não se aplica
m. disciplinar/educar	M3T, M4T, M6NT, M8NT, M10NT	M2T, M1T, M5T, M7NT, M9NT			

As mães focalizadas no estudo apresentam um alto grau de participação (correspondendo às respostas: “maioria” das vezes e “muitas vezes”) em atividades voltadas à

disciplina e educação, de acordo com a Quadro 7, independente do grupo a que pertençam (inseridas ou não inseridas no mercado de trabalho).

Quadro 8 – Participação das mães em atividades externas envolvendo as crianças focalizadas no estudo. Salvador, 2013

Atividades relacionadas às atividades externas	Maioria	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Não se aplica
n. levar ao médico	M1T, M2T, M4T, M5T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT	M3T			
o. comprar alimento	M1T, M2T, M3T, M4T, M6NT, M10NT	M5T, M7NT	M8NT, M9NT		
p. comprar roupa	M2T, M3T, M4T, M6NT, M10NT	M1T, M7NT, M9NT	M5T, M8NT		

No Quadro 8 foi reafirmada a prevalência materna nas atividades que envolvem seus filhos, confirmando pesquisa qualitativa realizada por Almeida (2012) quando atesta que as concepções de cuidados são compartilhadas por mães de diferentes classes sociais pertencentes ao referido estudo. Aqui, o estudo não diferenciou classes sociais e sim mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho, entretanto, as atividades externas realizadas com as crianças ou para elas, são realizadas pelos dois grupos de mães estudados com semelhante grau de investimento de tempo, prevalecendo a centralidade das mães na vida dos seus filhos de modo geral.

A seguir, serão apresentadas respostas que estão relacionadas às atividades e rotina das crianças focalizadas no estudo que frequentam alguma Instituição de Educação Infantil. Das 10 mães entrevistadas, nove possuem filhos matriculados em tais instituições. Quando perguntadas sobre quem costuma levar as crianças na Instituição de Educação Infantil, as respostas fornecidas constam a seguir: (a) a mãe (M1T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M10NT); (b) a avó materna (M2T); (c) a mãe e o pai (M9NT); (d) não se aplica, pois a criança focalizada ainda não está estudando (M5T).

As mães também foram perguntadas sobre quem busca as crianças focalizadas no estudo na Instituição de Educação Infantil. Seguem as respostas: (a) a mãe (M1T, M4T, M6NT, M8NT, M10NT); (b) a mãe e o pai (M7NT, M9NT); (c) a avó materna (M2T); (d) o avô materno (M3T); (e) não se aplica (M5T).

Quando perguntadas sobre quem costuma preparar a mochila das crianças focalizadas no estudo, foram mencionadas as seguintes respostas: (a) a mãe (M1T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); (b) a avó materna (M2T); (c) não se aplica (M5T).

Tais mulheres também foram perguntadas sobre quem costuma acompanhar a agenda de comunicação entre a Instituição de Educação Infantil e a família. As respostas constam a seguir: (a) a mãe (M1T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); (b) a avó materna (M2T); (c) não se aplica (M5T).

Por fim, foram questionadas sobre quem costuma atender as demandas da Instituição de Educação Infantil. Seguem respostas: (a) a mãe (M1T, M3T, M4T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT); (b) a mãe e a avó materna (M2T); (c) não se aplica (M5T).

A realidade apresentada acima aponta para uma sobrecarga de responsabilidade e atribuições conferidas às mães, em se tratando da rotina doméstica e educacional das crianças. Tal dado é compartilhado por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) em estudo sobre papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros das famílias baianas, que aponta a mãe como a grande responsável por atividades e rotina da família bem como a figura de maior centralidade em tais famílias.

A grande maioria das mães participantes nesse estudo realiza tarefas de levar e buscar filhos na escola, bem como conferir agenda das crianças e organizar a mochila para o dia seguinte. Em tais tarefas, o pai praticamente não foi citado, com exceção da mãe M9NT, que citou o pai da criança na atividade de levar e buscar seu filho até a Instituição de Educação Infantil.

4.3 ENVOLVIMENTO COM O(A) FILHO(A)

No quesito envolvimento com o filho, foram utilizadas categorias elaboradas por Lamb (2010) que foram aproveitadas pela mestrandia no presente estudo. Apesar de o referido autor ter focalizado o envolvimento dos pais com seus filhos, ele apresenta classificações que

são úteis aqui. São elas: (a) responsabilidade, (b) interação e (c) acessibilidade. Foi acrescentada a categoria (d) afeto. Sendo assim, foi perguntado às mães qual o envolvimento das mesmas com seus filhos em relação a tais categorias. As respostas constam a seguir:

Em se tratando de *responsabilidade*, foi unânime a constatação de serem muito responsáveis por seus filhos. Todas as mulheres responderam que se sentem responsáveis por eles (M1T, M2T, M3T, M4T, M5T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT): “[...] eu me sinto totalmente responsável por S. (filha), eu acho que ela é minha responsabilidade e sempre digo isso pra todo mundo [...]” (M5T). Já a mãe M9NT relata: “[...] como eu participo muito da vida dele, eu me sinto amplamente responsável [...]” (M9NT).

No quesito *interação*, todas as mães participantes do estudo consideram que interagem bastante com seus filhos, como pode ser percebido nos seguintes relatos: “[...] Com relação à interação, quando eu estou com ela, geralmente estou interagindo com ela, eu não fico no computador e ela assistindo televisão, por exemplo. Eu sou mais de participar, sei todos os desenhos e todas as músicas [...]” (M5T) e também: “[...] eu fico com eles praticamente o dia todo, então a gente tem um laço muito forte de estar junto, de estar brincando, estar fazendo as coisas juntos, é o dia todo, todos os momentos estar ali [...]” (M6NT).

Já no quesito *acessibilidade*, apenas uma mãe considera-se moderadamente acessível ao seu filho por conta da sua atividade laboral, como consta a seguir: “É moderada por causa do trabalho” (M1T). As demais mães (M2T, M3T, M4T, M5T, M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT) afirmam que a acessibilidade delas para com as suas crianças é alta (inclusive por telefone), a exemplo: “[...] Estou plenamente a par das necessidades cotidianas do meu filho, ainda que eu não esteja presente fisicamente” (M2T) e “[...] Acessibilidade também é total, ela liga às vezes do celular da minha mãe quando quer falar comigo, eu não tenho dificuldade de acessibilidade com ela não” (M3T).

Em se tratando de *afeto*, todas as mães participantes do estudo admitem a existência de muita manifestação de afeto entre elas e seus filhos, como fica evidente na fala da mãe M2T: “Eu acho que sou muito carinhosa. Eu não sou aquela pessoa de demonstrar muito amor, carinho, assim, eu acho que eu demonstro de outras formas, mas com ele é diferente, com ele eu digo: ‘eu te amo’, eu brinco, eu beijo, não é aquele negócio muito meloso, de pegar, apertar, amassar, mas eu acho que é alto o meu nível de manifestação de afeto” (M2T).

Apesar da manifestação de afeto ser alta, as mães M3T e M4T relataram que em paralelo ao afeto também têm a preocupação de estabelecer limites para as suas crianças, repreendendo-as quando necessário. Além disso, a personalidade da criança também colabora para um maior envolvimento afetivo, como relata a mãe M6NT: “Em termos de afeto, é muito bom, D. (filho) é muito carinhoso, ele acolhe, ele abraça, até em um deslize, quando ele faz uma coisa errada, ele diz: ‘ô, minha linda’, então, é muito bom, ele tem um jeito de trazer você pra o que ele quer, então, até fazer a tarefinha é interessante” (M6NT).

4.4 TRABALHO REMUNERADO

Nesse tópico, serão abordadas questões relacionadas ao trabalho remunerado, sendo que a presente mestranda selecionou 10 mães para a realização do estudo: cinco inseridas no mercado de trabalho atualmente (M1T, M2T, M3T, M4T, M5T) e cinco mães não inseridas no mercado de trabalho atualmente (M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT).

4.4.1 Considerações sobre o percurso profissional

A seguir será feita uma síntese do percurso profissional de cada uma das mães que exercem trabalho remunerado atualmente (M1T, M2T, M3T, M4T, M5T).

A mãe M1T começou a trabalhar com apenas 12 anos. Já desenvolveu diferentes atividades ao longo do tempo: vendedora, promotora de vendas, auxiliar de escritório, recepcionista e atualmente administra a empresa do marido (academia esportiva). Trabalha em torno de sete a oito horas por dia, sendo que tais horários são distribuídos ao longo do dia: das 5:30h às 8:00 h. e das 18:00h às 22:00 h, ela permanece na academia e, em parte do período vespertino, faz atividades externas como pagamentos e compras. Afirmar que gostaria de “[...] trabalhar menos pra poder ficar mais tempo com os meus filhos em casa” (M1T). Considera relevante trabalhar, no sentido de “[...] ajudar meu esposo, de ajudar minha família até no próprio sustento, nas necessidades que no caso os filhos pedem nesse momento que é a escola, é a parte de fazer um curso, uma atividade física, plano de saúde, essas coisas, então eu me sinto feliz em poder estar também compartilhando com meu esposo nessa parte” (M1T).

A participante M1T informou que a sua motivação para o trabalho, bem como para ter uma ascensão profissional, tem sido a família dela. O fator que facilita o exercício profissional dela é o fato de trabalhar na empresa do esposo, o que permite maior flexibilidade

em poder atender as necessidades dos filhos quando necessário (por exemplo, em caso de doença). Por outro lado, afirma que: “[...] às vezes trabalhar com o esposo é complicado, porque mesmo que você não queira você leva trabalho pra casa [...]” (M1T). Além disso, afirma que às vezes se submete às decisões profissionais do marido para poder manter a harmonia nos ambientes profissional e familiar.

No que diz respeito à conciliação entre família e trabalho, foi constatado haver uma fusão entre as duas instâncias, como fica bem expresso na fala a seguir: “[...] dormir com meu esposo, acordar com meu esposo, trabalhar com meu esposo, às vezes você se sente um pouco [...] sufocada” (M1T). Em seguida a participante manifesta o desejo de ter um tempo para se dedicar às próprias necessidades, confirmando a ambivalência de sentimentos existente em mulheres que executam atividade profissional, mas também são donas de casa e mães de família, escrita em Rocha-Coutinho (2003) e a necessidade que elas expressam em ter um tempo para elas mesmas e suas atividades pessoais.

A participante M2T iniciou sua atividade laboral como sócia do irmão em empresa de informática e não tinha rendimento fixo. De acordo com a mesma, quando começou a planejar seu casamento, seu marido não tinha rendimento suficiente para suprir as necessidades da família, e, por esse motivo, foi trabalhar em uma empresa de locação de automóveis, “[...] com salário fixo” (M2T), na função de atendente administrativa, onde permanece até os dias atuais com carga horária diária de seis horas.

Tal mãe encontra-se satisfeita com sua carga horária de trabalho, justificando que “[...] ela atende às necessidades da minha família, o estar com meu filho no período da tarde, de manhã ele está na escola, então eu fico pouco tempo sem ele, ele fica pouco tempo sem mim, ele chega meio-dia da escola e às 14 horas eu já estou em casa com ele, então, assim está ideal” (M2T). Como dito anteriormente, o trabalho foi considerado relevante para o sustento da família, mas atualmente é percebido por ela mais como um local de bom convívio com os colegas. No entanto, afirma que com a sua remuneração são pagas as prestações do financiamento do imóvel em que reside com sua família. Assim, as motivações para o trabalho giram em torno da família (atendendo às necessidades da mesma) e do próprio bem-estar da participante.

Os fatores que facilitam o exercício profissional dela são: a proximidade da sua residência com o trabalho, a carga horária que permite maior flexibilidade, inclusive para realizar troca de horário com os colegas quando necessário e o apoio dos familiares para o cumprimento das atividades laborais sem prejudicar seu filho. Por trabalhar com atendimento

ao público e haver necessidade de executar tal tarefa em datas festivas (Natal, Páscoa etc.), considera esse um fator de dificuldade encontrado em tal atividade.

Com relação à conciliação entre família e trabalho, como dito anteriormente, a participante atua profissionalmente no horário em que seu filho está na escola e permanece com ele nos outros períodos, tendo facilidade na conciliação dessas demandas. Além disso, afirma receber o apoio do marido e da família de origem também.

A tranquilidade encontrada na mãe M2T para a realização da atividade laboral está associada à sua carga horária de seis horas, o que é um fator facilitador para ela, que pode contar com outros períodos para estar com seu filho, porém, também está relacionada à rede de cuidadores que a mesma possui (a sua mãe e a instituição de educação infantil), como expressa estudo realizado por Almeida e Moreira (2011) quando apresenta a rede de colaboradores da mãe como uma vantagem encontrada na fala das participantes para a execução das suas atividades profissionais.

A mãe M3T começou a trabalhar aos 22 anos e desde então atua como fonoaudióloga, em clínica, com carga horária de 10 horas por dia. Afirma que “[...] gostaria de diminuir minha carga horária somente pelos meus filhos, por causa de L. (filha) e agora G. (filho) que está chegando, porque se não fossem eles eu acho que eu trabalharia até mais, mas não tenho intenção nenhuma de parar” (M3T).

Para a participante, sua atividade profissional é bastante relevante tendo como motivação o bem-estar da família e a sua realização profissional: “[...] Minha motivação é a minha família, é a gente poder fazer uma viagem quando a gente quiser, dar o que ela quiser quando ela pedir, embora por uma questão de educação eu não dê. Eu gosto de ter a minha independência e de poder oferecer a ela e a meu marido o bem-estar também. Eu amo o que eu faço, eu não abriria mão de jeito nenhum. Eu falei antes a você sobre abrir mão de um turno, vai ser difícil pra mim porque eu faço o que eu gosto, eu não trabalho porque eu tenho que trabalhar porque eu preciso do dinheiro não, eu trabalho na área que eu gosto, saio de casa motivada e volto já pensando no trabalho no dia seguinte” (M3T). Assim, o fator que facilita seu exercício profissional é o fato de gostar da atividade que realiza. Uma dificuldade encontrada é o fato de a filha solicitar mais tempo da sua presença.

No que diz respeito à conciliação entre família e trabalho, a mãe fala que reserva os finais de semana para se dedicar à família e, durante a semana, tem flexibilidade de horário no trabalho caso haja alguma demanda familiar que necessite da sua presença.

Já a participante M4T iniciou sua vida profissional aos 18 anos. Trabalhou por muitos anos na área de hotelaria e atualmente atua na área de educação. Sua carga horária diária é de seis horas e não gostaria de alterá-la, pois “a carga horária já facilita bastante, não é uma carga extensa, cansativa, às vezes cansa um pouco porque lidar com crianças e adolescentes é um pouco cansativo, mas em termos de carga horária não, porque você trabalha, exerce seu trabalho e parte do seu tempo você também pode estar em sua casa” (M4T).

Considera relevante o trabalho na área de educação, pois interage com pessoas e vivencia coisas novas, havendo, assim, realização profissional e pessoal. Suas motivações para o trabalho são: a família (particularmente a filha) e o fato de gostar da atividade que desempenha.

O fator que facilita seu exercício profissional é a carga horária. Por outro lado, uma dificuldade encontrada foi a falta de suporte do próprio ambiente em que trabalha para executar certas atividades laborais. A participante afirma conseguir uma boa conciliação entre família e trabalho, em decorrência da carga horária não ser muito extensa e da filha compreender quando ela tem que levar alguma atividade para casa.

A mãe M5T começou a trabalhar aos 19 anos. Sempre atuou como psicóloga: estagiou em empresa privada, depois passou em concurso público e desde então trabalha em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Além disso, fez um curso de mestrado e atualmente também atua como docente em Instituição de Ensino Superior (IES). Sua carga horária de trabalho é de seis horas por dia. Sente-se satisfeita com tal carga horária, pois permanece um período no trabalho e o outro com a filha. Para ela o trabalho é “[...] extremamente relevante e até se confunde com a minha identidade, eu gosto muito quando estou trabalhando da mesma forma que eu gosto quando estou com a minha família” (M5T). A sua motivação é a própria carreira profissional “[...] tenho amor por minha profissão e pelo que faço” (M5T).

Os fatores que facilitam a atividade profissional da M5T são: gostar da profissão, ser concursada, ter autonomia (pelo fato de não ter um chefe imediato), ter familiar que ajuda com os cuidados com a criança e a valorização e apoio por parte do marido. Afirma não encontrar dificuldades para exercer o trabalho remunerado.

Concilia a vida familiar com a profissional atendo-se às demandas de cada uma dessas esferas nos seus respectivos ambientes: “Eu tento me dedicar no lugar que estou. Se eu estou no trabalho, eu estou no trabalho, se eu estou com minha filha, eu foco nela e também

procuro não fazer mais nada de trabalho, então, eu concilio assim, me dedicando ao que estou fazendo no momento presente” (M5T).

Considerando as cinco mães que trabalham, percebe-se que, para elas, a atuação profissional é relevante, pois: (a) “ajuda” no sustento da família (M1T, M2T, M3T); (b) realiza pessoal e profissionalmente (M3T, M4T, M5T); (c) propicia um bom convívio com colegas de trabalho (M2T).

Estudo realizado por Rocha-Coutinho (2003) confirma a realidade das mulheres envolvidas no presente estudo, inseridas no mercado de trabalho: apesar da realização profissional e da divisão de contas e responsabilidades com seus companheiros, as mulheres ainda percebem a sua participação na renda familiar como “ajuda”, ou complementação da renda do marido.

As motivações para o trabalho giram em torno: (a) do sustento da família (M1T, M2T, M3T, M4T); da satisfação das participantes com a atividade laboral realizada por elas (M3T, M4T, M5T) e (c) do próprio bem-estar (M2T, M3T).

Os fatores que facilitam o exercício profissional são: (a) a flexibilidade por conta da carga horária (M2T, M4T); (b) receber apoio dos familiares (M2T, M5T); (c) gostar da atividade que realiza (M3T, M5T); (d) flexibilidade por trabalhar numa empresa familiar (com o marido) (M1T); (e) proximidade da residência (M2T); (f) ser concursada (M5T); (g) ter autonomia no trabalho (M5T).

Os fatores que dificultam o exercício profissional das mães acima estudadas são: (a) trabalhar junto com o marido (ter que fazer concessões ao marido para manter a harmonia profissional e familiar) (M1T); (b) a necessidade de trabalhar em datas festivas (M2T); (c) a filha solicitar mais tempo da presença da mãe (M3T); (d) falta de suporte do próprio ambiente em que trabalha para executar certas atividades laborais (M4T).

Por fim, as mães inseridas no mercado de trabalho, informam que conciliam a vida familiar e profissional da seguinte maneira: (a) contando com o apoio da família de origem e do marido (M2T); (b) conciliando o horário de trabalho com o horário em que o filho permanece na escola (M2T); (c) tendo flexibilidade de horário no trabalho caso haja alguma demanda familiar (M3T); (d) tendo uma carga horária de trabalho mais flexível (seis horas diárias) (M4T); (e) contando com a compreensão da filha (M4T) e (f) dedicando-se à atividade realizada no momento presente (M5T). A participante M1T afirmou ter dificuldade em conciliar a vida familiar e profissional. Em sua fala, considera o fato de trabalhar numa

empresa familiar como uma vantagem, exatamente por ter flexibilidade para estar com seus filhos quando necessário, porém demonstra insatisfação pelo mesmo motivo, em face da fusão da vida familiar e profissional.

A mãe M5T encontrou uma maneira bastante positiva de conciliação dessas duas esferas da sua vida: procura se concentrar na tarefa executada no momento presente. Assim, consegue estar mais disponível e atenta aonde quer que esteja.

A seguir serão apresentados os resultados relacionados a trabalho na perspectiva das cinco mães que não exercem atividade laboral remunerada (M6NT, M7NT, M8NT, M9NT, M10NT).

Constatou-se que todas elas exerceram no passado alguma atividade profissional, sendo que na sequência serão abordados: o percurso profissional de cada uma delas, os motivos que as levaram a interromper a atividade profissional e se elas têm planos de voltar a trabalhar.

A mãe M6NT começou a trabalhar com 19 anos exercendo a função de secretária. Mais tarde foi auxiliar administrativa numa instituição religiosa na cidade de Salvador, Bahia, porém com a chegada do primeiro filho parou de trabalhar para se dedicar aos cuidados dele.

Afirma desejar voltar a trabalhar por motivações financeiras e também por aspirar seu desenvolvimento profissional. Como ficou viúva tendo os filhos ainda pequenos, a pensão que recebe do marido é insuficiente para suprir as necessidades da família, sendo ajudada financeiramente por parentes e sua comunidade religiosa. Como informado anteriormente, a viuvez não foi o motivo de se ausentar do mercado de trabalho, pois já não trabalhava à época do falecimento do seu cônjuge. No entanto, tal estado civil dificulta a sua reinserção no mercado de trabalho pelo fato de ter-se tornado a única responsável pelos filhos.

A participante não conta com o apoio da sua mãe, já falecida. Sua sogra a ajudou no cuidado de seus filhos para que pudesse procurar emprego, todavia, diante da impaciência e dos castigos físicos a que ela submetia as crianças, passou a compartilhar o cuidado das mesmas apenas com a instituição de educação infantil (na qual já estavam inseridas desde a época em que seu marido estava vivo). Nos demais horários, a participante assume o cuidado integral dos filhos.

A mãe M7NT fez um curso técnico de enfermagem, mas teve dificuldade de se inserir no mercado de trabalho por não ter experiência profissional. Diante disso, fez um trabalho voluntário, no interior da Bahia, por seis meses. Afirma ter interrompido as

atividades laborais por falta de oportunidade. Além disso, com a chegada da filha, a participante dedicou-se aos seus cuidados. Ela pretende retomar a atividade profissional somente após voltar a estudar cursando enfermagem em nível superior.

A mãe M8NT trabalhou como recepcionista numa clínica de estética da cidade de Salvador, Bahia. Em seguida, fez um curso de digitação e foi convidada para trabalhar em consultório médico digitando laudo de ultrassonografia. Trabalhou também em outras clínicas e em um hospital particular. Foi então que engravidou e, por esse motivo, decidiu parar de trabalhar. No entanto, a participante revelou que tem planos de retomar a vida profissional, afirmando que, por ter tido um pai ausente, sempre precisou trabalhar e hoje sente falta de ter dinheiro para adquirir as próprias coisas.

A participante M9NT começou a trabalhar após concluir curso de nível superior em Publicidade e Propaganda. Atuou durante seis anos na área de vendas, período em que cursou a faculdade de Direito. Quando concluiu o segundo curso, trabalhou como advogada junto com sua irmã. Interrompeu sua atividade laboral para estudar para concurso público e cuidar do filho. Pretende voltar a trabalhar quando for aprovada em concurso na área jurídica.

A participante M10NT afirmou ter exercido atividade profissional remunerada por um curto período de tempo, pois sua mãe adoeceu e ela abandonou tal atividade para se dedicar aos cuidados dela. Em seguida casou-se e logo engravidou, permanecendo sem trabalhar para cuidar das filhas. Entretanto, pretende retomar atividade laboral, para “[...] ter minha independência financeira, pra suprir minhas necessidades e também ajudar com as meninas. Eu queria trabalhar pra ser independente, pra me manter. Certo que meu marido é muito bom, mas a gente sempre quer algo pra gente, poder comprar coisas pra mim e pra elas” (M10NT).

Em síntese, mesmo que todas elas já tenham exercido atividade profissional, os motivos que as levaram a deixar tal atividade foram diversos, associando a necessidade de cuidar dos filhos (presente nas cinco mães) a outras questões como a falta de oportunidade por conta de não ter feito curso superior (M7NT), estudar para concurso (M9NT) e cuidar da mãe que estava doente (M10NT). Como analisado anteriormente, é importante destacar que este grupo de mulheres sem atividade remunerada tinha um nível inferior de escolaridade com relação ao outro grupo de mulheres. Tal fato pode ter afetado negativamente a possibilidade de inserção no mercado de trabalho com boas condições salariais e carga horária parcial e, assim, dificultado a possibilidade de as mães trabalharem e cuidarem dos filhos, levando-as ao abandono, ainda que temporário, das atividades laborais remuneradas.

De fato, estudo realizado por Arriagada (2009) aponta para o aumento do contingente de mulheres no mercado de trabalho, sinalizando que essas mulheres representam estatisticamente a maioria das pessoas cursando nível superior de ensino.

Na realidade brasileira, dados do IBGE (2012) também apontam para o crescimento do número de mulheres com formação de nível superior entre os anos de 2000 a 2010, confirmando a necessidade de maior especialização educacional objetivando inserção e ascensão profissional.

É válido ressaltar também que Oliveira (2005) em sua proposta de reengenharia do tempo, aponta para a necessidade de renegociação da carga horária de trabalho na atualidade, por parte de empresas e funcionários, não só objetivando melhoria na qualidade de vida das mulheres já inseridas no mercado de trabalho, mas também, vislumbrando novas possibilidades de trabalho para essas mulheres que hoje se dedicam exclusivamente aos seus filhos.

Por fim, perguntou-se às mães se consideravam ou não haver alguma diferença entre as práticas de educação e cuidados dos filhos utilizadas por mães que trabalham fora de casa e por aquelas que não trabalham. Todas elas consideraram haver diferenças.

Segundo as participantes, as mães que não trabalham cuidam integralmente dos seus filhos e as que trabalham dedicam-se parcialmente a eles (M2T, M3T, M4T, M7NT, M8NT, M10NT). Segue a opinião da mãe M3T, que é ilustrativa dessa realidade: “[...] As (mães) que não trabalham estão ali totalmente disponíveis pra tudo o que precisar. Já as mulheres que trabalham, que são a grande maioria hoje em dia, ficam um pouco mais complicado, a gente se cansa muito mais. Você me perguntou mais cedo sobre a brincadeira, tem momentos que a gente chega exausta dentro de casa e ela ainda quer brincar, você faz que está brincando, mas na verdade você não está, você está ali fisicamente, mas está cansada, não aguenta mais, tem momentos que ela me chama e eu digo que estou cansada, deixa pra amanhã, e as que não trabalham estão ali o tempo todo né? Podem brincar durante o dia, pegar filho na escola, ter uma ligação melhor com os professores na escola, eu, por exemplo, não conheço quase ninguém na escola porque eu levo e não pego, eu não conheço as mães, minha vida é corrida mesmo” (M3T). Outra fala ilustrativa é a da M8NT: “[...] Eu acho que tem muita diferença. A questão do tempo, eu acho que faz muita falta pra criança, o tempo da mãe com o filho, eu acho que eles sentem falta disso e muitas vezes o pouquinho de tempo que essa mãe que trabalha fora, que está dedicada a galgar tais e tais cargos na empresa e se foca nisso e esquece de ter um tempo

com o filho e quando tem o tempo, não faz daquele tempinho que tem um tempo grandioso pra criança e às vezes tem esse tempo e não aproveita, porque a mulher hoje em dia, ela quer ser mãe, mas acima de tudo ela quer ser reconhecida como uma mega-empresária, uma pessoa que deu hiper-certo na vida profissional e esquece da parte que ela quis ser mãe” (M8NT).

Outro aspecto destacado foi o de as mães que não trabalham educarem e cuidarem de seus filhos de acordo com os próprios princípios, além de estimularem e se interessarem mais pela criança do que outro cuidador, como babá e avó (M6NT, M9NT): “Quando a mãe sempre está ali, você está fazendo as coisas de acordo com aquilo que você acha que é certo, que você vê que é certo, você está conduzindo do seu jeito, do seu jeito de mãe e quando é outra pessoa, por mais que você diga: ‘Olha, tem que ser assim’, tem que haver ajuste, orientar que vai ser dessa forma, vai ser assim, mas nunca é igual, nunca é igual o interesse de uma mãe, não é?” (M6NT) e “A mãe que está acompanhando de longe, através de uma babá, por exemplo, da avó que cuida, ela não tem as mesmas ferramentas de quem está de perto, então eu acho positiva a presença da mãe em casa. Eu graças a Deus tive essa oportunidade, meu marido dá um suporte muito grande com isso, de eu permanecer em casa com ele e acompanhar o desenvolvimento dele de perto, eu acho o saldo extremamente positivo, então, eu não trocaria essa realidade, pelo menos agora nesse momento” (M9NT).

Por outro lado, foi destacado por uma participante (M5T) que as mães que não trabalham têm uma maior quantidade de tempo com a criança, mas as que trabalham podem ter uma melhor qualidade de interação no tempo que dispõem para o filho.

Outra entrevistada (M1T) destacou, ainda, que diante do fato de a mãe trabalhar, existe a possibilidade de a criança se tornar mais madura ou, por outro lado, fragilizada emocionalmente em decorrência do tempo de ausência da mãe.

Diante desse quadro, é pertinente informar que foi levado em consideração o fato objetivo de a mãe que trabalha ficar menos tempo com a criança. Por outro lado, também foram apresentados aspectos mais subjetivos tanto da mãe (por exemplo: gostar de ser mãe e dedicar-se ao filho no tempo disponível), quanto da criança que pode fragilizar-se ou fortalecer-se diante do fato de sua mãe permanecer pouco tempo com ela por causa do trabalho.

Também foi observado que algumas mães (M2T, M7NT) retomam as experiências da própria infância para julgar o fato de existir diferença na educação e cuidado dos filhos em decorrência do trabalho das mães. Uma delas (M2T) refere ter sido positivo que a própria mãe cuidasse dela com exclusividade, mas reconhece que, na atualidade, é necessário que a mulher exerça atividade profissional. Já a mãe M7NT considerou negativo ter sido cuidada por babá e, diante disso, dedica-se integralmente ao filho.

Ao se comparar os dois grupos (mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho) parece haver um consenso de que há um maior tempo de dedicação aos filhos por parte das mães que não trabalham. Algumas diferenças são: (a) participantes que não trabalham (M6NT, M9NT) enfatizam a existência de melhor desenvolvimento da criança quando as mães dedicam-se integralmente a elas; (b) participante que trabalha (M5T) destaca a qualidade da interação e não a quantidade.

De fato, o trabalho feminino se converteu em importante objetivo para as mulheres brasileiras de classe média. Almeida (2012) sinaliza que a mãe que decide trabalhar fora de casa na atualidade necessita reajustar atividades domésticas, e isso às vezes se mostra uma tarefa difícil. Por outro lado, ainda que elas não estejam envolvidas em atividades laborais, permanece presente o desejo de que isso aconteça, associando a atividade profissional à realização pessoal.

Entretanto, as mães inseridas no mercado de trabalho apresentadas no presente estudo de mestrado parecem realizar melhor organização do tempo objetivando estar com seus filhos, e, também, mostram-se realizadas em suas atribuições profissionais. Mesmo assim, concordam com a ideia de que as mães não inseridas no mercado de trabalho disponibilizam de maior tempo para cuidarem e educarem seus filhos e que gostariam de ter mais tempo com os seus filhos também.

Tais fatos acima citados denotam a complexidade dessa temática. Parece haver um descontentamento com a atual posição de ambos os grupos e uma idealização da realidade diferente da vivida por tais mulheres. As mães que trabalham fora gostariam de ter mais tempo com seus filhos, enquanto que as mães que não realizam atividades laborais remuneradas pretendem retornar ao mercado de trabalho.

Tal realidade carece de novos estudos, para que essas questões sejam mais discutidas objetivando maior satisfação pessoal para as mulheres que a vivenciam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo inicial do presente estudo de mestrado – conhecer as concepções e práticas de mães de crianças (com idades entre dois e cinco anos) sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as que não estão inseridas no mercado de trabalho –, conclui-se ter havido um avanço nessa direção, sem, contudo, ter-se esgotado tal escopo.

A seguir, serão apresentadas as categorias definidas a partir da análise de dados e, em seguida, os principais resultados obtidos que esclarecem os objetivos específicos do estudo.

Foram elencadas as seguintes categorias partindo da análise de dados (entrevistas realizadas): família, maternidade e rotina da mãe; cuidado e educação da criança focalizada no estudo; envolvimento com o filho e trabalho remunerado.

Quando perguntadas sobre as concepções de família, a opinião predominante foi família como a “base de tudo”, encontrada em nove respostas fornecidas. Tal dado sinaliza a centralidade da família na vida das entrevistadas. Em seguida, a família foi concebida como um “sentido para a vida” das mesmas, retomando Frankl (2013) e Walsh (2005) cujos escritos apontam para a importância da existência de sentido na vida das pessoas. A família também foi citada como local de troca de ensinamentos e valores e onde se encontram as pessoas com as quais se compartilha a vida. Já os significados de maternidade foram: responsabilidade, tarefa complexa, amor incondicional, dívida de Deus, continuidade da família e resposta valorativa positiva, o que confere a relevância da maternidade para essas mulheres.

As concepções de cuidado, para as participantes, foram: manifestar afeto, educar, disciplinar, estabelecer limites e fornecer orientações. Tais concepções envolvem, também, processos de pensamento, tais como: ter preocupação com a criança e planejar o seu futuro. As práticas de cuidado consistem em atividades envolvendo o cuidado físico, como: alimentar, cuidar da higiene, cuidar da saúde, propiciar atividades esportivas e de lazer e ter disponibilidade para brincar com as suas crianças. Por fim, ressaltam que o cuidado também implica uma postura do cuidador, que, para elas, precisa gostar de crianças e estar atento às necessidades das mesmas.

As concepções de educação encontradas foram: orientar e ensinar, estabelecer limites, transmitir valores que envolvem o respeito ao próximo, limites com relação ao consumo, compartilhar as coisas, evitar desperdícios, repreender comportamentos

inadequados, saber perder, aprender a ouvir, estimular a aprendizagem, não se apropriar de coisas alheias, apreender regras de boa convivência e valores religiosos. Ainda sobre concepções de educação, elas alistem: dar exemplo para os filhos, atribuir responsabilidades às crianças de acordo com seu processo de desenvolvimento e prepará-las para ter sucesso na vida.

As práticas de educação utilizadas pelas mães participantes do estudo foram: ensinar brincando, ensinar através do exemplo e do diálogo, trabalhar com as crianças a moral das histórias e, por fim, colocar de castigo. Tais atividades também são atribuídas às práticas educativas utilizadas pela família das crianças, em concordância com as mães.

As concepções sobre família, cuidado e educação de filhos se assemelham, se comparados os dois grupos de mães (inseridas e não inseridas no mercado de trabalho). Entretanto, as práticas de cuidado e educação diferem devido à rotina diferenciada de um grupo se comparado ao outro. Ambos os grupos contam com instituição de educação infantil durante um período do dia. As mães inseridas no mercado de trabalho demonstraram empenho para estar ao menos um turno em casa com as crianças. Tais mães possuem uma rede de colaboradores auxiliando na tarefa de cuidado e educação dos seus filhos.

As mães não inseridas no mercado de trabalho se ocupam mais das atividades domésticas e permanecem um período a mais com seus filhos do que as mães que trabalham fora. Todas elas realizam trabalho relativo ao cuidado dos filhos nos três períodos.

Como convergência, ambos os grupos de mães aprontam as crianças, organizam seu material escolar e as transportam até a instituição de educação infantil. Também se assemelham as atividades realizadas visando convívio familiar, como a realização de visitas constantes à casa dos avós e outros parentes. Um ponto de divergência são os finais de semana. Enquanto as mães inseridas no mercado de trabalho priorizam atividades de lazer com seus filhos, as não inseridas dão preferência a atividades como descansar e assistir televisão. Portanto, foi percebido que as mães inseridas no mercado de trabalho organizam melhor o seu tempo para dar conta de tantas atividades.

Diante desse panorama, foram destacados três itens: o primeiro deles é que mães que trabalham fora compartilham com mais pessoas a educação dos seus filhos, o segundo dado encontrado diz respeito aos colaboradores: avós e tias que colaboram com a educação das crianças são em sua maioria por parte da mãe. Uma terceira observação é que o compartilhamento de cuidados e atividades voltadas para as crianças se dá mais com pessoas

do sexo feminino (avós, tias, professoras, além da própria mãe). Do sexo masculino, predomina o pai, sendo que o avô foi citado por quatro participantes e o irmão de uma das crianças apenas uma vez.

A realidade apresentada acima aponta para a sobrecarga de responsabilidades e atribuições conferidas às mães, em se tratando da rotina doméstica, educacional e escolar das crianças. Tal dado é compartilhado em estudo realizado por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) citando a mãe como a pessoa responsável por atividades e rotina da família.

Ao se comparar os dois grupos de mães, parece haver um consenso de que há um maior tempo de dedicação aos filhos por parte das mães que não trabalham. Entretanto, duas participantes que não trabalham enfatizam o melhor desenvolvimento da criança quando as mães dedicam-se integralmente a elas e uma participante que trabalha destaca a qualidade da interação e não a quantidade como uma solução pessoal para lidar com a sua ausência em determinados períodos do dia.

Conclui-se que a maternidade é central na vida das mulheres entrevistadas. Mesmo mais sobrecarregadas, as mães inseridas em atividades profissionais contam com uma rede de apoio nos cuidados dos filhos e apresentam satisfação pessoal, financeira e profissional proporcionada pelo trabalho. Já as mulheres que não estão inseridas no mercado laboral, reconhecem a importância da presença delas junto aos filhos, porém, por vezes, sentem-se sufocadas pelas demandas familiares e desejam ter um tempo para suprir suas necessidades pessoais e profissionais, aspirando retornar ao mercado de trabalho.

Avaliando as estratégias metodológicas utilizadas, percebe-se que o uso de pesquisa qualitativa, quando bem sistematizado, aponta resultados satisfatórios e capazes de suscitar novos questionamentos, diante da riqueza dos mesmos. Dessa maneira, considero que os objetivos gerais e específicos dessa dissertação foram contemplados.

Enfim, diante do que foi constatado no presente estudo, identificou-se a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem a relação mulher, família e trabalho, estudos que investiguem a questão do tempo na contemporaneidade e, também, outros levantamentos que aprofundem questões relacionadas à dinâmica da mulher na sociedade atual. Essas são possibilidades relevantes para a ampliação do saber e a aquisição de nova literatura para as Ciências Humanas e para a sociedade de um modo geral.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J. I.; PINHO, D. L. M. As transformações do trabalho e desafios teórico-metodológicos da Ergonomia. *Revista Estudos de Psicologia*. Natal, v. 7, p. 45-52, 2002.

ALMEIDA, L. S. Working mothers and their multivoiced self. *Revista Colombiana de Psicologia*. Bogotá. v. 21, n. 2, p. 315-324, july-december, 2012.

ALMEIDA, V. M. P.; MOREIRA, L. V. C. Colaboradores das Famílias na Educação dos Filhos: Vantagens e Desvantagens. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. (Orgs). *Família e Parentalidade: Olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá, p. 187-203, 2011.

ARRIAGADA, I. A. La diversidad y desigualdad de las familias latinoamericanas. *Revista Latinoamericana de Estudios da Família*. Chile. v.1, p. 9-21, enero-diciembre, 2009.

ARRIAGADA, I. Nuevas familias para un nuevo siglo? *Cadernos de Psicologia e Educação: Paidéia*, v. 18, n.10, p. 28-35, 2000.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A questão da disciplina na prática da educação da criança, no Brasil, ao longo do séc. XX. *Veritati*, n. 2, p. 243-259, 2002.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 16, n. 3, p. 233-239, setembro-dezembro, 2000.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. *Temas em Psicologia*, n. 3, p. 33-49, Ribeirão Preto: São Paulo, 1997.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; CALDANA, R. H. L.; VENDRAMIN, P.; CANDIANI, M. Brazilian children and adolescents in the 20th century beginning: family life. *Book of Abstract XIVth Biennial Meetings of ISSBD*. Quebec: 511, 1996.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. *Família, socialização e desenvolvimento: as práticas de educação da criança*. Tese de Livre-Docência, Ribeirão Preto: USP, 1995.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; DIAS DA SILVA, M. H. G. F. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia*, v. 2, p. 61-69, Ribeirão Preto: São Paulo, fevereiro-julho, 1992.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; VENDRAMIN, P. *O desenvolvimento na velhice*. Relatório de bolsa de Iniciação Científica, PIBIC-CNPq. 1997. 80 p.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. *A profissão de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, p. 9-39, 2002.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BURGUIÉRE, A.; LEBRUN, F. As mil e uma famílias da Europa. In: BURGUIÉRE, A. (Org.). *História da família: O choque das modernidades: Ásia, África, América, Europa*. 1. ed., Portugal: Terramar, p. 22-28, 1998.

CARVALHO, M. C; SZYMANSKI, H. *A família contemporânea em debate*. 4. ed, São Paulo: EDUC/Cortez., p. 14-15, 2002.

CARVALHO, A. M. A.; FRANCO, A. L. S.; COSTA, L. F.; OIWA, N.N. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: *Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 63-110.

CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C. *Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*. Salvador: EDUFBA, 349 p, 2012.

CIRINO, J. F.; LIMA, J. E. Participação feminina no mercado de trabalho: análise de decomposição para o Brasil e as regiões metropolitanas de Belo Horizonte e Salvador. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*. Viçosa, v. 23, n. 2, p. 30-57, 2012.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. Em: Dessen, M. A.; A. L. Costa Junior (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. p. 132-151, Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, v. 30, n. esp., p. 202-219, 2010.

DIAS DA SILVA, M. H. G. F. *A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: uma busca do melhor?* 1986. 253 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1986.

DIAS, C. M. S. B. A realidade de ser avô/avó no Brasil hoje. In: PETRINI, G.; MOREIRA, L.; ALCÂNTARA, M.; BASTOS, A. C. (Orgs). *Família: recurso pessoal e social*. O caso do Brasil. Curitiba: Juruá (prelo).

DONATI, P. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 239 p, 2008.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, janeiro-junho, 2002.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 8, n. esp., p. 31-38, 2003.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 34 ed, Petrópolis: ed. Vozes, 2013.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed, São Paulo: Global, 2003.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas (RAE)*. São Paulo, v. 35, n. 2, p 57-63, março-abril, 1995.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 19, n. 1, p. 29-48, janeiro- junho, 2002.

GOLDANI, A. M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 91, novembro, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2296&busca=1&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao>. Acesso em: 14 de abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades@** - Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 08 de set. 2012.

JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo, v. 31, n. 2, agosto, 1997.

LAMB, M. E. How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In: LAMB, M. E. (Org.). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons, p. 1-26, 2010.

MOREIRA, L. V. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O olhar de pais de camada média sobre a educação de filhos. In: MOREIRA, L. M.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). *Família e Educação: olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas, p. 33-57, 2012.

MOREIRA, L. V. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. As famílias e seus colaboradores na tarefa de educar os filhos. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*. v. 17, n. 2, p. 26-38, 2007.

MOREIRA, L. V. C.; CARVALHO, A. M. A.; ALMEIDA, V. M. P.; OIWA, N. N. A Prevalência materna e feminina no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C. (Orgs.). *Dinâmica familiar e do cuidado: Afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MOREIRA, L. E.; NARDI, H. C. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 569-594, maio-agosto, 2009.

NOB. Norma Operacional Básica da Assistência Social. 2005.

OLIVEIRA, R. D. Reengenharia do Tempo. In: Trigesima oitava reunião da mesa diretiva da Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e Caribe (CEPAL). Mar Del Plata: Argentina, 2005.

PALKOVITZ, R. Reconstructing "involvement": expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In: Hawkins, A.; Dollahite, D. (Orgs.). *Generative Fathering: Beyond Deficit Perspectives*. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 200-216, 1997.

PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: ed. PUC- Rio, 2005.

PERLIN, G.; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005.

PETRINI, J. C. Família na abordagem relacional de Pierpaolo Donati. In: DONATI, P. *Família no século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 13-46, 2008.

PETRINI, J. C. *Pós-modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: SP: EDUSC, 2003.

PETRINI, J. C.; ALCÂNTARA, M. A. R.; MOREIRA, L. V. C. Família na contemporaneidade: análise conceitual. In: MENEZES, J. E. X.; CASTRO, M. G. (Org.). *Família, população, sexo e poder*. Salvador: Paulinas, p. 4, 2009.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 15, abr. 1997.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C. Estudos sobre família em contextos brasileiros. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. *Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. Curitiba: Juruá, p. 15-40, 2011.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Revista Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

REIS, L. P. C.; RABINOVICH, E. P. Educação compartilhada entre mães e avós. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). *Família e educação: olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas, p. 59-76, 2012.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, v. 12, n. 2, p. 65-82, 2000.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando a executiva é uma dama: a mulher, a carreira e as relações familiares. In: FÉRES- CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003.

SCABINI, E. Transitions in the Family. In: SCABINI, E.; ROSSI. (Orgs.). *Family Transitions and Families in Transition*. Milano: Vita e Pensiero, 2012.

SCAVONI, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface_ Comunic, Saúde, Educ.* v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARYONLINE (SCIELO) - Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)/American Psychological Association (APA). Disponível em: <www.scielo.org>. Acesso em: 10 abr. 2004.

SOARES, M. R. Z.; SOUZA, S. R.; MARINHO, M. L. Envolvimento dos Pais: Incentivo à Habilidade de Estudos em Crianças. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.1, n.3, p. 253-260, set.-dez., 2004.

SOUZA, C. B. S. *De casa para a rua e da rua para casa: implicações e interações família e trabalho*. 2012. 231 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, 2012.

WAGNER, A. Família e Educação: aspectos relativos a diferentes gerações. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: ed. PUC- Rio, 2005.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 2, p. 181-186, maio-agosto, 2005.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: _____ Duração da entrevista: _____

I DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____

2. Escolaridade

- Ensino Médio (incompleto) Ensino Médio (completo)
 Nível Superior (incompleto) Nível Superior (completo)
 Pós-graduação *lato sensu* (incompleto) Pós-graduação *lato sensu* (completo)
 Pós-graduação *stricto sensu* (incompleto) Pós-graduação *stricto sensu* (completo)

3. Estuda atualmente? (em caso positivo especificar) _____

4. Estado civil

- solteira casada união estável divorciada viúva

5. Quantidade de filhos: _____. Idade e sexo de cada um: _____

6. Filho (a) focalizado (a) no estudo (idade e sexo): _____

7. Pessoas que residem com a participante (parentesco com relação a ela).

Parentesco	Idade	Sexo

II FAMÍLIA, MATERNIDADE E ROTINA DA MÃE

8. O que é família para você?

9. Quem faz parte da sua família?

10. Trajetória da formação da família atual.

* desejo de constituir uma família;

- * namoro;
- * casamento.

11. Em sua opinião, o que significa ser mãe?
12. Gostaria que você me falasse sobre o seu desejo (ou falta de desejo) de ser mãe.
13. Qual o significado da maternidade em sua vida?
14. Como você tem vivenciado a experiência de ser mãe da criança focalizada neste estudo?
15. Durante a semana, quais atividades você realiza:
 - * no período da manhã;
 - * no período da tarde;
 - * no período da noite.
16. Quais atividades você realiza nos finais de semana?
17. Quantas horas por dia você disponibiliza com atenção aos filhos? Gostaria de modificar esse tempo?

III CUIDADO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA FOCALIZADA NO ESTUDO

18. Para você, o que é cuidar de uma criança?
19. Com a chegada dos filhos, como a família se organizou com relação ao cuidado deles?
20. Quem são as pessoas que cuidam fisicamente do (a) seu (ua) filho (a):

Cuidado físico	Listar as pessoas envolvidas em cada uma das atividades
Trocar fralda	
Dar banho	
Dar comida	
Preparar comida	
Colocar para dormir de dia	
Colocar para dormir de noite	
Atender à noite	
Atender quando doente	

21. Quem são as pessoas que realizam atividades de lazer/convivência com o (a) seu (ua) filho (a):

Lazer/convivência	Listar as pessoas envolvidas em cada uma das atividades

Brincar	
Cantar/ler historinhas	
Passear	
Comprar brinquedo	

22. Quem são as pessoas que realizam as seguintes atividades externas que beneficiam o (a) seu (ua) filho (a):

Atividades externas	Listar as pessoas envolvidas em cada uma das atividades
Levar ao médico	
Comprar alimento	
Comprar roupa	

23. Em sua opinião, o que é educar uma criança?

24. Quais são as pessoas que educam o (a) seu (ua) filho (a)?

25. Como a sua família tem educado o (a) seu (ua) filho (a) em termos de:

- * orientações fornecidas;
- * estabelecimento de limites;
- * transmissão de valores (quais valores são transmitidos e de que forma);
- * atividades realizadas visando a educação da criança.

26. Quero que você me diga como tem sido **a sua participação, em termos de frequência**, nas atividades do dia-a-dia com o (a) filho (a) focalizado (a) neste estudo:

Atividades	Maioria	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Não se aplica
Bloco 1: Cuidado físico					
a. Trocar fralda					
b. Dar banho					
c. Dar comida					
d. Preparar comida					
e. Colocar para dormir de dia					
f. Colocar para dormir de noite					
g. Atender à noite					
h. Atender quando doente					

Bloco 2: Lazer/convivência					
i. Brincar					
j. Cantar/ler historinhas					
k. Passear					
l. Comprar brinquedo					
Bloco 3: Educação/disciplina					
m. Disciplinar/educar					
Bloco 4: Atividades externas					
n. Levar ao médico					
o. Comprar alimento					
p. Comprar roupa					

Caso a criança esteja matriculada em instituição de educação infantil, perguntar:

27. Quem costuma levar a criança para a instituição de educação infantil?
28. Quem costuma buscar a criança na instituição de educação infantil?
29. Quem costuma preparar diariamente a mochila com lanche e roupas/objetos pessoais?
30. Quem costuma olhar/acompanhar a agenda/caderno de comunicação entre pais e a instituição de educação infantil?
31. Quem costuma atender às demandas ou solicitações diversas da instituição de educação infantil (atividades, eventos, festas, etc.)?

IV ENVOLVIMENTO COM O (A) FILHO (A)

32. Como é o seu envolvimento com o (a) seu (sua) filho (a) em termos de:

- * Responsabilidade;
- * Interação;
- * Acessibilidade.

33. Como é o seu envolvimento com o (a) filho (a) focalizado (a) no estudo em termos de afeto?

V TRABALHO REMUNERADO

34. Você exerce trabalho remunerado atualmente? Sim Não

EM CASO AFIRMATIVO:

35. Agora vamos falar sobre seu percurso profissional.

- * idade em que começou a trabalhar;
- * atividades desenvolvidas ao longo do tempo;
- * motivações para o trabalho;
- * qual é sua atividade profissional atual?
- * relevância do trabalho atual para a entrevistada;
- * quantas horas diárias você dedica à atividade profissional?
- * você gostaria de modificar sua carga horária? Justifique.
- * fatores que facilitam o exercício profissional;
- * dificuldades encontradas para exercer o trabalho remunerado.

36. Como concilia vida familiar e profissional?

EM CASO NEGATIVO:

37. Já exerceu alguma atividade profissional? Sim Não

Caso tenha trabalhado no passado:

38. Como foi o seu percurso profissional?

39. Por quais motivos você parou de trabalhar?

40. Você tem planos de voltar a trabalhar? Sim Não. Justifique.

Caso nunca tenha exercido atividade profissional:

41. Houve algum motivo específico que tenha feito você não ingressar no mercado de trabalho? Explicar.

42. Você tem planos de ingressar no mercado de trabalho? Sim Não. Justifique.

PARA TODAS AS ENTREVISTADAS:

43. Para você, há alguma diferença entre as práticas de educação e cuidados dos filhos utilizadas por mães que trabalham fora de casa daquelas que não estão inseridas no mercado de trabalho?

44. Gostaria de acrescentar algo sobre o que conversamos?

Obrigada.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A senhora está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada: “Família, cuidado e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho”, que será desenvolvida pela pesquisadora Clarissa Santos Fontoura, mestranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, sob orientação da Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer as concepções e práticas de mães sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as que não estão inseridas no mercado de trabalho. Para a coleta de dados/informações será desenvolvida uma entrevista, cujo roteiro compreenderá perguntas relacionadas ao tema estudado, com duração aproximada de cinquenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir de sua participação e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para a senhora.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, a senhora poderá deixar de respondê-la.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos. A sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro.

Em caso de dúvida, ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Clarissa Santos Fontoura - mestranda
 Lúcia Vaz de Campos Moreira - orientadora
 Universidade Católica do Salvador
 Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
 Av. Cardeal da Silva, 205 - Federação
 Salvador-Ba
 CEP: 40.231-902
 Telefones: (71) 9955-5775 (Clarissa) e (71) 8875-7822 (Lúcia).

Considerando as observações acima:

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA EM CLÍNICA PEDIÁTRICA



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
 Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação
 Família na Sociedade Contemporânea

Salvador, 27 de março de 2013.

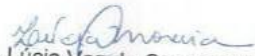
Universidade Católica do Salvador
 Programa de Pós - Graduação
 Mestrado em Família na
 Sociedade Contemporânea

Prezada Dra. Normandia Lacerda
 Pediatra

Ao cumprimentá-la, solicitamos que a pesquisa de mestrado intitulada "Família e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho" seja realizada com mães de seus pacientes da sua clínica de pediatria. O objetivo do estudo é conhecer as concepções e práticas de mães sobre família e educação de filhos, comparando as representações das que trabalham com as que não estão inseridas no mercado de trabalho.

Caso autorize a realização de tal pesquisa, a mestranda Clarissa Santos Fontoura permanecerá na sala de espera e convidará as mães de seus pacientes para a realização de uma entrevista que será agendada até atingir um total de 10 entrevistadas (cinco que trabalham e cinco que não estão inseridas no mercado de trabalho). Só participarão do estudo as que tiverem filhos com idades entre dois e cinco anos e que assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. Tal entrevista será realizada em local de conveniência para as participantes e será mantido sigilo do nome delas. Informo, ainda, que não haverá risco nem para a sua clínica e nem para as referidas mães.

Agradecemos sua atenção e aguardamos sua resposta.
 Atenciosamente,


 Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira
 Professora do Programa de Pós-graduação
 em Família na Sociedade Contemporânea
 Orientadora da mestranda


 Clarissa Santos Fontoura
 Mestranda

Eu, Normandia Lacerda, autorizo a realização da pesquisa intitulada "Família e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho" na minha clínica pediátrica localizada na cidade de Salvador, tendo conhecimento de que serão tomados todos os cuidados éticos.



Local:
 Data:


 Dra. Normandia Lacerda

Avenida Cardeal da Silva, 205 - Federação.
 Salvador - BA 40231-902
 Tel. 71_3203-6969 E-mail: mfamilia@ucsal.br

ANEXO

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

	MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA ((MCO/UFBA))	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: Família, cuidado e educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho		
Pesquisador: Clarissa Santos Fontoura		
Área Temática:		
Versão: 2		
CAAE: 16516113.7.0000.5543		
Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 521.112		
Data da Relatoria: 04/02/2014		
Apresentação do Projeto:		
<p>Pesquisas sobre família, cuidado e educação de filhos, além de incrementar a produção científica, podem ser úteis para o embasamento da atuação de profissionais de diversas áreas, colaborando, inclusive, com a própria implantação de políticas familiares.</p>		
<p>Trata-se de um estudo qualitativo por saturação. Serão realizadas entrevistas com 10 mães (serão convidadas a participar da pesquisa a partir da observação na sala de espera mães que tenham o perfil desejado - que tenham filhos com idades entre dois e cinco anos, sendo cinco delas inseridas no mercado de trabalho e outras cinco não inseridas. A escolha das participantes será feita em clínica de pediatria da Dra. Normandia Lacerda e carta de anuência assinada anexada). Sendo essa uma pesquisa qualitativa, será utilizado como instrumento um roteiro de entrevista com questões predominantemente abertas abordando: dados de identificação; família, maternidade e rotina da mãe; cuidado e educação da criança focalizada no estudo; envolvimento com o(a) filho(a) e trabalho remunerado. A partir da aceitação as mães serão entrevistadas em local apropriado com confidencialidade, as entrevistas serão gravadas. A análise será qualitativa.</p>		
Endereço: Rua do Limoeiro, 137	CEP: 40.005-150	
Bairro: Nazaré	Município: SALVADOR	
UF: BA	E-mail: cepmco@ufba.br	
Telefone: (71)3283-9210		



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE
OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



Continuação do Parecer: 521.112

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Conhecer as concepções e práticas de mães sobre família, cuidado e educação de filhos, comparando as visões das que trabalham com as que não estão inseridas no mercado de trabalho.

SECUNDÁRIO:

1. Investigar as concepções sobre família apresentadas pelas participantes;
2. Identificar o significado da maternidade para as mães estudadas;
3. Conhecer as concepções e práticas das participantes sobre cuidado e educação de filhos pequenos;
4. Investigar, na perspectiva das mães, quais são as práticas educativas utilizadas pela família;
5. Comparar as concepções sobre família e as práticas de cuidado e educação de filhos apresentadas pelas mães dos dois grupos (as inseridas no mercado de trabalho e as que não trabalham fora de casa).
6. Verificar se há diferenças na atenção dispensada aos filhos entre as mães que atuam no mercado de trabalho e as demais mães.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, haverá apoio psicológico por parte da mestranda, que é psicóloga e, caso necessário, haverá encaminhamento para psicoterapia.

BENEFÍCIOS:

Os conhecimentos obtidos poderão incrementar os estudos científicos sobre família e cuidado/educação de filhos, além disso, embasar políticas públicas voltadas para as famílias.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um qualitativo por saturação em uma clínica particular de pediatria. Ético bem fundamentado.

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

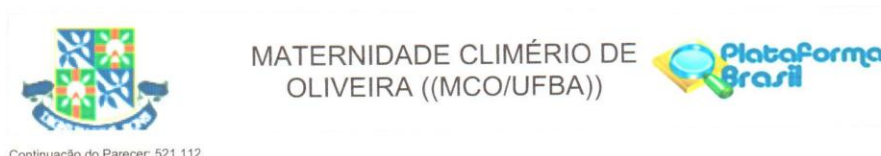
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-9210

CEP: 40.005-150

E-mail: cepmco@ufba.br



Continuação do Parecer: 521.112

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE: Adequado.

Orçamento: COMPATÍVEL

Cronograma: COMPATÍVEL

Termo de anuência: OK

Recomendações:

-O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. 466/12 CNS/MS) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

-O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. 466/12 CNS/MS), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata. No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/12 CNS/MS.

-O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.

-Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao

Endereço: Rua do Limoeiro, 137
 Bairro: Nazaré CEP: 40.005-150
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3283-9210 E-mail: cepmco@ufba.br



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE
OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



Continuação do Parecer: 521.112

protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).

-Relatórios PARCIAIS devem ser apresentados ao CEP-MCO SEMESTRALMENTE e final na conclusão do projeto.

-Assegurar aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa (466/12 CNS/MS).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SALVADOR, 04 de Fevereiro de 2014

Assinador por:
Eduardo Martins Netto
(Coordenador)

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

CEP: 40.005-150

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-9210

E-mail: cepmco@ufba.br